Húmus

Raul Brandão

HÚMUS

RAUL BRANDÃO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

CAPÍTULO I

A VILA

13 de Novembro

Ouço sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...

Uma vila encardida — ruas desertas — pátios de lajes soerguidas pelo único esforço da erva — o castelo — restos intactos de muralha que não têm serventia: uma escada encravada nos alvéolos das paredes não conduz a nenhures. Só uma figueira brava conseguiu meter-se nos interstícios das pedras e delas extrai suco e vida. A torre — a porta da Sé com os santos nos seus nichos — a praça com árvores raquíticas e um coreto de zinco. Sobre isto um tom denegrido e uniforme: a humidade entranhou-se na pedra, o sol entranhou-se na humidade. Nos corredores as aranhas tecem imutáveis teias de silêncio e tédio e uma cinza

invisível, manias, regras, hábitos, vai lentamente soterrando tudo. Vi, não sei onde, num jardim abandonado — inverno e folhas secas — entre buxos do tamanho de árvores, estátuas de granito a que o tempo corroera as feições. Puíra-as e a expressão não era grotesca mas dolorosa. Sentia-se um esforço enorme para se arrancarem à pedra. Na realidade isto é como Pompeia um vasto sepulcro: aqui se enterraram todos os nossos sonhos... Sob estas capas de vulgaridade há talvez sonho e dor que a ninharia e o hábito não deixam vir à superfície. Afigura-se-me que estes seres estão encerrados num invólucro de pedra: talvez queiram falar, talvez não possam falar.

Silêncio. Ponho o ouvido à escuta e ouço sempre o trabalho persistente do caruncho que rói há séculos na madeira e nas almas.

* * *

15 de Novembro

Debaixo destes tetos, entre cada quatro paredes, cada um procura reduzir a vida a uma insignificância. Todo o trabalho insano é este: reduzir a vida a uma insignificância, edificar um muro feito de pequenas coisas diante da vida. Tapá-la, escondê-la, esquecê-la. O sino toca a finados, já ninguém ouve o som a finados. A morte reduz-se a uma cerimónia, em que a gente se veste de luto e deixa cartões de visita. Se eu pudesse restringia a vida a um tom neutro, a um só cheiro, o mofo, e a vila a cor de mata-borrão. Seres e coisas criam o mesmo bolor, como uma vegetação criptogâmica, nascida ao acaso num sítio húmido. Têm o seu rei, as suas paixões e um cheirinho suspeito. Desaparecem, ressurgem sem razão aparente de um dia para o outro num palmo do universo que se lhes afigura o mundo todo. Absorvem os mesmos sais, exalam os mesmos gases, e supuram uma escorrência fosforescente, que corresponde talvez a sentimentos, a vícios ou a discussões sobre a imortalidade da alma.

As paixões dormem, o riso postiço criou cama, as mãos habituaram-se a fazer todos os dias os mesmos gestos. A mesma teia pegajosa envolve e neutraliza, e só um ruído

sobreleva, o da morte que tem diante de si o tempo ilimitado para roer. Há aqui ódios que minam e contraminam, mas como o tempo chega para tudo, cada ano minam um palmo. A paciência é infinita e mete espigões pela terra dentro: adquiriu a cor da pedra e todos os dias cresce uma polegada. A ambição não avança um pé sem ter o outro assente, a manha anda e desanda, e, por mais que se escute, não se lhe ouvem os passos. Na aparência é a insignificância a lei da vida; é a insignificância que governa a vila. É a paciência, que espera hoje, amanhã, com o mesmo sorriso humilde: — Tem paciência — e os seus dedos ágeis tecem uma teia de ferro. Não há obstáculo que a esmoreça. — Tem paciência — e rodeia, volta atrás, espera ano atrás de ano, e olha com os mesmos olhos sem expressão e o mesmo sorriso estampado. Paciência... paciência... Já a mentira é de outra casta, faz-se de mil cores e toda a gente a acha agradável. — Pois sim... pois sim.

Cabem aqui seres que fazem da vida um hábito e que conseguem olhar o céu com indiferença e a vida sem sobressalto, e esta mixórdia de ridículo e de figuras

somíticas. Mora aqui a insignificância, e até à insignificância o tempo imprime carácter. Mora aqui, paredes meias com a colegiada, o Santo, que de vez em quando sai do torpor e clama: — O inferno! O inferno! Mora um chapéu, uma saia, o interesse e plumas. Moram as Teles, e as Teles odeiam as Sousas. Moram as Fonsecas, e as Fonsecas passam a vida, como bonecas desconjuntadas, a fazer cortesias. Moram as Albergarias, e as Albergarias só têm um fim na existência: estrear todos os semestres um vestido no jardim. Moram os que moem, remoem e esmoem, os que se fecham à pressa e por dentro com uma mania, e os que se aborrecem um dia, uma semana, um ano, até chegar a hora pacata do solo ou a hora tremenda da morte. Moram os que enriquecem no fundo das lojas, onde as fazendas petrificaram. Mora aqui o egoísmo que faz da vida um casulo, e a ambição que gasta os dentes por casa, o que enche a existência de rancores e, atrás de ano de chicana, consome outro ano de chicana. Moram na viela íngreme e cascosa, que revê humidade em pleno verão, velhas a quem só restam palavras, presas, alimentadas, encarniçadas, como um doido sobre uma coroa de lata que lhes enche o mundo todo. Mora de um lado o espanto e a

árvore; do outro o absurdo. E todos à uma afastam e repelem de si a vida. Moram aqui a D. Engrácia e a D. Biblioteca. Mora aqui a Teles que passa a vida a limpar os móveis, só e fechada com os móveis reluzentes, talvez resto de um sonho a que se apega com desespero, e velhas só mesuras, só baba, só rancor. Ter uma mania e pensar nela com obstinação! Criá-la. Ter uma mania e vê-la crescer como um filho!... Mora aqui a D. Restituta, sempre a acenar que sim à vida, e a Orsula, cuja missão no mundo é fazer rir os outros. Todos os dias a morte os leva, todos os dias toca a finados. O nada a espera e a D. Procópia a abrir a boca com sono, como se não tivesse diante de si a eternidade para dormir, e a D. Felizarda a invejar as plumas da D. Biblioteca. Tudo isto se passa como se tudo isto não tivesse importância nenhuma; tudo isto se passa como se tudo isto não fosse um drama e todos os dramas, um minuto e todos os minutos. Mora aqui a D. Hermengarda e a D. Penarícia — mania! mania! mania! — hoje, amanhã, sempre — e a morte joga com a regularidade mecânica de um pêndulo. Toda esta gente usa a vida como quem usa uma ninharia. Aí vem a Adelina... A Timótea se tivesse de envenenar a vila, envenenava-a às pinguinhas. Há os que se gastam como

quem gasta uma pedra sobre outra pedra. O Félix procurador não avança palavra sem dobrar a língua, e conserva no escritório, em rimas de papel cobertas de pó, a história da ganância, da vida e da morte de várias gerações. O severo Elias deixa morrer a mãe à fome e todos os anos dá contos de réis aos asilos. Regula a consciência como quem dá corda a um relógio. Dívidas são dívidas. Tem regras fixas. Para não ver o céu dobra-se sobre livros exatos: de um lado Deve, do outro Haver. O drama do Anacleto é um drama respeitável, um drama por partidas dobradas, na máxima ordem e no máximo escrúpulo. Cabem aqui dentro as velhas cismáticas, atrás de interesses, de paixões ou de simples ninharias, dissolvendo-se no éter, e logo substituídas por outras velhas, com as mesmas ou outras plumas nos penantes, com os mesmos ou outros ridículos, fedorentas e maníacas; os homens a quem se foram apegando pela vida fora dedadas de mentira, prontos para a cova — e o Gabiru e o seu sonho. Cabe aqui o céu e as lambisgoias com as suas mesuras, a morte e a bisca-de-três. E cabe aqui também uma velha criada, que se não tira diante dos meus olhos. Obsidia-me. Carrega. Obedece.

Serve as outras velhas todas. A Joana é uma velha estúpida.

Serviu primeiro na vila, serviu depois na cidade. Serviu um antropologista exótico, que fundira cem contos a juntar caveiras, e de quem a Joana dizia ao amolecer-lhe os edemas dos pés: — Este senhor é um 2° Camões! Serviu a D. Hermínia e a D. Hermengarda. Serviu com uma saia rota, as mãos sujas de lavar a louça, uma camisa, os usos e seis mil réis de soldada. Lavou, esfregou, cheira mal. Serviu o tropel, a miséria, o riso, que caminha para a morte com um vestido de aparato e um chapéu de plumas na cabeça. Para contar fio a fio a sua história bastava dizer como as mãos se lhe foram deformando e criando ranhuras, nodosidades, côdeas, como as mãos se foram parecendo com a casca de uma árvore. O frio gretou-lhas, a humidade entranhou-se, a lenha que rachou endureceu-lhas. Sempre a comparei à macieira do quintal: é inocente e útil e não ocupa lugar, e não vem primavera que não dê ternura, nem inverno sem produzir maçãs. A vida gasta-a, corroem-na as lágrimas, e ela está aqui tal qual como quando entrou para casa da D. Hermengarda. Faz rir e faz chorar. Os meninos borraram-na — adorou os meninos. Os doentes que

ninguém quer aturar, atura-os a Joana. Já ninguém estranha — nem ela — que a Joana aguente, e a manhã a encontre de pé, a rachar a lenha, a acender o lume, a aquecer a água. Há seres criados de propósito para os serviços grosseiros. Por dentro a Joana é só ternura, por fora a Joana é denegrida. A mesma fealdade reveste as pedras. Reveste também as árvores.

É uma velha alta e seca, com o peito raso. O hábito de carregar à cabeça endireitou-a como um espeque, o hábito das caminhadas espalmou-lhe os pés: a recoveira assenta sobre bases sólidas. Parece um homem com as orelhas despegadas do crânio e olhos inocentes de bicho. É destas criaturas que dão aos outros em troca da soldada o melhor do seu ser, que se apegam aos filhos alheios e choram sobre todas as desgraças. E ainda por cima dedicam-se, aturam os meninos, e quando as mandam embora, porque não têm serventia, põem-se a chorar nas escadas. — É preciso escodeá-la — asseverou a D. Hermengarda quando lhe foi em pequena para casa. Escodeia-a. Noite velha e já ela bate de cima com a tranca no soalho, a chamá-la. — E não te servindo a porta da rua é a serventia dos cães. Mas

ela apega-se. Nunca teve outra ama como aquela senhora. Venera-a. Anos depois diz das pancadas: — Merecia-as. Já não é preciso chamá-la: a Joana ergue-se num sobressalto, alta noite, noite negra, e dorme com um olho fechado e outro aberto. Velha, tonta, abre de vez em quando os olhos, põe o ouvido à escuta num movimento instintivo, à espera de uma imaginária ordem: ouve sempre a voz da D. Hermengarda a chamá-la.

Mal se compreende que depois de uma vida inteira, esta mulher conserve intacta a inocência de uma criança e o pasmo dos olhos à flor do rosto. Trambolhões, fome, o frio da pobreza — o pior — e, apesar de amolgada, com uma saia de estamenha, no pescoço peles, as mãos gretadas de lavar a louça, uma coisa que se não exprime com palavras, um balbuciar, um riso... Misturou à vida ternura. Misturou a isto a sua própria vida. Aqueceu isto a bafo.

Tem as mãos como cepos.

* * *

16 de Novembro

Sempre as mesmas coisas repetidas, as mesmas palavras, os mesmos hábitos. Há momentos em que o caixão que passa às costas de um galego, me chama à realidade, ao espanto. Desvio logo o olhar, reentro à pressa na vida comezinha. Finjo que sorrio e esqueço. Toda a gente forceja por criar uma atmosfera que a arranque à vida e à morte.

O sonho e a dor revestem-se de pedra, a vida consciente é grotesca, a outra está assolapada. Remoem hoje, amanhã, sempre, as mesmas palavras vulgares, para não pronunciarem as palavras definitivas. E, como a existência é monótona, o tempo chega para tudo, o tempo dura séculos. Formam-se assim lentamente crostas: dentro de cada ser, como dentro das casas de granito salitroso, as paixões tecem na escuridão e no silêncio, teias de escuridão e de silêncio. Na botica sonolenta ao pai sucede o filho sobre o tabuleiro de gamão. Quero resistir, afundo-me. Começo a perceber que o hábito é que me fez suportar a vida. Às vezes acordo com este grito: — A morte! a morte! E debalde arredo o estúpido aguilhão. Choro sobre mim mesmo como sobre um sepulcro vazio. Oh! como a vida

pesa, como este único minuto com a morte pela eternidade pesa! Como a vida esplêndida é aborrecida e inútil! Não se passa nada, não se passa nada. Todos os dias dizemos as mesmas palavras, cumprimentamos com o mesmo sorriso e fazemos as mesmas mesuras. Petrificam-se os hábitos lentamente acumulados. O tempo mói: mói a ambição e o fel e torna as figuras grotescas. Não há anos, há séculos que dura esta bisca-de-três — e os gestos são cada vez mais lentos. Desde que o mundo é mundo que as velhas se curvam sobre a mesma mesa do jogo. O jogo banal é a bisca — o jogo é o da morte... O candeeiro ilumina e a sombra rói as fisionomias, a majestosa Teodora, a Adélia, a Eleutéria das Eleutérias, o padre. Retraem-se no escuro outras figuras indecisas e atentas, e ainda mais no escuro outras figuras invisíveis e atentas sobre o jogo paciente. Chegamos todos ao ponto em que a vida se esclarece à luz do inferno. Mas nenhuma arrisca um passo definitivo. O relento sabe bem, e o tempo passa, o tempo gasta-as como o salitre aos santos nos seus nichos. Se o desespero aumenta não se traduz em palavras. A vila cria o mesmo bolor... Pouco e pouco também a Teles esqueceu o sonho e esfrega, sem os ver, os móveis reluzentes. A D. Procópia

odeia a D. Biblioteca, mas nem ela sabe o que está por detrás daquele ódio, contido pelo inferno. Toda a gente se habitua à vida. Matar matava-a eu, mas várias palavras me detêm. Detém-me também um nada... As velhas com o tempo adquiriram a mesma expressão, com o tempo chegaram a temer um desenlace. Debruçadas sobre a mesa as figuras não bolem. Não bolem outras figuras que se envolvem no escuro, e o que me interessa não são as palavras do padre — Jogo — nem o que a Adélia diz baixinho à Eleutéria, para que a velha temerosa ouça: — A nossa Teodora está cada vez mais moça!... — o que me interessa são as figuras invisíveis: é a dor dessas figuras imóveis, e sobre elas outra figura maior, curva e atenta, que há séculos espera o desenlace.

A vida é fictícia, as palavras perderam a realidade. E no entanto esta vida fictícia é a única que podemos suportar. Estamos aqui como peixes num aquário. E sentindo que há outra vida ao nosso lado, vamos até à cova sem dar por ela. E não só esta vida monstruosa e grotesca é a única que podemos viver, como é a única que defendemos com desespero. — Pois sim... pois sim... Estamos aqui a

representar. Estamos aqui todos ao lado da morte e do espanto a jogar a bisca-de-três. Estamos aqui a matar o tempo. Este passo, que é único e um só, damo-lo como se fosse uma insignificância. Reparem, vê-se daqui a vila toda... Lá está a Adélia, o Pires e a Pires como figuras de cera. Ninguém mexe. Num canto mais escuro a prima Angélica não levanta a cabeça de sobre a meia. Tanta inveja ruminou que desaprendeu de falar. Chega o chá, toma o chá, e apega-se logo à mesma meia, a que mãos caridosas todos os dias desfazem as malhas, para ela, mal se ergue, recomeçar a tarefa. Um dia — uma semana — um século — e só o pêndulo invisível vai e vem com a mesma regularidade implacável — prá morte! prá morte! prá morte!

Reduzimos a vida a esta insignificância... Construímos ao lado outra vida falsa, que acabou por nos dominar. Toda a gente fala no céu, mas quantos passaram no mundo sem ter olhado o céu na sua profunda, na sua temerosa realidade? O nome basta-nos para lidar com ele. Nenhum de nós repara no que está por trás de cada sílaba: afundamos as almas em restos, em palavras, em cinza. Construímos

cenários e convencionamos que a vida se passasse segundo certas regras. Isto é a consciência — isto é o infinito... Está tudo catalogado. Na realidade jogamos a bisca entre a vida e a morte, baseados em palavras e sons. Há decerto uma coisa chamada consciência, mas com o uso perderam o sentido. E também há outra chamada instinto que não tem importância nenhuma... Isto assume aspetos de catafalco monstruoso de lonas e ripas inúteis, que nos é indispensável para viver. Desde que se cumpram certas cerimónias ou se respeitem certas fórmulas, consegue-se ser ladrão e escrupulosamente honesto — tudo ao mesmo tempo. A honradez deste homem assenta sobre uma primitiva infâmia. O interesse e a religião, a ganância e o escrúpulo, a honra e o interesse, podem viver na mesma casa, separados por tabiques. Agora é a vez da honra — agora é a vez do dinheiro — agora é a vez da religião. Tudo se acomoda, outras coisas heterogéneas se acomodam ainda. Com um bocado de jeito arranja-se-lhes sempre lugar nas almas bem formadas.

O Anacleto traz tudo em dia, as contas, os livros, os escrúpulos. Nunca pôs a mulher na rua — não pode vê-la —

por ser contra os ditames da sociedade. Nunca se separou dela por lho proibir a Igreja. Nunca lhe faltou com respeito, ordem e método. A praça considera-o, a Igreja considera-o. Deus considera-o. Que mais quer aquela sombra trágica, que nem se atreve a queixar-se, e que se chora — chora para dentro? Toda a gente tira o chapéu à D. Biblioteca, que usa brasão na fralda da camisa, quando passa na sua missão de caridade. Os pobres exaltam-na, a Igreja exalta a sua caridade, que rebusca a desgraça para lhe dar três vinténs. É sempre a primeira em todas as listas de esmolas (reservam-lhe de direito esse lugar). Lá está no alto dos subscritores: D. Biblioteca das Bibliotecas: três tostões, seis tostões, um quartinho. Os filhos veneram-na, o respeitável Elias de Melo, e o impoluto Melias de Melo. Mas o respeito pelos pais só resiste, enquanto os pais respeitam o interesse dos filhos. Há decerto uma lei moral, mas há sempre por trás uma boca a pregar... Tudo tem limites. A D. Leocádia é de outra casta. Não entende a caridade assim. Resolve tudo segundo a sua consciência, procede sempre segundo a sua consciência, põe acima de tudo a sua consciência. É avara e somítica, e leva para casa uma órfã a quem sustenta e que lhe entrapa as pernas. O Félix

procurador, que comunga com enternecimento às sextas-feiras, convencido até à medula ao aproximar-se da Santa Mesa Eucarística, todas as semanas com muitos papéis do Estado e a conivência da lei, demanda alguns desgraçados. A questão para ele é de selos. Só o Santo prega cada vez mais alto: — O inferno! o inferno! Como Santo Agostinho tinha tido uma mulher e um filho, como Santo Agostinho os repelira. *Intrinsecus oculatum*, o Santo só vê para dentro. A vida não existe — só a eternidade existe. Depois de cem mil anos o condenado sente as labaredas como na própria hora em que entrou no inferno. Desconfia de si e dos outros e repete no mesmo desespero: — O inferno! o inferno! Mas o inferno existe?

Nenhum de nós sabe o que existe e o que não existe. Vivemos de palavras. Vamos até à cova com palavras. Submetem-nos, subjugam-nos. Pesam toneladas, têm a espessura de montanhas. São as palavras que os contêm, são as palavras que nos conduzem. Mas há momentos em que cada um redobra de proporções, há momentos em que a vida se me afigura iluminada por outra claridade. Há momentos em que cada um grita: — Eu não vivi! eu não

vivi! eu não vivi! Há momentos em que deparamos com outra figura maior, que nos mete medo. A vida é só isto? Por mais que queira não posso desfazer-me de pequenas acções, de pequenos ridículos, não posso desfazer-me de imbecilidades. Tenho de aturar ao mesmo tempo esta ideia e este gesto ridículo. Tenho de ser grotesco ao lado da vida e da morte. Mesmo quando estou só o meu riso é idiota. E estou só e a noite. Por trás daquela parede fica o céu infinito. Para não morrer de espanto, para poder com isto, para não ficar só e o doido, é que inventei a insignificância, as palavras, a honra e o dever, a consciência e o inferno.

E ainda o que nos vale são as palavras, para termos a que nos agarrar.

É então um mundo de fórmulas a que eu obedeço e tu obedeces? Sem ele não poderíamos existir. Se víssemos o que está por trás não podíamos existir. O nosso mundo não é real: vivemos num mundo como eu o compreendo e o explico. Não temos outro. É a voz dos mortos insistente que teima e se nos impõe. Mais fundo: não existem senão sons repercutidos. Decerto não passamos de ecos.

Na verdade o que eu não posso é ver, o que eu não quero e ver! A vila regula-se por hábitos e regras seculares — mas há outra coisa enorme para lá do cenário de que me rodeio. Para não ter medo criei eu isto, para a não ver criou o Santo o inferno. Há outra coisa esfarrapada e dorida — o Jogo. Cada vez me sinto mais reles, cada vez as palavras me parecem mais gastas. Esta figura grotesca não é a minha figura. O salitre roeu os santos nos seus nichos — roeu-os também o sonho... Curvado sobre a mesa repito os mesmos gestos inúteis para não desatar aos gritos — Jogo! Isto para fingir que é indiferente o que nos rodeia, que estamos habituados ao que nos rodeia, que sorrimos ao que nos rodeia! Está ali a morte — está aqui a vida — está ali o espanto — e só a ninharia consegue deitar raízes profundas.

* * *

20 de Novembro

Fecho os olhos. A chuva desaba interminavelmente do céu, e na luz turva vejo sempre a vila com as mesmas figuras de museu sentadas na mesma sala... Insignificância, insignificância, insignificância. Portas chapeadas que rangem nos gonzos como portas de prisão, fachadas com os vidros partidos, e uma, duas, três camadas de pó sobrepostas. Lojas térreas de onde vem um bafo húmido que trespassa... Como todas as almas, todas as janelas estão perras, e o tempo vai substituindo uma figura por outra figura, uma pedra por outra pedra. Ponho-as em fila diante de mim, com os seus penantes usados, grotescas e maníacas. Considero. Vejo vir os gestos, as cortesias, as acções do confim dos séculos. Isto é nada — é vulgar e quotidiano. É uma aparência.

A vila é um simulacro. Melhor: a vida é um simulacro.

Atrás desta vila há outra vila maior. A lentidão, o gesto usado, a meia tinta mesmo em plena luz, toldam-me a visão. Sobre cada ser caiu uma camada de pó. A vila é isto — e a vila não é isto. Que me importa a Adélia, um dia de inveja, um dia de aquiescência, um sorriso, baba, mesura atrás de mesura? Outra velha mexe por trás desta velha mesquinha.

As letras assinadas, as letras protestadas deste ser absorto, o exagero minúsculo, têm outra significação. A realidade é a manha, a astúcia que cada um põe em jogo. Não há velhas com cartas na mão; há orgulho, soberba, inveja paciente. Há intuitos, cautela de quem caminha na ponta dos pés. Há forças e experiência, avareza e astúcia. Todas as palavras que se empregam têm, além da significação banal, uma significação que cada um pesa e calcula — e outra significação superior. Há palavras que requerem uma pausa e silêncio, e há palavras que é preciso afundar logo noutras palavras. Há pelo menos dois seres neste homem que toda a gente conhece, pautado, regrado, metódico. Ele, e o doido morto por fazer esgares. Ele, e o doido que só consegue comprimir à força de pontualidade. Esta velha não é a velha com quem lidamos — é outra. Tem tido um trabalhão para fazer mal, nunca conseguiu fazê-lo. É uma discussão que não acaba, com a boca amarga, arrependimento — e por fim não realiza uma catástrofe autêntica, que a engrandeça. Curvada sobre o lar remexe sempre as mesmas cinzas frias.

Todos se defendem. Por isso existe uma certa grandeza em repetir todos os dias a mesma coisa. O homem só vive de detalhes e as manias têm uma força enorme: são elas que nos sustentam.

Reparo melhor na vila... Alvenaria e castanho, construções para séculos. Ruas lajeadas, recantos onde nunca entrou o sol. Paredes mestras. Silêncio e humidade até à medula, gestos lentos, hábitos regrados. Uma rua desce até à igreja de cantaria lavrada. Um prédio enorme avança sobre a ruela onde os passos ecoam. Cresce aqui uma vegetação especial de sepulcro, e a sombra absorvida pelas muralhas da Sé exala-se em bafo passado um século. Os alicerces são temerosos, as traves de uma casa davam para a construção de um bairro. E tudo isto se entranhou de salitre, de interesse e de ódio. Em tudo isto há uma mescla de inutilidade, de fé e de sonho. Tudo isto esta cimentado para séculos. Cada barrote foi pregado com um destino, cada bloco metido na terra para se lhe erguer em cima não uma parede, mas uma ideia, uma vida, uma alma — tudo isto tem uma camada de bolor e se impregnou de desespero. Até os sepulcros foram construídos para a eternidade. A

pedra depois de talhada é uma expressão. Entro na catedral. Silêncio e um cheirinho a floresta apodrecida. As lajes estão gastas de um lado pelos passos dos vivos, do outro pelo contacto dos mortos. Tudo aqui gira em torno da mesma ideia. A pedra esboroa-se, mas eu contemplo-a viva, com um povo de estátuas em cima, com um povo de mortos em baixo. Nos alicerces uma geração, outra geração, todos apodrecendo juntos na mesma terra misturada e revolvida. A parte exterior é maravilhosa, a parte subterrânea é mais maravilhosa ainda. É a única raiz que se conserva intacta.

Aqui não andam só os vivos — andam também os mortos. A vila é povoada pelos que se agitam numa existência transitória e baça, e pelos outros que se impõem como se estivessem vivos. Tudo está ligado e confundido. Sobre as casas há outra edificação, e uma trave ideal que o caruncho rói une todas as construções vulgares. Debalde todos os dias repelimos os mortos — todos os dias os mortos se misturam à nossa vida. E não nos largam.

Reparo melhor na vida secreta e na vida subterrânea. Compreendo como é difícil viver todos os dias e todas as horas, como através de tudo é forçoso seguir um fio

invisível — e ser reles e sorrir. Gasta-me uma força superior, e com todas as chagas e todos os vícios, com a vida mesquinha e a vida quotidiana, o nada, o penante usado, o fel e o vinagre, tenho de arcar com uma coisa imensa de que me separa apenas um tabique. Tudo o que faço é um arremedo. Está ali outra coisa quando falo, quando me calo, quando me rio. E falo mais alto porque a ouço mexer... Todos suportam o drama de todos os dias, o cinzento de todos os dias, as aflições e a usura que tornam as figuras ridículas e coçadas. Todos suportam os tratos que envelhecem e preparam para a cova, os pequenos interesses, a inveja, a ambição, a dor física. Todos os dias a Hermengarda amarga os brasões da Biblioteca, a Bisborria todos os dias cisma na sua respeitabilidade, e aturam o azedo que pouco e pouco se deposita nas almas — e com isto uma coisa desconforme, que se levanta e deita connosco, não se tira do nosso lado, em quem ninguém fala e com quem temos por força de coabitar; diante de quem é forçoso ser vulgar e dissimulado, fazendo que a não vemos e com ela à cabeceira da cama...

Atrás da insignificância andam os céus, os mundos, os vagalhões doirados. Anda o desespero. Anda o instinto feroz. Atrás disto andam as enxurradas de sóis e de pedras, e os mortos mais vivos do que quando estavam vivos. Atrás do tabique e das palavras anda a Vida e a Morte e outras figuras tremendas. Atrás das palavras com que te iludes, de que te sustentas, das palavras mágicas, sinto uma coisa descabelada e frenética, o espanto, a mixórdia, a dor, as forças monstruosas e cegas.

Em certas ocasiões, se as palavras e a insignificância desaparecessem da vida, só ficava de pé o espanto.

Só a insignificância nos permite viver. Sem ela já o doido que em nós prega, tinha tomado conta do mundo. A insignificância comprime uma força desabalada.

Para não ver, para não ouvir, é que nos curvamos sobre a mesa de jogo. Para te não ouvires a ti mesmo, para não veres o que te gasta a todos os minutos e a todas as horas, usura imensa que não sentes e que te vai levar para o escantilhão sôfrego, que te vai mergulhar no silêncio profundo. Usura de todos os instantes. Gasta-nos, desgasta-nos. E todos os dias acordamos mais velhos, todos os dias

acordamos mais inúteis. Todos os dias acordamos com mais fel. E todos os dias com mesuras, sem gritos de terror, nos curvamos sobre esta mesa de jogo, não vendo, fingindo que não existe, o espanto que está ao nosso lado, e o espanto pior que trazemos connosco. Chama-se a isto o quotidiano. Isto não tem importância nenhuma. Com isto enchemos a vicia até chegar a morte. Esta mesa de jogo é a nossa existência vulgar, a vida de todos os dias, com o galope da outra vida ao lado. Não se passa nada! não se passa nada! No verão o calor sufoca, de inverno a mesma nuvem impregna o granito, e apega-se, amolece, dissolve pilares das janelas, casebres e a oliveira da praça, só tronco e duas folhinhas cinzentas. Em volta um círculo de montanhas, descarnadas e atentas, espera a tragédia — e as montanhas não desistem. De vez em quando, na solidão que à noite redobra, caem do alto da Sé as badaladas, uma a uma, pausa a pausa. O som tem um peso desconforme.

Estamos aqui todos à espera da morte! estamos aqui todos à espera da morte!

CAPÍTULO II

O SONHO

Chove. Cada vez vejo mais turvo, cada vez tenho mais medo. Estamos enterrados em convenções até ao pescoço: usamos as mesmas palavras, fazemos os mesmos gestos. A poeira entranhada sufoca-nos. Pega-se. Adere. Há dias em que não distingo estes seres da minha própria alma; há dias em que através das máscaras vejo outras fisionomias, e, sob a impassibilidade, dor; há dias em que o céu e o inferno esperam e desesperam. Pressinto uma vida oculta, a questão é fazê-la vir à supuração.

Esta manhã de chuva é um minuto no rodar infinito dos séculos, e os seres que passam meras sombras. Tudo isto me pesa e pesa-me também não viver. Do fundo de mim mesmo protesto que a vida não é isto. A árvore cumpre, o bicho cumpre. Só eu me afundo soterrado em cinza. Terei por força de me habituar à aquiescência e à regra? Crio

cama, e todos os dias sinto a usura da vida e os passos da morte mais fundo e mais perto.

«É necessário abalar os túmulos e desenterrar os mortos.»

É o Gabiru que se põe a falar sem tom nem som. Um homem absurdo. Olhos magnéticos de sapo. É uma parte do meu ser que abomino, é a única parte do meu ser que me interessa. As vezes deita-me tinta nos nervos. Fala quando menos o espero. Chamo-o, não comparece. Se quero ser prático, gesticula dentro do casaco arrepiado: — A alma! a alma! Singular filósofo! É capaz de desejar a morte para ver o que há lá dentro; é capaz de achar vulgares até as coisas eternas. Ao lado da vida constrói outra vida. Sonha, e os seus sonhos são sempre irrealizáveis, transformam-se-lhe nas mãos em barro informe. Toda a gente se ri — já sonha outra vez... Para ele a vida consiste, encolhido e transido, em embeber-se em sonho, em desfazer-se em sonho, em atascar-se em sonho. Meses inteiros ninguém lhe arranca palavra, dias inteiros ouço-o monologar no fundo de mim próprio. Ignora todas as realidades práticas. Na árvore vê a alma da árvore, na pedra a alma da pedra. Deforma tudo. Põe a mão e molha. Destinge sonho...

— A alma — diz ele — ao contrário do que tu supões, a alma é exterior: envolve e impregna o corpo como um fluido envolve a matéria. Em certos homens a alma chega a ser visível, a atmosfera que os rodeia toma cor. Há seres cuja alma é uma contínua exalação: arrastam-na como um cometa ao ouro esparralhado da cauda — imensa, dorida, frenética. Há-os cuja alma é de uma sensibilidade extrema: sentem em si todo o universo. Daí também simpatias e antipatias súbitas quando duas almas se tocam, mesmo antes da matéria comunicar. O amor não é senão a impregnação desses fluidos, formando uma só alma, como o ódio é a repulsão dessa névoa sensível. Assim é que o homem faz parte da estrela e a estrela de Deus. Nos vegetais, nas árvores, a alma é interior, pequenina emoção, pequenina alma ingénua e humilde, que se exterioriza em ternura a cada primavera: tocada pelo grande fluido esparso, onde andam as nossas lágrimas, vem à tona em ouro e verde, em deslumbramento. Nos minerais, na pedra concentrada e recalcada, que dor inconsciente, que esforço cego e mudo por não poder abalar as paredes e comunicar com a alma do universo! A pedra espera ainda dar flor.

Para ele estas coisas etéreas são visíveis. Vê tão exatamente como eu te vejo a ti a paixão, o ódio, o amor, os grandes fluidos desgrenhados de ouro, de piedade e de génio. Tem-se estragado tudo. É o doido que em nós prega e nos deixa aturdidos. Às vezes consigo afastá-lo, mas sucede que fico sempre com pena: se o ouvisse talvez fosse mais feliz e mais desgraçado... Desdenho-o, e sinto-lhe a falta quando o não tenho ao pé de mim. Deita-me a perder se me apanha desprevenido. Quase sempre é ele quem manda em minha casa, e, mesmo quando falo como toda a gente fala e quando rio como toda a gente ri, só a ele o ouço no mundo. Diz-me coisas que nunca ouvi, isola-me num vale apertado e cismático, longe de toda a terra, arrasta-me, ou desespera-me. Desaparece como um cão vadio e quando volta, com lama de todos os caminhos, folhas de todas as florestas, reflexos de todos os enxurros, vem exausto, mudo e feliz. Vem feliz! É ele que me prega:
— Toda a agitação é inútil. Não tenhas medo da desgraça!
E eu tenho medo da desgraça. À força de hábito cheguei a mantê-lo no seu lugar, mas nunca o pude suprimir, e quanto mais me aproximo da morte, mais saudades levo do Gabiru, que me estragou a vida toda.

Mora num velho pardieiro encostado à muralha, abafado de um lado pela muralha da vila, que à noite redobra de proporções. O granito enegreceu, poliu-o a chuva, e a escadaria de pedra dá calafrios a quem entra.

— Essa alma, essa alma disforme, que vai de mundo a mundo, e que em cada ser realiza uma primavera é que é tudo. O resto insignificância. É ela que nos devora e faz da morte a vida e da vida a morte...

De um lado a muralha de dentes arreganhados para o céu, do outro o sórdido pardieiro, no alto a noite de luar como uma camélia gelada. Dentro disto sonho.

Ponho-me a olhar para ele — ponho-me a olhar para mim. Passou a vida naquela inutilidade, de que sai a rever sonho e com os cotos partidos a esvoaçar na noite dorida. Primeiro afundou-se em experiências do laboratório, à procura da pedra filosofal. — Ridículo. Depois na aplicação da eletricidade aos vegetais, que se consomem de febre, que se desentranham em flor, sem produzirem fruto. — Grotesco. Agora ninguém o arranca a infindáveis monólogos caóticos: — A morte! a morte! a morte! Incongruência, obscuridade e dor também; a dor de quem

vem da irrealidade, encolhido e transido; a figura estranha de quem se debate com o sonho e sai da luta esfarrapado e dourado. Se o tiram do sonho titubeia e não sabe onde põe os pés. Tem as asas partidas. Compreende então a sua inutilidade e desespera-se até reentrar na nuvem que o envolve. Puxa a si o mistério, e, entre as árvores e os fios elétricos que correm todo o quintal, ouço a sua voz magnética, que impregna de sonho o luar todo branco:

— Isto é um fluido dor, falta-me condensá-lo. É uma nuvem que envolve tudo, que vem do turbilhão da Via Láctea, arrasta tudo consigo, e ascende em espiral até Deus. Não, a sensibilidade não é individual, é universal. Basta ferir a sensibilidade, que vai dos nossos nervos até à Via Láctea, para transformar as noções do tempo, do espaço, da vida e da morte — basta deitar dentro de um tanque uma gota de vermelho para tingir toda a água. Deito-lhe sonho dentro...

* * *

7 de Dezembro

A vila é tumular e encardida, mas oculta dentro dos seus muros um sonho desconforme. Talvez desconexo, mas desconforme. O sonho é dele: a própria casa de granito revê sonho.

O Gabiru mistura, revolve, extrai sonho do sonho. Debalde o que é mesquinho lhe mostra os dentes: o Gabiru não ouve, não vê, não sente. O sonho isolou-o da própria mulher transida de frio, no casarão que deu à costa como uma nau do passado, com o cavername roído pelo mar das trevas.

É um ser quase etéreo. Nem sei dizer se existiu, se a criei; sei que se sumiu num sopro cada vez mais efémera, com dois olhos verdes de espanto. Sei que me pegou sonho, e que fui levado, perdido, como uma coisa inerte...

Morreu transida de frio. Uma mulher pálida — o que vale um pássaro. Ternura e dois olhos verdes de espanto. Hesita, mal poisa os pés no chão, chora baixinho, e vai talvez acordá-lo, queixar-se... Não se atreve, e esboça um sorriso logo molhado de lágrimas. Morre de frio. Agosto — morre de frio. Até para lhe sorrir se esconde, e põe-se

então a olhar o muro (vou-te dizer o sítio) a falar com o muro, a queixar-se à grande nódoa de humidade da parede. Dois olhos verdes de espanto, um vestido de seda, e as meias rotas nos calcanhares. Um nada de ternura tê-la-ia salvo — ninguém a arranca àquele sonho informe. Morta...

Ninguém. Estende fios no chão entre as árvores, e as árvores todo o inverno se desentranham em flor. Pegou-lhes sonho também. É um desbarato, uma profusão que as devora. Absurdo. O quintalório ao pé da muralha, que há séculos revê humidade, não é maior que um lenço; a primavera só chega aqui tarde e de mau modo, com pena das árvores de saguão. Arrepende-se logo. Já veem que o absurdo é maior ainda... Dezembro e primavera. O céu gelado, um brilho de estrelas em engastes novos, e, entre a cárie das paredes, as macieiras baixinhas e humildes como exalações de ternura. Mortas. Mortas, secas de sonho. Mortas as árvores desfeitas em flor.

— Este eflúvio é que é tudo: a torrente de ideias e a torrente de paixões. A minha atmosfera, a alma, penetra a tua atmosfera, e dissolve-a, domina-a, conquista-a. Recua, tateia, hesita. Mas escusas de falar para que eu te entenda.

A matéria muitas vezes não me deixa compreender, mas é raro que eu não saiba logo quem tu és, e, mesmo que seja a primeira vez que te fale, as vezes que te tenho encontrado no mundo. E logo: — A vida perdi-a a sonhar. Depois de morta é que dei com ela. Mas que importa! — Acabei com a morte, vou ressuscitá-la. Viveremos sempre, amar-nos-emos sempre...

A noite é de aparato. A lua de coral sobe por trás da montanha em osso, e depois na chanfradura das ameias. Mais flores — todos os galhos dão flor. Sente-se, quase se ouve, a dor das árvores, dos seres vegetativos, ao terem de apressar, de modificar a sua vida lenta, dispersos em ternura.

— Perdi-a, perdi a vida! Esqueci-a como esqueci tudo. Perdi-a e mais dois dias e tinha suprimido a morte!

Sob o fluido elétrico o quintal tresnoita. Cai neve e abrem os primeiros botões. A árvore transforma-se num ser dorido e esplêndido — transforma-se em sonho — em sonho desfeito em flor, em flores espezinhadas umas atrás das outras por camadas sucessivas. Os ramos espremidos escorrem dor. Até as pedras deitam tinta. O quintal escorre

sonho como a alma do Gabiru. Atrevem-se e acordam as coisas apodrecidas, e velhas pedras iludidas põem-se a cantar nesse pio triste dos sapos, que sai da fealdade como uma inútil queixa de desventura. A noite côncava e branca — gelada — cobre indiferentemente tudo isto. Que não cobre a noite? Quatro paredes negras, no fundo remexe o sonho. Perco também a noção da realidade.

— Tanta flor!

— Para a sua cova. E pondo em mim os olhos atónitos:

— O que é preciso é ir buscá-los ao fundo da mixórdia, arrancá-los à obscuridade, juntar outra vez as bocas dispersas. Não morrer é nada: vou ressuscitá-los...

Imagina o negrume de um poço — imagina dentro o espanto, e não sei que luz viva, não sei que dor recalcada, não sei que de humilde, que quer viver apesar de dorido. Vivo, e a pata enorme que espezinha e esmigalha. Escuridão e ouro — silêncio e ouro — espanto e ouro.

— Vê tu a árvore... Uma camada de flor — um grito; outra camada de flor — outro grito. Vê tu a árvore como se

transforma num fantasma de árvores, e depois em emoção!...

Suprimir a morte! É uma coisa grotesca. O sonho trasborda, o luar trasborda — branco e dor — branco e sonho. Depois o silêncio, depois a sua voz magnética — depois a sombra imensa que ameaça desabar sobre nós, no quintal do tamanho de um lenço. Desato aos gritos quando todas as roseiras, fartas de dar rosas secam, quando da catedral e do silêncio caem uma, duas, três badaladas, que me apertam uma, duas, três vezes o coração. E o Gabiru com olhos de frenesi insiste:

— Não morrer é nada, suprimi a morte. O que é preciso é arrancar os outros ao silêncio. É uma coisa simples, é uma questão de síntese.

— A morte — afirmo-lho — é o repouso eterno.

— Repouso eterno, estúpido! É exatamente o que está vivo, a morte. É o que está mais vivo.

* * *

10 de Dezembro

Na escuridade e no silêncio o sonho deita braços desconformes. Pega-se-me. Debalde luto contra o fluido que avança para mim como uma exalação de frenesi e de nervos. A teia invisível rodeia lentamente a inutilidade, a teia dissolve almas, e fios impalpáveis apoderam-se da vila quieta e absurda onde só ele se atreve e cisma... Isto é possível ou isto não passa de um sonho grotesco, de mais outro sonho grotesco?

De que é feita a tibórnia, o líquido viscoso, cor de sabão, com filamentos verdes, que o Gabiru com olhos de sapo revê no vidro, através da luz — a maior descoberta do século, o soro que acaba de vez com a velhice e arreda a morte para confins ilimitados? Alguns sais, o sódio, o enxofre, o magnésio, O brómio, o carbono — e sonho. Dezassete elementos, entre os quais a prata, o cobre, o ouro, o arsénico — e dor. Matéria, espírito e concentração. O mistério é este e mais nenhum, é exprimir como o que é espírito se transforma em matéria, como a poeira se condensa, como a alma se faz corpo. Gritos, mais

desespero. Contar o quê? As noites infinitas, as mãos que tentam arrancar farrapos ao manto em que o mistério se envolve e o procuram reter quando ele se dissipa? Outra vez absorção, outra vez o rebuscar em ti mesmo o inexplicável, e os nervos que tendem e quebram, o cérebro que dói, o lento acordar das vozes submersas, a discussão, o tumulto, e poder distinguir entre tantas bocas que falam, a única que tem direito a falar. É desta obscuridade, desta discordância, que emerge a ideia de suprimir a morte. Não te rias. Já to disse: é um ser à parte com cotos em vez de asas, que se agitam num desespero para voar. Não se contenta com esta vida nem dá por ela, mas fica sempre a meio caminho, e tão dorido que não é possível tocar-lhe. Já to disse: é um ser grotesco que põe em mim os olhos turvos e teima, insiste, repete:

— Sobre a vila, repara, paira uma atmosfera cinzenta, composta de todas as atmosferas: é a alma da vila. E afirma cheio de convicção: — Deito-lhe sonho dentro.

Queira ou não queira faz-me pensar... Na realidade morrer é absurdo. Nunca me capacitei a sério que tivesse de morrer. Morrer é estúpido. Não compreendo a morte, e, por

mais que desvie o olhar, prendo-me sempre a essa hora extrema... Um ser grotesco, um unguento verde, e aquela voz aos meus ouvidos. É caricato e pega-me dourado.

E o pior é que este sonho é afinal o meu sonho e o teu sonho. Ninguém o confessa senão a si próprio. O nosso sonho e não morrer. Quando a gente se esquece um bocado a vida tem já passado. E quando a vida tem já passado é que nos agarramos com mais saudades à vida. A resignação custa muitas horas doridas em que ficamos alheados e suspensos. A morte... A morte é inevitável? — pergunto baixinho. E como a morte é inevitável, como tenho por força de me resignar, como não lhe posso fugir, para não perder tudo, criei a outra vida. E afinal quem sabe se este sonho que a humanidade traz consigo desde que pôs o pé no mundo não é o maior de todos os sonhos e o único problema fundamental?

A verdade é que teima. Não nos larga na vida e levamo-lo escondido para a cova. A verdade é que foi esta sempre a nossa maior aspiração, e que, como todos os sonhos, há de acabar por se converter em realidade. Temos construído o universo assim, podemos construí-lo de outro modo. Falta

talvez um passo... A vida eterna admitimo-la quando não nos podemos manter nesta vida; mas, no fundo, o que nós queremos é este mesmo sol, esta pobreza, esta dor, estas ilusões moídas e remoídas. Deixem-nos a vida que aceitamos tudo. Aqui há, portanto, um erro primário. Protestas do fundo do teu ser: a morte é absurda. É preciso cortar um nó que não existe. O mais difícil é passar do império do possível para o império do impossível. É talvez uma questão de vontade. A vida é um acto de fé de todos os instantes. Arredemos de vez este suor frio. Não importa se é da uniformidade da vida ou do medo da morte que me vem esta ânsia. Sei que acordo e grito: — Eu não vivi! eu não vivi! E cada vez o meu protesto ascende mais alto. Quero tornar a viver a mesma vida aborrecida e inútil, quero recomeçar a desgraça.

Ninguém pode com semelhante peso. Não há quem possa com ele. Na solidão, a primeira coisa que procuro é a ninharia para esquecer a morte. Um minuto sós a sós com o espanto, recamado de mundos, que caminha desabaladamente no silêncio, dura um século e outro século ainda. Não posso, nem tu nem eu, viver sobre o fio

de uma espada e olhar para a voragem de um e de outro lado; não posso arcar todos os dias com esta usura que me gasta sem mergulhar na insignificância. E agora até a insignificância me é impossível. O silêncio... O pior de tudo é o silêncio, e o que se cria no silêncio, o que eu sinto que remexe no silêncio...

Carrega em cima de nós tal peso que ninguém o suportava se desse por ele. É o peso do espanto.

Juntem a isto a vila comezinha, e o negrume que levanta os cotos esfarrapados, como se fosse voar, quando o padre Timóteo dá o seu passeio habitual no pátio da Misericórdia, e, na meia dúzia de metros quadrados com árvores éticas do jardim, as Sousas arrastam os vestidos, última moda do Grandela. Juntem a isto a grande nódoa de humidade a que ela costumava queixar-se. Juntem a isto a Morte e aquela voz de desespero cada vez mais frenética, que não cessa de pregar, e que me põe em frente de mim mesmo, que é o que mais temo no mundo.

— O que eu quero é tornar a viver. A minha saudade é esta. O que eu quero é recomeçar a vida gota a gota, até nas mais pequenas coisas. Não reparei que vivia e agora é

tarde. Sinto-me grotesco. Recomeçá-la nas tardes estonteadas da primavera e na alegria do instinto. Encontrei há pouco uma árvore carcomida: deixaram-na de pé, e um único ramo ainda verde desentranhou-se em flor... Pudesse eu recomeçar a vida! — Cala-te! Terei de confessar a mim próprio que nunca amei, que nunca fui arrastado até ao âmago pelo desespero ou pela paixão, e que de tal forma se me entranharam as palavras e as regras, que passei a vida a mascar palavras e regras? Terei de confessar a mim mesmo que vou para a cova com a boca a saber-me a vulgaridade e a pó? Antes me soubesse a fel — antes a dor!... — Mas sonhaste, estúpido! — Sonho. E o que me resta nas mãos inermes, nas mãos para que olho com espanto e terror, nas mãos de velho, senão grotesco, farrapos de grotesco, restos de grotesco, com alguma tinta em cima?... Não; viver é que é bom, viver com o instinto, como os ladrões e os bichos, os malfeitores e as feras, sem pensar, sem sonhar, sem palavras nem leis, até cair a um canto, morto e feliz, de barriga para o ar. Isso sim! isso sim!... — Quantas conversas temos tido juntos! quantas discussões inúteis! quantos desesperos de que não há sair, batendo com a cabeça na mesma parede! Às vezes subjugo-

o: — Cala-te! cala-te! Às vezes fala mais alto e domina-me ele a mim. Rio-me de ti e impões-te me. És ridículo e só tu te atreves; só tu és feliz porque te atreves a sonhar, a seres tu, a dizeres inconveniências sem fé nem lei. Só tu não tens método, só tu te fechas a sete chaves à tua vontade, livre, feliz e desprezado. No fundo invejo-te.

Aquilo incha, transborda, como um rio que alaga tudo. Pega-se-me e molha-me. Aturde-me. É só ele que fala no mundo, cada vez mais obcecado e mais alto, com interjeições e gestos desordenados pelo meio: — Estúpido! Hei de falar! quero falar! Hei de por força falar! E há aqui dor e ridículo. Há um esgrouviado a dizer vulgaridades, e uma coisa que vem da raiz da vida num frémito e que me mete medo. Um bafo, e logo mil vozes que aproveitam o momento e desatam a pregar sem tom nem som. — Toda a gente se ri de ti... — Deixá-lo. — Toda a gente se ri! toda a gente se ri! — Quero por força tornar a viver! Hei de por força tornar a viver!

Debalde lhe aconselho calma, o Gabiru insiste:

— Entrevejo na morte um sofrimento atroz. O inferno não é uma palavra vá. É um inferno de ânsia, um desespero

sem consciência e sem gritos. A vida não é senão uma trégua — um ah — e logo um mergulho nesse inferno de dor. Na dor extrema. Eis o que é a morte: a dor extrema, a dor emudecida. O terror instintivo da morte é uma advertência. Não quero morrer e vou ressuscitá-los!... Viver sempre! amar sempre! sonhar sempre! — que esplêndido sonho! A vida é quase nada. Tudo que custou tanto desespero, tudo sumido num buraco para sempre. Ouves? Para todo o sempre. De que serviram os gritos, as lágrimas, subir, trepar, chegar ao topo do calvário? Para todo o sempre! Bem sei: aquilo a que me apego é impalpável: é a mulher que passou, assomando-lhe ao focinho uma expressão de ternura, e que nunca mais tornarás a encontrar; é aquela manhã de chuva em que nos molhamos juntos (e ainda me sinto molhado) e que se não repete, é o minuto que nos escorre das mãos como um fio de água, mas doura-o o sol, e é esse mesmo minuto translúcido que quero tornar a viver, sem a sombra da morte a meu lado. É a essa mesma ninharia que é a vida a que deito as mãos com desespero. A vida é nada — e esta cor, esta tinta, esta desgraça. É saudade e ternura. É tudo. É os meus mortos e os meus vivos. Levo pena de tudo, até da fealdade. Agarro-

me a tudo, tudo me prende, o sonho que não existe, as horas inúteis, o possível e o impossível. A floresta não faz parte do meu ser, e eu tenho aqui a floresta, o som e o aroma da floresta, a vida da floresta; o céu não faz parte do meu ser, e eu sou o céu profundo, o céu trágico e o céu esplêndido. Dá-me a vida — dou-te tudo em troca... Agarro-me como um náufrago, agarro-me com uma saudade, que vem não só de mim, mas de muito mais longe, da base mesmo da vida. Para sempre! para todo o sempre! E, com um suspiro mais fundo, repete:

— Suprimi a morte, vou ressuscitá-los!

A noite vem, a noite avança. Sinto os mortos. Ainda vivo, já estou em seu poder: faço parte da legião. Noite imensa sem gritos. Pior que sofrer é não sofrer — para sempre. É nunca mais sentir. É ter as órbitas vazias voltadas para o céu e nelas não se refletir a luz das estrelas. Mais um passo e é o silêncio absoluto. Mais um passo e tapas-me para sempre a boca.

Não me importa ser feliz — não me importa ser desgraçado. O que me importa é o que há depois, é o que está por baixo da terra e o que está por cima da terra.

Já não luto. E ele insiste e cada vez prega mais alto:

— Eu não vivi. Que importa, vais morrer! Para sempre, para todo o sempre, o mesmo buraco de onde não sai rumor. Escuta isto: de onde não sai rumor. Repete isto: para todo o sempre. Nenhuma explicação te é lícita, nenhuma transação é possível. A morte não espera nem atende. É estúpida. Primeiro é estúpida, depois é incompreensível. É tremenda porque contém em si mistificação ou beleza. Absurdo ou uma beleza com que não posso arcar. O nada ou uma coisa que a minha imaginação não atinge. Se é o mistério, e se desvenda de um golpe, apavora-me. Se é o nada repugna-me. Apenas um minuto, e lá em cima as mesmas estrelas, e outros vagalhões de estrelas... Para ela tanto vale um segundo como um século, carrega um ser inútil ou um ser delicado com a mesma indiferença para o túmulo. Tens passado a vida a esperá-la. Que outra coisa fizeste na vida senão esperar a morte? É o que nos preocupa. Debalde a arredamos: a vida não é senão uma constante absorção na morte. Então para que nasci? Para ver isto e nunca mais ver isto? Para adivinhar um sonho maior e nunca mais sonhar? Para pressentir o mistério e

não desvendar o mistério? Levo dias, levo noites a habituar-me a esta ideia e não posso. Tenho-te aqui a meu lado. Nunca se cerra de todo a porta do sepulcro. Estou nas tuas mãos... Adeus sol que não te torno a ver, e água que te não torno a ver. Arvores, adeus árvores que minha mãe dispôs; adeus pedra gasta pelos seus passos e que meus passos ajudaram a gastar; adeus ternura para a minha sede, fruto escondido — para sempre! para todo o sempre! Tenho-te horror e odeio-te. Interrompes os meus cálculos. És o maior dos absurdos. Ver para não ver, ouvir para não ouvir, viver para morrer!

E aqui te faço uma confissão: o que mais me custa a largar e, como à cobra a pele, a vida comezinha. Não, o fim lógico da vida não é morrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde? Até Deus. Vou ressuscitá-los. Vou ressuscitá-los! E em eles se pondo a caminho vais ver dourado. A vida toma novo impulso. Desaparecendo a morte é que tu abranges a vida. Vais ver a cor que toma o mundo, as tintas que o mundo escorre e as flores que as árvores criam... Vou ressuscitá-los! Vou ressuscitá-los!...

A terra remexe. Sinto um esforço e revive o suor da desgraça; um arranco na profundidade, e todas as primaveras dispersas não tardam, uma atrás de outra, a reflorir. Há sepulcros até ao fundo do globo. De mais longe vem um ímpeto — são outros mortos ainda. Uma sombra desmedida, uma sombra que se despega da obscuridade, com todas as lágrimas que se choraram no mundo condensadas, vai desabar sobre nós. As suas palavras criam. O pior foi tocar-lhe! Neste debate entra agora o mundo todo. Entram as árvores e as pedras. Não há dúvida para mim: quando sair disto tenho renascido: o mundo não é o mesmo mundo, o céu o mesmo céu, a vida a mesma vida. O que existe é outra coisa dourada e imensa, esfarrapada e imensa. Repara que o céu aumentou em profundidade. O que existe são gritos, o que existe é o espanto. O pior foi tocar-lhe...

Um remexer de treva, que até agora pudemos recalcar, soltou-se da escuridão e pôs-se a caminho. Já não há esforços que a contenham... Um borrão trágico avança — outro borrão informe prepara-se. Os mortos empurram os vivos...

Passa no mundo a estranha ventania; é a morte que custa a separar da vida. O rasto que fica atrás, a perspetiva que fica adiante foi cortada. A morte está aqui de um lado, está do outro a vida. Tinha raízes enormes: arrancaram-lhas de vez. Agora atrevo-me a tudo. O turbilhão colérico abala o mundo, ouro e negro, esplêndido e feroz. Desenraíza tudo. As almas acordam num sobressalto, e não há homem que se não ponha à escuta. Passa no mundo a doida ventania das nossas aspirações secretas, das nossas dúvidas, dos nossos desesperos. É uma voz — são muitas vozes. É um grito — são muitos gritos. — É o grito contido há milhares de anos, o grito dos mortos libertos.

CAPÍTULO III

A VILA E O SONHO

Em lugar do uso de palavras fazia isto melhor com o emprego de dois tons — cinzento e ouro: uma nódoa que se entranha noutra nódoa. O sonho turva a vila. A primavera toca neste charco só lodo e azul: tinge-o e revolve-o. Mas o hábito de tal forma se entranhou na vida, que coabitam com o espanto e continuam a ir à repartição. Horas na torre. Mais silêncio. A morte roda aqui por perto, alguém fala: «Então como passou? Passou bem?» O hábito tem profundidades de légua.

A princípio olham-se desconfiados, com medo uns dos outros. Sem dúvida gostam de viver mais um século, mais dois séculos, mas não sabem ainda que emprego hão de dar à existência. Não se lhes dava mesmo de morrer contanto que continuassem a jogar o gamão no infinito. O que lhes custa mais a perder não é a vida, são os hábitos. Vêem-se e não se reconhecem. Há almas embrionárias, velhos lojistas

que olham para si próprios com terror. A maior parte da gente, nasce, morre sem ter olhado a vida cara a cara. Não se atrevem ou ignoram-na: a outra existência falsa acabou por os dominar. Não há máscara que não custe a arrancar — há mentiras que têm raízes mais fundas que a verdade. Por isso, para uns não morrer é continuar a jogar o gamão pela eternidade, para outros é juntar uma moeda a outra moeda, um dia a outro dia inútil. Sempre... Já na botica dois idiotas recomeçaram com escrúpulo uma partida que deve durar cem anos, e o bocal amarelo, as moscas mortas estão ali com outro ar. Fixaram-se. Estão ali embirrentas e sórdidas para toda a eternidade.

Pouco e pouco o sonho dissolve, a nódoa de ouro alastra. Vai mexer com o subterrâneo, acorda os mortos, desenterra o sonho submerso há dois mil anos, sobressalta o instinto, bole com todas as almas sobrepostas até ao fundo da vida. Transforma, volta a existência do avesso, deita o muro abaixo. Por ora é só uma ideia, mas sai-nos de cima o peso do mundo... Mexe em tudo, revolve todas as raízes que se apoderaram da vila. O sonho cai na regra, no charco de interesses, na hipocrisia que se não atreve, nos dentes

afiados que se transformaram em sorrisos, na paciência de quem espera uma herança com vagares de quem tece uma teia. Certas existências são formidáveis, outras existências são como alcovas onde nunca entrou a luz (cheiram a relento) e onde agora se agita e gesticula um ser desconhecido. Certas existências são feitas de ódio minúsculo, de inveja que sorri — porque nem a inveja se atreve. Certas existências são crepusculares. Em certas existências são os mortos que ordenam, muito mais vivos e imperiosos depois que estão no sepulcro. Quase toda esta gente se desconhece. Nunca se atreveram e agora perguntam-se: — Sou eu? sou eu?

Aqui estou eu que finjo que sorrio, e acabo por fingir toda vida. A minha vontade era anular-te — e finjo, e o sorriso acaba por ganhar cama, a boca por se habituar à mentira, a ponto de já não saber discernir o meu ser, do ser artificial que criei peça a peça. — Pois sim... pois sim... Mas atrás disto há outra coisa — há fel. E quando tiro a máscara? Mas eu já não posso tirar a máscara, mesmo quando me fecho a sete chaves: a mentira entranhou-se-me na carne. Este fantasma chegou a ter mais vida que a própria realidade. E

aqui andam outros seres. Eu não sei quem sou e até o meu metal de voz estranho. Eu não sou quem falo. A meu lado, atrás de mim, vem um cortejo de fantasmas, uma cauda disforme que me conduz e empurra, e adiante de mim há uma projeção de vida até aos confins dos séculos.

Acaba a hipocrisia. Acaba principalmente a hipocrisia para connosco, mais difícil de largar que a própria pele. Eu minto mais a mim mesmo do que minto aos outros, finges tanto com a tua alma como com a minha. Primeiro é a hipocrisia que descasca. Acabou! acabou! E com espanto ouço e desconheço a minha própria voz.

É que a morte regula a vida. Está sempre ao nosso lado, exerce uma influência oculta em todas as nossas acções. Entranha-se de tal maneira na existência, que é metade do nosso ser. Incerteza, dúvida, remorso... Nunca se cerra de todo a porta do sepulcro, sentimos-lhe sempre o frio. Agora não, a vida pertence-nos. A morte não existe, desapareceu a morte...

Ali a um canto um ser desata a rir, a rir, a rir como nunca ninguém se riu.

E, através da pedra destas fisionomias, transparecem já outras fisionomias: as velhas, como uma roda de aranhas de penante na cabeça, apertam o círculo em volta da majestosa Teodora. São anos de paciência, de inveja e de fel — são anos de tragédia. Sobressaltam-se as futilidades que estavam para durar séculos, mas ninguém arrisca ainda um gesto que o comprometa. Têm-lhe obedecido de rastros. O tempo passa, e com o tempo esta luta entre o inferno e o sonho reveste-se de cimento e de grandeza.

Obedece e sorri a Eleutéria. Mói, tem moído a vida inteira. Mói-se a si e aos outros. — E o tempo passa... Obedece e sorri a Adélia, que esperou, tem esperado a vida inteira. A miséria conserva: tem os cabelos pretos. Seis, doze vinténs desequilibram-lhe o orçamento: perde-os todas as noites com um sorriso de angústia. Obedece e sorri a Porfiria, que é a pior de todas; é feita de destroços e de restos. A aquiescência também está presente com a D. Restituta, de guarda-chuva na mão, acenando sempre que sim à vida: — Pois sim... pois sim. Faz-se um pouco surda para só ouvir o que lhe convém. Nunca diz mal dos outros, nunca repete numa casa o que ouviu cá fora. As vezes, de noite, vira-se e

revira-se na cama, mas nem sozinha se explica: suspira. É na aparência um pouco trôpega, um pouco adoentada e surda: tem uma saúde de ferro e um filho escondido. E ao passo que a D. Restituta, tendo dito a tudo que sim, tendo dito a tudo e a todos que sim, já não pode dizer, com o mesmo esgar, senão que sim: — Pois sim... pois sim... — a Adélia é ríspida: um vestido, um xaile, um chapéu de plumas, e o desejo exasperado de toda a sua vida (tem sessenta anos) de ter uma sala de visitas com dois castiçais de prata e um álbum. O álbum lá está, na sala que cheira a bafio, e há vinte e dois anos que dois paninhos redondos de croché esperam os castiçais de prata. Obedecem as figuras secundárias, atentas e imóveis sobre o jogo, dependentes umas das outras, ligadas pelo mesmo interesse.

O medo acabou, e o escrúpulo, a hipocrisia da gente que vive à roda de uma ideia sem atrever a encará-la. As velhas ouviram passos apressados dentro das próprias almas, o sonho veio à tona, e ficam absortas com as mãos agarradas aos queixos e as bocas espremidas a remoer em seco... — É preciso matá-la! São anos e anos, são séculos de inveja paciente, que sobem à superfície: até as figuras de pedra

ressumam dor e desespero. Agora metem-me medo. As velhas somem-se, e ficam gritos, fica o espanto, ficam fantasmas.

Toda a gente dá a mesma ferocidade, ódio instinto. Espremidos deitam as mesmas paixões. Uns ignoravam-se. Outros usavam a vida em manias. Outros gastavam-na em grotesco. Outros habituavam-se. A paciência era pegajosa. A paciência tinha uma cor especial, verde desbotado, que mal feria a vista, e um filho, a cobiça, tal qual como a D. Restituta, que encrespa o pêlo e se põe de pé com o guarda-chuva em riste.

Cada ser me perturba como se contivesse em si o céu e o inferno. Bem sei que a fórmula não é inútil: ao contrário a máscara é indispensável e é por ela que nos julgam. Mas, apesar de criarmos o mesmo bolor e de nos sepultarmos ao mesmo tempo com certa comodidade sob alguns palmos de terra, há qualquer coisa que remexe e que faz parte integrante da vida. Até o escuro se eriça — até a grande sombra se deforma. — Muita gente na vida só conta com a morte. A D. Desidéria desata aos ais. E é com secreta satisfação que vejo esfarelar-se este edifício tão bem

construído sobre bases, que pareciam inabaláveis, do interesse, da hipocrisia e das conveniências... Impelidos por uma mola dão todos um passo em frente, e há três dias que os padres se descompõem na colegiada sem se chegarem a entender: — Lá vai o inferno! lá vai o inferno! E, efetivamente, de um instante para o outro, lá vai o inferno que tanto custou a fazer, e outras sombras temerosas reduzidas a cisco. Lá vai o cenário admirável e monstruoso, todas as regras, todos os papéis pintados, que atravancavam o mundo, e eram pelo menos metade da nossa existência. O que tinha uma importância extrema passou a não ter importância nenhuma; o que parecia indispensável à vida, e sem o que se não dava um passo na vida, reduziu-se num minuto a zero. E outras coisas insignificantes assumiram proporções enormes... Os padres clamam num coro desesperado: — Acabou o inferno! acabou tudo! Descompõem-se na sala da colegiada que deita para o passado — o claustro com um pé de oliveira, e dois túmulos encravados na parede, cenografia para o Hamlet — ser ou não ser eis a questão... Cheiram a urina e a ranço. A religião sem inferno está perdida. — Mas lã por o homem ter suprimido a morte, não deixa de haver inferno

— observa o estúpido cónego Fazenda. — Isso está claro que não deixa, obrigado pela observação, mas é um inferno tão distante que não mete medo a ninguém. — Protesto! — Lá vai o inferno! acabou o inferno!

Lá vai também o céu, mas o céu não faz falta nenhuma.

Já não há esforços que contenham o mundo subterrâneo que se pôs a caminho. Aos mortos cheira-lhes a vida, a saque, a infâmia. A poeira remexe. Por mais que queiram conter a vida dentro de certos limites, ela extravasa e vem à supuração; por mais que a queiram comprimir estala por todas as costuras. É inútil. Além da vida aparente, há outra vida de ódio, de sonho, de interesses ocultos. É a vida, é o que eu cismo de noite e me sustenta de dia. É o desejo de extermínio, é o sonho que arredo e que me pega fuligem: são os restos de sonho de toda a gente. Em todas as almas, como em todas as casas, além da fachada, há um interior escondido. Saem dos antros entontecidos e respiram, olham o céu e respiram. Saem dos buracos e põem-se a rir, ou falam só, o que é a primeira vez que sucede na vila. Emergem da noite e vão deixando cair os farrapos.

Respiram com sofreguidão, os gadanhos afiam-se-lhes, e o mesmo desejo os domina: a vida! a vida! a vida!

Só esta velha parou de remexer nas cinzas frias. Petrificou-se mais, petrificou-se mais ainda, e a figura curva exprime, na imobilidade trágica, sonho e desespero, dor e desespero, noite e desespero...

* * *

20 de Dezembro

Que há dentro deste ser, que não tem limites? que há dentro deste ser de real e verdadeiro? Cada um assume proporções temerosas. Caem lá dentro palavras, sentimentos, sonho — é um poço sem fundo, que vai até à raiz da vida. Á superfície todos nós nos conhecemos. Depois há outra camada, outra depois. Depois um bafo.

Ninguém sabe do que é capaz, ninguém se conhece a si próprio quanto mais aos outros, e só à superfície ou lá para muito fundo é que nos tocamos todos como as árvores de

uma floresta — no céu e no interior da terra. De mais baixo ainda vêm terrores, ânsias, desespero... A maior parte das criaturas não só se ignoram como não passam nunca da camada superficial.

É um erro supor que o homem ocupa um espaço limitado no universo: cada homem vai até ao interior da terra e até ao âmago do céu. A parte de cima foi cortada, mas o que resta da alma é um poço sem fundo. Uma obscuridade. Por vezes fala a lei e o hábito. Intrometem-se coisas abjetas a que não sei o nome. Agora é a vez de impulso — agora é a vez do interesse. A mania também tem os seus direitos. De mais baixo ascendem ordens que se não chegam a formular. Desço mais fundo no poço e encontro restos sórdidos e candura. Por baixo sonho — por baixo fragmentos e gritos... As velhas, por exemplo, não são más, mas têm atrás de si séculos de ruína e de destroços. Há-as que acordam sempre com a boca amarga. Já tiveram vinte anos, e cada uma delas suporta uma cauda de desespero, de ilusões desfeitas, de ilusões intactas, de desejos irrealizados, que lhes pesa como chumbo. Cada velha arrasta consigo uma porção de cadáveres... De mais fundo vem outro impulso...

Começo a ouvir vozes que supunha de todo extintas. Acordam e de tal forma se impõem, que a D. Procópia desata a falar sem tom nem som. Nessa vaga, nesse lodo adormecido, jaziam seres ignorados que vêm à superfície: sente-se no silêncio as mãos agarrando-se às paredes. Um a um todos deitam raízes tremendas. E a nódoa imensa alastra, a nódoa desordenada, que satura de ouro a insignificância e o génio, a nuvem que envolve a D. Inocência, encrespa os cabelos à D. Leocádia, fez esquecer a dispepsia ao D. Prior, arreganha os dentes a D. Restituta. Pega-se. Torna uns mais ridículos, concentra outros. Vai remexer no que estava sepultado há dois mil anos, no bolor e no bafio, nas paredes compactas da Sé, nos santos imóveis nos seus nichos, na inutilidade e no hábito. E doura, doura, doura, doura o Teles e o Reles, doura a hipocrisia e o medo, o egoísmo e o interesse. E ao mesmo tempo que os transforma, põe-nos frente a frente a uma coisa estranha que não admite subterfúgios — à realidade.

Desaparecendo a convenção e as palavras, que vai sair daqui de temeroso e de ridículo? Transformando o mundo, com que olhos vamos ver o mundo? Tudo isto eram frases e

só existem instintos? A honra era uma frase, o dever uma frase e a vida um cenário? Cada ser é capaz de todas as perguntas e de todas as respostas. Escorre todas as tintas e possui todas as cores, e só por hábito adquirido há séculos é que conseguimos olharmo-nos cara a cara, quanto mais alma a alma.

Há diálogos na obscuridade em que se empregam palavras que nunca se usaram, e figuras que já não são as mesmas figuras. Todos nós somos disformes. — Deixem-me! deixem-me! — Agora quando falam já não é para dizer coisas convencionais. — Estou à espera, tenho estado aqui à espera toda a minha vida. — À espera de quê? — À espera desta hora suprema, à tua espera... Mas fala... — Não posso, só com gritos é que posso falar... A outra coisa temerosa sacode-os... — Tu ouves? — Não te quero ouvir. Se consegues ficar comigo sós a sós, sinto que estou perdido. Tudo que me deu tanto trabalho a construir, alui-se num único minuto. Teimo em me defender — teima em se fazer escutar... — Tu ouves? tu ouves?... — Mas tu não existes... Ou tu não existes ou só tu existes no mundo... Estremecem até à base da vida, e, neste cataclismo, ainda

se lhes pegam coisas vulgares e coisas inúteis — o que se faz e o que se não faz, o que se usa e o que se não usa, as conveniências e os hábitos rançosos. Há diálogos formidáveis na obscuridade. Há almas extáticas, há-as reduzidas ao espanto. — Ouves? tu ouves? — Não tenho a que me apegue, mal ouso pôr os pés. Até agora sabia quem era, ou fingia sabê-lo, agora pergunto se sou a D. Leocádia, a D. Procópia e a D. Penarícia? Só posso viver ligado a certas palavras, a certos factos, a certas bases que julgava indestrutíveis, e um nada destruiu tudo isto, transformou de todo a vida. O sonho tem outra cor, e a nódoa de ouro alastra, corrói, mistura-se a nódoas mais escuras e mais fundas, penetra, dissolve, produz logo manchas corrosivas como úlceras. — Fases ainda eles as têm, mas o pior é que cada um sente com espanto que já não subverte a verdade. Pergunto a mim mesmo se a deixo morrer, ou se a deixo viver mais duzentos, mais trezentos, mais quatrocentos anos? Agora que a sua vida só depende de mim, pergunto a mim mesmo se a deixo viver — contra os meus interesses? Eram tremendas as questões de dinheiro que a morte resolvia. Quem as resolve agora? Debatem-se em cada consciência problemas que só têm uma solução — a morte.

Escusas de desviar o olhar: só têm uma solução — a morte. E de mais fundo ascendem outras vozes e falam cada vez com maior desespero. — Não desvies o olhar. Tu ouves?...

Assim como esta clamam as vozes interiores, mais alto, sempre mais alto, imperiosas, as vozes da multidão que constituem a tua alma. Isto coincide com o grotesco dos homens de calva e ventre gorduroso, meios nus em plena praça, sem se atreverem a vestir-se ou a largar de vez os trapos convencionais; isto coincide com uma primavera antecipada, em que as árvores, sentindo talvez que vão ser a nossos olhos apenas coisas utilitárias, se apressam a dar flor, em que os céus noturnos e sem mácula parecem ter gelado em azul com fundos de ouro revolvido...

Alguns põem-se a caminho e marcham com olhos inquietos. Passa essa sombra trágica, a mulher do Anacleto. Estes dois que foram sempre pessoas consideradas, com assento na existência, e que usam a cabeça como quem usa um resplendor, o Elias de Melo e o Melias de Melo, sentem um baque que os amolga. — A nossa mãe morre... — E não tiram o lenço dos olhos. Uivos, gritos, exasperos. É a transformação do grotesco em ferocidade, é a camada de

hipocrisia que custa a romper. Imaginem isto: imaginem o lojista em debate com a vida subterrânea, o lojista deparando pela primeira vez com uma alma esplêndida, e a D. Adélia, de chinó postiço, fechada numa gaiola com a verdade, e aos saltos uma à outra.

Foi grotesco, começou por ser grotesco. Mas escuta-te: é um mundo que lá tens dentro, é uma multidão que se prepara para o assalto. Estava adormecida, acordou. Mete medo. E pregam, açulam-se, avançam direitos aos seus apetites, ao saque, à guerra, à luxúria. Continham-na arames enferrujados, o medo da morte, o hábito de crer em Deus (sabendo bem que Deus já não existia) fantasmas, cacos de armadura que derruíram de um dia para o outro. Descobrir que não há Deus que alegria! Põe a gente à vontade. Respira-se de outra maneira. Descobrir que a morte não é inevitável endurece. O mundo muda de aspeto. Agora é que eu contemplo a vida — e me perco na vida. Começo a ter medo de mim mesmo e não me posso olhar sem terror. Que é isto, este sonho, esta dor, esta insignificância entre forças desabaladas? Onde hei de pôr os pés? Eu sou a árvore e o céu, faço parte do espanto, vivo

e morro ligado a isto. Sou temeroso e ridículo. Não me desligo do turbilhão azul, sem nome, que me leva arrastado, estonteado, iludido, e ao mesmo tempo discuto, nego e afirmo. Sou ridículo e construí o mundo. Sonho e acabo reduzido a pó. Sou capaz de tudo e um nada me abate. Sou sórdido e fútil e não tenho limites — vou de mundo a mundo e de espírito a espírito. Dei alma às coisas inertes, significação ao universo, vida ao que não existe, luz às estrelas — e no fim acabo grotesco. Sou nada entre o pélago e sem mim tudo se afunda no pélago. O que olhava com indiferença mete-me agora medo. Não posso com o mundo transformado, com outros seres, e onde não me desligo de uma força cada vez maior e mais desabalada.

Preciso de olhar para mim, sou forçado a olhar para dentro de mim mesmo, a encarar comigo mesmo, e ou desato a rir ou fujo transido de pavor. Não me posso compreender no universo, não entendo esta luz insignificante no negrume gelado, nem esta discussão interminável no silêncio absoluto, nem este ridículo, nem esta figura mesquinha que representa o mundo. Com que destino rio ou choro entre o enxurro de ouro e os impulsos tremendos que vêm não sei

donde e caminham desabaladamente para um fim que não distingo. Tenho medo de mim mesmo! tenho medo de mim mesmo! Nunca o acaso pariu nada tão monstruoso e tão grotesco como isto a que se chama a vida. Tenho medo de mim mesmo! Cada vez me sinto mais abjeto e mais transido — cada vez me sinto maior e mais capaz de tudo. Não me posso olhar nos olhos, com medo de ver o que nunca vi, em todo o seu horror e em toda a sua nudez. Grito.

Gritos — gritos — gritos ainda sufocados. Ouço-os na noite imperturbável, na harmonia esplêndida, na árvore e na pedra. Mais gritos no turbilhão dos mundos, e atrás desse turbilhão outro maior — e mais gritos ainda. A ternura sou eu que a presto ao absurdo e à dor. O que fica na realidade são gritos. A harmonia parece imensa porque as coisas não têm boca para pregar — ou não as sabemos ouvir. Tudo isto se reduz a dor muda, a dor intolerável num escantilhão de desespero — de desespero sem significação — de desespero cada vez maior. E sempre outras bocas pregam mais alto na noite que não tem limites, outras bocas que nem sequer existem. Levanta-se a poeira trágica, a poeira que anda espalhada há milhares de anos, a poeira dos

mortos e a poeira dos vivos. Mais poeira ainda, que vem dos confins, toda a poeira dispersa, que já foi ternura e desgraça, poeira desaparecida que foi sonho, poeira inútil que foi dor.

Os maiores dramas passam-se porém no silêncio.

* * *

23 de Dezembro

«Se ela morresse...» Esta ideia ao menor obstáculo, esta ideia a que eu fujo e a que tu foges, e que ambos arredamos, mas que se obstina até a propósito dos que mais amamos — esta ideia transforma-se logo em ação: — Vou matá-lo.

Desapareceu a morte e eis-me aqui preso a esta criatura de olhos tristes fitos em mim. Para sempre! Até as coisas mais belas se transformam em absurdo e me pesam como chumbo. Pesa-me a tua amizade, pesa-me o teu amor — para sempre.

A pobreza e a humildade não se toleram para sempre.

A ninharia a poder de anos e de persistência impõe-me respeito. A ninharia um século, outro século, transforma-se em grandeza.

Quanto menos sinto a morte necessária para mim, mais a julgo necessária para os outros. É um muro que é forçoso deitar abaixo. Para respirar é preciso deitá-lo abaixo.

Muitas vozes, a deste, a daquele, a de tantos mortos, a imporem-me a sua lei... Agora só eu falo e com a minha própria voz.

Agora só eu mando. A vida vou julgá-la com os meus próprios olhos. Vou tomar fôlego, vou tomar peso à vida. Sei-a de cor e salteado. Sei o que valem os preconceitos, as ilusões e as palavras — sei o que vale o dinheiro. Não torno a ser iludido.

A vida é um combate, que só se vence pela bajulação, pela manha ou pela audácia — todos os meios são bons. Os escrúpulos não servem para nada, a convenção tolhe-nos os braços. Meia dúzia de regras afiadas bastam. Honestidade

a precisa para que confiem em nós — piedade a bastante para que não nos assaltem os cofres. Fora disto logro.

Se tenho forças uso-as.

A vida nestas bases é talvez monstruosa, mas não posso modificá-las. Aproveito-as. Tiro da vida o que ela me pode dar. Com ilusões podia-se ser pobre — sem ilusões só se pode ser rico.

* * *

25 de Dezembro

O pior é que se passa no silêncio. É a outra coisa que acorda, é a outra coisa desconhecida que começa a empurrar o tabique. Deitamos-lhe todos as mãos para o segurar, mas, no escuro e no silêncio, a pressão redobra... Está outra coisa por trás do tabique, outra coisa que eu não quis ver, e que o sacode com desespero. Bem sei, bem sei que existes! Bem sei que estiveste sempre ao pé de mim. Nunca te deixei discutir comigo. Senti sempre que estava

perdido se te deixasse abrir a boca. Há tragédias de que desviava o olhar, fingindo não as ver. Agora hei de vê-las por força. Há mistérios que não queria debater e agora se me impõem. Há vozes que não queria escutar e que falam mais alto que a minha voz. Há seres que não queria conhecer e que discutem agora tu cá, tu lá comigo. Tenho de os aceitar. Romperam pelos sepulcros fora — despedaçaram todas as tampas. E esta intrusão na vida modificou de todo a vida.

Cada um vê dourado. Tem de pôr o problema ali na frente e de o resolver. Tem de ir até ao mais profundo do inferno e até à vacuidade do céu. Cada um tem de se olhar a si mesmo, nu é ridículo, nu é esplêndido. Cada um vê por uma fresta a força desabalada, e põe-se a cismar como Dante com a mão ferrada no queixo. Temos todos de resolver o problema. Debalde amontoamos inutilidades ou palavras, aí está na nossa frente o mundo real, o mundo da verdade, o mundo sem subterfúgios. Traz flores como uma primavera, traz enxurro. Arrastou-se pelas folhas apodrecidas e pela lama. É dourado — é feroz. Tem todas as tintas e todas as cores, e sobre isto frenesi. É humilde, leva consigo no

mesmo ímpeto ternura, dor e desespero. Está dorido e vai tão fundo como a própria desgraça. Impele-nos. É a vida e o sonho, é a tragédia — não existe. Não tem nome. Chama-se a vida e a morte. É uma coisa absurda. Mete-me medo e extasia-me.

As velhas já não dizem: — Jogo! Houve uma coisa que se meteu de permeio. Os passos aproximam-se e o esforço aumenta. Sinto-lhe o bafo monstruoso, sinto-o mais perto de mim e encostado ao meu ser.

O que se passa em cada casa, dentro de cada ser, no fundo de cada poço? Ouve-se as almas, como se fossem facas, afiarem no escuro. Estão prontas. Bem sei, falam ainda entaramelado, hão dizem o que sentem, mas já caminham segundo o interesse, o ódio e o sonho. As resmas de papelada são inúteis, a lei todos os dias se reduz a zero. A nódoa alastra. E agora é que se vê bem o que cada um trazia dentro de si. Nesta primavera há duas primaveras. Agora é que eu compreendo que as palavras que se pronunciavam eram rituais, que os gestos, com séculos de existência, eram necessários e significativos. As frases rançosas das velhas nos dias de enterro, as frases banais,

eram as únicas capazes de amortecer a dor; este hábito ridículo de jogar o gamão um ópio, como esta história que a Bacelar conta a si mesmo, com um ar idiota, um princípio de sonho. Tanto vale uma tragédia. É preciso fugir à realidade. Compreendo tudo. O que elas odeiam no Gabiru é a sua imensa capacidade de sonho; o que a vila escarnece é o que a vila inveja. Bem se importa esta roda de velhas, em volta de uma mesa de jogo e o candeeiro ao centro, com a bisca lambida: durante algumas horas esqueceram a mediocridade da vida — esqueceram também a morte. O xaile velho a que a D. Leocádia se achega todas as tardes, mesmo no pino do verão, pego nele e, quanto mais no fio, mais peso tem: está encharcado de sonho.

CAPÍTULO IV

PAPÉIS DO GABIRU

O que me impede de ver a tragédia da vida, é a ninharia da vida.

A alegria é a luz. A luz suprema é Deus.

Se Ele não existe — nós criamo-lo.

Cheguei a um ponto da vida em que nem os outros me interessam, nem eu interesso os outros. Não falamos a mesma língua. Só entendo alguns desgraçados.

Tudo na natureza são formas da minha alma. Minha alma passa como uma luz em frente da escuridão. Extinta só resta a treva.

Se não fosse o hábito uma árvore matava-me. Não posso olhar o céu sem terror, e tenho de fechar todas as portas para voltar à vida comezinha.

Para o outro mundo é preciso uma iniciação.

Sinto que cada passo que dou é irremediável.

Se me perguntassem o que queria ser — queria ser isto mesmo. Assim na eternidade te queria, minha alma, com o mesmo sonho, a mesma vida e os mesmos erros. Não te troco por outra alma.

Não há beleza completa sem uma pontinha de saudade.

A pobreza, a desgraça e a dor metem-me medo. Mas que prestígio! Ser alimentado pela desgraça dá outra fibra, que só à desgraça pertence. Faz-se parte de uma legião esplêndida.

Há uma porção melhor do nosso ser, não há negá-lo. Luz entre resíduos, gritos e instintos. Se não existe outra vida, pergunto para quê?

Se fosse possível suprimir a ilusão — morríamos todos à uma. Vivo entre quatro paredes, e entre quatro paredes analiso e comento e construo o universo. Fora desse casulo nada existe para mim. Sucede, porém, que da parte de fora é que está o resto...

Se me perguntam o que é a vida — não sei o que é a vida. Sei que me devora — sei que tenho ao pé de mim a morte.

Que faz de nós a vida? A vida gasta-nos, reduz-nos a linhas essenciais. Habitua-nos a viver, e, quando estamos habituados a viver, suprime-nos.

Sei que tudo são aparências, com uma única realidade, a morte. Para morrer não valia a pena viver, para me encher de saudade não valia a pena viver. Só para ser mistificado não valia a pena viver.

A melhor parte da vida — é a saudade da vida.

A que se reduz afinal a tua vida? Algumas ideias mesquinhas — e a uma coisa que não cabe cá dentro.

Sim a vida tem minutos belos, quando a gente a esquece. E acima de tudo o sonho. O sonho vale a vida.

É nada e menos que nada. Impulso, desconcerto e lógica, e no fundo do teu ser uma ânsia superior a tudo, que é a melhor parte do teu ser. Melhor, que te faz desgraçado. Melhor que teima em querer um universo a seu modo, e que pouco e pouco, apesar de tudo, contra tudo, tem construído o mundo a seu modo. Foi ela que fez Jesus. É ela que te impele para cima, cada vez mais para cima.

Ouço-me viver com terror — e caminho nas pontas dos pés para a morte.

Se a vida futura é um absurdo, esta vida é um absurdo maior. É tudo uma questão de hábito. Tanto sonhei contigo que te construí.

Sou aqui tão necessário como as estrelas do céu. Aqui estou, criatura mesquinha, com a dor a meu lado, com sonho a meu lado. Hei de acabar por te dominar. Não há morte que te valha!

Isto é abjeto, às vezes é grotesco — mas se isto desaparecesse, desaparecia Deus, e, com o maior dos sonhos, todos os outros sonhos.

* * *

30 de Dezembro

A vida é tecida como o linho: um fio de dor, um fio de ternura. Eu intrometo-lhe sempre um fio de sonho. Foi o que me perdeu.

Só dei por ela depois de morta. As horas mais belas perdi-as a sonhar, quando a vida estava a meu lado. Eu não vivi! Eu não vivi!

Agora é que me lembro dela, como de uma tarde que viesse devagarinho na ponta dos pés, e se fixasse num minuto, no silêncio, nas coisas suspensas na luz — nos botões quase a abrir.

Estraguei tudo, estraguei a minha vida e a sua vida.

O dia de hoje não existe para mim: só penso com sofreguidão no dia de amanhã. Ora amanhã é a morte. E sucede também que só dou pelas coisas belas da vida, depois que passaram por mim, e que as não posso ressuscitar.

Há na vida um único momento. Um momento que sorri. Que concentra em si todos os momentos. Troquei-o pelo absurdo. Troquei a vida pela morte.

Só agora seus olhos verdes de espanto me chamam, seus olhos que exprimem o irreal e o mundo todo, seus olhos cheios de dor represa e de sonho coado por lágrimas...

Agora é que ela está viva! Agora é que ela está viva! E tão viva que a confundo com a morte.

CAPÍTULO V

ATRÁS DO MURO

O Tabique caiu e contemplo a vida. Mas entre mim e mim interpõe-se um muro. O drama não tem personagens nem gestos, nem regras, nem leis. Não tem ação. Passa-se no silêncio, despercebido, entre mim e mim. É um debate perpétuo.

Que dúvidas? Pois se a minha vida é esta e não há outra vida; se o minuto é este e não há outro minuto, que força me pode deter para que eu não realize o meu destino contra ti e contra todos?

Há um ser que ocupa o meu ser e me domina quer eu queira ou não queira. Quem há aí capaz de dizer que a mesma ideia o não persegue? Arreda-a. Também eu. Mas saio disto aos gritos. Esfacelado. Tenho por força de o admitir na minha companhia. Subjuga-me. Pior: faz-me falta quando o não tenho ao pé de mim.

Sentiste-o avançar, pouco e pouco, no silêncio? Sentiste o teu pensamento disforme avançar mais um passo no silêncio? É porventura possível que o que se passa no mais recôndito do teu ser, alguém o pressinta e o ouça avançar no silêncio?

Há em mim várias figuras. Quando uma fala a outra está calada. Era suportável. Mas agora não; agora põem-se a falar ao mesmo tempo.

Talvez eu seja um ser complexo, talvez os outros sejam tão complexos como eu. Tudo me faz sofrer — mas metade do meu sofrimento é representado. Tenho é certo dúvidas — mas metade das minhas dúvidas são postiças. Hei de acabar por não crer em mim como não creio nos outros.

Perpétuo combate a que bem quero pôr termo e que só tem um termo — a cova. Eu e o outro — eu e o outro... E o outro arrasta-me, leva-me, aturde-me. Perpetuo debate a que não consigo fugir, e de que saímos ambos esfarrapados, à espera que recomece — agora, logo, daqui a bocado — porque só essa luta me interessa até ao âmago... Estou pronto!

Eterna contradição de todo o teu ser. Não sabes o que queres nem como o queres. Não sabes no que crês nem no que não crês. És um impulso. Vais até à cova levado por todos os ventos, sempre a barafustar sem sentido. Explicas tudo, ignoras tudo, adivinhas tudo. És um mar de inverno num dia de verão.

Está tudo decidido — dizes — está tudo pronto. Só uma coisa me falta: pôr isto em ação. E essa coisa, que é um nada, tem o infinito de comprido.

Desde que este fantasma se pôs a caminho nunca mais consegui detê-lo.

Começa por uma ideia que afugento. Começa por um pensamento ténue, por uma simples palavra que afasto.

Insiste. Há ainda dias em que discuto. E por fim domina-me, tem mais vida que a minha vida, tem mais realidade, mais sonho e dor, do que eu.

Assisto à sua ação e não o posso conter. Acaba por acampar entre os destroços do meu ser como um dominador.

Mas eu não o criei! não fui eu que o criei! Não só o não tolero como lhe tenho horror. Mas para ser sincero devo

dizer que há ocasiões em que me submeto com alegria. Para ser sincero até ao âmago, devo dizer que nesta dor, neste desespero, é que me sinto inteiramente viver. Com ele é que eu grito. Decerto eu não sou isto — não quero ser isto. Tenho-te medo e pertenço-te. És a melhor e a pior parte do meu ser.

Felizmente não vemos senão detalhes. Se alguém pudesse encarar uma alma até às maiores profundidades, e ver ao mesmo tempo de que ternura, de que ânsia, de que desespero e de que tempestades essa alma é capaz, nunca mais podia desviar os olhos desse espetáculo. Fosse ela a minha alma ou a tua alma. Era o mundo todo, era o universo. Era Deus.

Que posso eu contra a vida? E se me recuso, se luto, que me espera? A renúncia? A estúpida renúncia, e cada minuto que passa me aproxima do nada, me leva, queira ou não queira, para o nada? Na cova, na podridão, desfeito em pó, arrastado por todos os ventos, daqui a um século, daqui a milhares de séculos, ainda todas as partículas do teu ser, que não soubeste impregnar de vida e alimentaste de simulacros, te hão de pregar: — Estúpido! Estúpido!

Remorsos? Eu não tenho remorsos. Duvidas? Eu não tenho dúvidas. Desde que te vi — vi o universo. Compreendi tudo. Compreendi que não tinha vivido, e que toda a minha existência tinha sido fictícia — que mais valia um minuto na vida, que cem anos de vida. Que só há uma hora na existência e que é preciso aproveitá-la. Que tudo é simulacro e só tu és a verdade. E apercebi o universo como força e destino a tal profundidade, que nesse rápido segundo passou por mim numa rajada todo o turbilhão da vida, com as suas vozes, os seus mistérios e toda a sua grandeza feroz. Vi tudo. Senti tudo. Bastou ver-te. Portanto não tenho dúvidas nem remorsos. Ao contrário estou calmo, ao contrário estou decidido.

Mas há uma coisa temerosa, uma coisa inexplicável e imensa — um fio que não posso cortar. Tenho a sensação de que, cortando-o, aniquilaria a vida. Não a minha vida, que não importa — mas o que há de mais extraordinário e de mais ténue na vida. Se houvesse Deus, diria que aniquilaria Deus.

Há uma atmosfera de mentira que ninguém deve ultrapassar — há uma atmosfera viva que todos nós

respeitamos.

Mergulho. Mergulho mais fundo ainda e não encontro nada. E no entanto tu existes. És muda e existes. Quando me imagino livre de ti, é que tu tens mais força. Procuro explicar-te por palavras, por convenções, por regras aprendidas, por habilidades... És muito maior do que eu.

Ponho o ouvido à escuta de encontro ao mundo, ouço-me para dentro, para surpreender as coisas fundamentais que ele me ordena e são duas ou três simples, de instinto e ferocidade. E além disso outra coisa imensa — que não existe.

Como te chamas tu? E tu, dor, como te chamas?

* * *

11 de Janeiro

Ponho-me a olhar para ti consciência, e exijo que me fites nos olhos e que me fales claro. Não entarameles a língua. Em primeiro lugar diz-me o que és e o que significas: medo,

receio, uma voz que se cala se a miséria aperta ou a luxúria levanta a cabeça. Um nada, uma voz tão tímida e tão pronta a sumir-se... Incomodas-me é certo, mas não impedes nada. Falas quando devias estar calada, não sabes o teu papel e nunca entras a tempo. Herdei-te: és convenção e egoísmo alheio entranhado no meu egoísmo, sintetizado em duas ou três regras para comodidade dos outros. Fazes de mim uma presa fácil para quem a não tem. E escrúpulo, e o escrúpulo é pelo menos inútil.

Estás em perpétua contradição. Inutilizas-me metade da vida e nunca me pude desfazer de ti. Nesta luta de todos os dias, quando me julgo livre, é quando te sinto todo o peso.

Isto é decerto a vida. Mas a vida é também o instinto que me diz: Aproveita, não deixes fugir o único minuto. Se a vida é um momento entre o nada e o nada, o que vale a pena é aproveitá-lo.

A questão suprema é esta e só esta: Deus existe ou Deus não existe. Se não há Deus, a vida, produto do acaso, é uma mistificação. Aproveitemo-la para satisfazer instintos e paixões. Se Deus não existe, não há força que me detenha. Não há palavras, nem regras, nem leis. Tudo é permitido.

Questão lógica: pois eu hei de ir para a cova, para todo o sempre, para toda a eternidade, sem ter extraído da vida tudo que ela me possa dar, preso a palavras ou a meras questões de forma? Oh! ponhamos a questão, consciência: se Deus não existe tu não és senão um estorvo, meia dúzia de regras aprendidas ou herdadas. Ponhamos enfim a questão com toda a clareza, porque este é o único problema que me importa e que te importa resolver.

Escusas de encher a boca com o dever. O dever não me interessa nada. A questão fundamental, a questão que eu debato com todo o meu ser, e de que me não consigo desligar, é a da morte eterna e a da vida eterna.

Se Deus existe eu sou um homem — se Deus não existe eu sou outro homem completamente diferente.

Não existindo tu consciência, o que tu te intrometes na minha vida! E tanto faz analisar-te, discutir-te, negar-te, incomodas-me sempre. Estás morta — estás viva. Na cova hei de chorar inutilmente por te ter obedecido. Hei de revolver-me com desespero, por teres conseguido amolgar-me e amesquinhar-me. Por mais que queira desfazer-me de

ti, tu impões-te me. Quando te julgo aniquilada, aí começas a falar outra vez.

Vens de muito fundo!

Às vezes protesto e imponho-me. Decido passar sem ti: humilhas-te. Humilhas-te para logo levantares a cabeça e revolveres o punhal na ferida. Pesas-me como chumbo.

És de ferro. Bem tento explicar-te: são os escrúpulos que me não deixam trair, mentir, subir. O que é eficaz não é ter escrúpulos, é fingir tê-los. É tudo o que os outros nos pedem. — Mas tu não transiges. Se te abaixas, é para te ergueres de novo, para de novo me atormentares. Não me largas. Acompanhas-me por toda a parte.

Se me livrasse de ti! Se me livrasse de ti!

* * *

18 de Janeiro

O que eu tinha era medo. Medo da morte, medo da sombra. Só isto existia? Quando tudo em mim me pregava que

aproveitasse este momento, que deste único momento extraísse tudo que ela me podia dar — alguma coisa me detinha. Eras tu consciência. E tu não existias! Fale a lógica, fale a razão, fale também o instinto.. , a consciência é sempre religiosa. Mal posso dar um passo no mundo sem tremer. O mundo é Deus, Deus rodeia-me. Tudo para mim é uma causa de espanto — e através deste espanto pressinto ainda um espanto maior. Sinto-me como baloiçado num sonho imenso. Ando nas pontas dos pés. Mal ouso respirar no cantinho onde contemplo. E a minha consciência era um reflexo deste universo. Mas se tudo isto se converte em forças, se arredo de vez a sombra temerosa, se tudo é acaso no acaso, se nada existe, se é indiferente o que eu penso e o que tu pensas, se só eu sou ao mesmo tempo o bem e o mal, a consciência já não é a mesma consciência e a sentimentos novos corresponde uma consciência nova. Bem te procuro encontrar no fundo do meu ser. Rebusco-te. Às vezes, nos momentos trágicos, já não é contigo que eu deparo — é com outro ser que assiste sempre, como um espectador, a todos os meus exageros. Deitavas-te comigo, levantavas-te comigo, ferrada como um punhal — e não existias. Neguei-te. Expliquei-te. Reduzi-te às tuas

verdadeiras proporções — e tu não existias! Atormentaste-me e fizeste-me sofrer mesmo quando já compreendera que não existias. E agora mesmo, quando o universo é outro universo, ainda te encarniças sobre mim como um fantasma.

Escusas de te rir — tu não existes. Dependias da morte, e o que eu tinha na realidade era medo. Talvez medo para depois da morte — medo da minha alma em frente da minha alma, medo de aparecer nu e com pústulas diante do que é eterno. Carreguei-te como um fardo inútil. Põe-me a questão, põe-me todas as questões que quiseres. Tenho diante de mim este mundo e a voragem, este mundo e o nada. Não te metas de permeio, que já não tens razão de ser. Seria mistificação sobre mistificação. Não me atrever agora é absurdo. Porque, consciência, o que importa é a parte interior — é a verdade sós a sós comigo, fechado a sete chaves, e essa é temerosa. Não tentes iludir-me. Não podes mentir a ti mesmo. Vês que passaste a vida a conter o mal — e o mal fez parte, queiras ou não queiras, da tua vida. O mal é pelo menos metade do teu ser. Agora sim — agora estou livre e atrevo-me. Para sempre livre da morte e

livre do tempo, calco-te aos pés. Nenhuma sujeição. Nenhum temor, nenhum fantasma. Sem escrúpulos! sem escrúpulos! Uma força entre forças e mais nada. O mundo pertence-me. Pertence-me e olho-o cara a cara sem desviar o olhar. Sou a única força consciente, sem palavras que me diminuam, nem escrúpulos que me contenham...

Agora fala! Aproveita o minuto único, a infâmia, o enxurro, o sabor a fel e a lágrimas da vida, ou enfileira-te, se podes, no estúpido rebanho, e reentra na vida quotidiana, feita de pequeninas regras e interesses. Vem-me um vómito: tenho vontade de fugir de mim e dos outros: só o que é selvático me interessa e acorda em mim sonho, perfume e ferocidade... Quero saber o que me impede agora de matar. Quero saber o que me impede de olhar nos olhos o inferno, de seguir o instinto e de obedecer ao impulso...

CAPÍTULO VI

O SONHO EM MARCHA

O homem por dentro é desconforme. É ele e todos os mortos. É uma sombra desmedida: encerra em si a vastidão do universo. E com isto teve de atender a máscara. Para poder viver teve de se transformar e de esquecer a figura real por a figura de todos os dias. Agora todos somos fantasmas — todos somos afinal só fantasmas, e o que construímos já não cabe entre as quatro paredes da matéria...

Todos temos de matar, todos temos de destruir. Todos temos de deitar abaixo.

Há que tempos que deitamos flor pelo lado de dentro! Fomos sempre construções vivas, árvores estranhas, que bracejaram para o interior do tronco ramos e tinta, mais ramos desmedidos e tinta, revestidos de casca pelo lado de fora. Foi por dentro que vivemos e só por dentro nos era

lícito crescer, cada vez mais alto, até a morte intervir. A alma destas velhas chegou assim a ser prodigiosa. Façam o favor de entrar... Algumas flores murchas num cantinho com mofo. Depois paciência, avareza, depois um vasto campo funerário, onde passa o vento da desolação como na retirada da Rússia. E dominando a paisagem dois ou três marcos geodésicos. Lá no fundo uma pegada de vida empoçada e que reflete o céu: ali se miram e remiram na sua mocidade. Notem: nenhuma disse uma palavra mais alto. Notem: nenhuma arriscou um gesto mais brusco. Por mais fel que lhes venha à boca estão habituadas a engoli-lo. Nem com a cabeça tapada se atreveram a olhar a verdade. Para dentro! sempre para dentro! E assim sucede que não se construiu nunca catedral com alicerces mais fundos. Está viva. Uma sustentou-se de côdeas, outra sustentou-se de fome. A inveja também sustenta, o fel também sustenta. À Araújo só a paciência e o cálculo lhe permitiram viver. Às vezes tem fome — nunca disse a ninguém que tinha fome. Sabe logo quando entra numa casa as palavras que agradam à velha rancorosa e à filha cheia de pretensões a quem ensina as escalas; de quem há de dizer mal esta semana e bem para a que entra. Esperou como a aranha

espera com o estômago vazio. Nunca pediu esmola. Melhor: conseguiu dar-se ao respeito. E calcula, calcula, cheia de fome, o tempo que a majestosa Teodora pode durar. A D. Penarícia é abjeta, mas só a abjeção lhe tem permitido viver. A mentira tem razão de ser — sem abjeção a sociedade repele-nos. Admitimos alguma abjeção, não completa e total, que repugna, mas a precisa para servir de realce e moldura ao nosso quadro. Acresce a isto que teve de viver com despreocupação, de sorrir com despreocupação, de mentir com despreocupação — com a miséria atrás de si. Teve de lutar com a fome, e de manter certa aparência. Conseguiu impor-se. Com fel constrói-se uma vida — o fel dá certa solidez. O pior é meter logo para dentro toda a inveja que lhe vem à boca. Pior ainda: na velhice misturou-se tristeza ao fel. Não só a D. Penarícia tem inveja, não só a D. Penarícia odeia, mas a D. Penarícia chega ao ponto em que percebe a inutilidade do fel. A Teodora pode aniquilá-la de um gesto. Fel e vinagre — mais fel e tristeza. É um vasto campo de destroços de que desvia o olhar. Foi-lhe então inútil o fel? Se não fosse o fel já tinha morrido. Quando passou fome, quando deu dinheiro ao homem para o jogo, quando perdeu na bisca para a Teodora

ganhar e sorrir, o que a sustentou foi o fel. Quando vestiu a filha e a passeou no jardim, com trapos como os outros trapos, o que a sustentou foi o fel. Juntem a isto coisas inverosímeis que se lhes pegam e as reclamam, velhas coisas esquecidas, velhos sapatos de ourelo, desaparecidos para sempre nas profundidades do nada; velhos hábitos, costumes aferrados, misérias crónicas, adquiridas pela vida fora e que erguem a voz, cabelos postiços, sentimentos postiços, gritos, e o exaspero de quem não pode berrar: — o que eu quero é gozar! o que eu quero é encher-me! — o que representa ainda mais fel e tristeza, mais fel e vinagre. Tudo isto se fez pelo lado de dentro — tudo isto cresceu pelo lado de dentro, de tal forma que se fosse material não cabia no mundo, com colunatas, pórticos, destroços e subterrâneos, como uma catedral gótica. Aqui nesta cripta está o relento, branco e mole, criado na escuridão e no silêncio, branco e mole, branco e sem olhos. Várias sepulturas com estátuas jacentes e, mais adiante, sobre sarcófagos, a Tradição e a Fórmula, que durante os anos que durou a bisca, defenderam a majestosa Teodora de um envenenamento. Aqui agora — cuidado! — a escuridão é viva, a escuridão é sonho, é sonho requentado, como um

acrescento de todos os dias, sonho com que não podem mais ao lado da vida quotidiana. Como sempre as velhas deitam-se cedo, rezam o terço, e antes de dormir juntam um pormenor ao sonho inútil, uma figura aos nichos, um pórtico aos pórticos, um terraço aos terraços — até que adormecem com um sorriso cândido e um cheiro pela boca que tresanda... Aqui com o tempo acrescentou-se um alto relevo esquecido; aqui as figuras são figuras de delírio; aqui a nave atinge alturas desconexas sustentada num único pilar; aqui abre-se uma ogiva com vitrais, que esclarece a uma luz funérea um quadro indistinto, e que é talvez a recordação de um amor já morto — porque elas também amaram — aqui o mistério envolve-se em sombras condensadas, onde agoniza um Cristo exânime que mete medo. Adiante num friso incompleto com uma cidade fantástica, campeia o diabo; depois um remate enfumado, cachorros sustentando uma arcatura, onde se admira a delicadeza e a abundância de ornamentação (é a paciência); e neste canto mais sonho, entre negrume acumulado, treva viva num buraco de treva, que a si própria se enovela num desespero, até que não cabe na catedral, irrompe para o lado de fora e chega num jacto ao

céu... Isto não é a catedral de Burgos — é a catedral do fel e vinagre.

Todas aceitavam a morte e a vida quotidiana. Resignavam-se. Mas o que esta palavra representa de sonho desfeito em fumo, de cóleras inúteis, de inveja inútil, de bolor e de despeito, tradu-lo a paciente D. Hermínia por este grito feroz:

— Estou farta senhor padre Ananias! Estou farta de o aturar a si, de aturar os outros, e de me aturar principalmente a mim mesmo!

A paciência acabou, a resignação acabou — e acabou a morte. Suprimida esta ideia, suprimido também o tempo e o espaço, as velhas não existem; o que está vivo é a ferocidade, a paciência e a mentira — e tudo espera a ocasião. Espera e desespera. A parte de dentro é que está viva e reclama de pé e de ferro a sua vez. Ali estão frente a frente, e pergunto se estas velhas que passaram a vida à espera de uma herança não têm direitos. Pergunto se é possível que a majestosa Teodora continue a viver mil anos e a impor-se, a mandar, de quico na cabeça e com o cofre atrás de si, e as outras agarradas à mesa do jogo e à espera

da morte. Pergunto se ter inveja não é sofrer, se ter paciência não é sofrer. Há que tempos que cada uma delas só pensa em matá-la e arreda a ideia com medo ao inferno. A teia aperta-se. Mais um momento e a teia torna-se visível. A majestosa Teodora não pode escapar. Todos os dias se tecem fios que a envolvem, todos os dias aquelas vontades atuam, todos os dias o sonho constrói. Sufoca. Formou-se um ser que tem vida própria, uma atmosfera, uma alma comum, de que fazem parte todas aquelas almas. A majestosa Teodora pertence-lhes. Hoje a Adélia cravou de repente a agulha sobre a mesa, e a majestosa Teodora desatou de súbito aos ais, aos ais, como se visse ali lavrada a sua sentença de morte. Todas as fisionomias mudaram alteradas e profundas, subindo à tona das profundidades do universo ou de poços mais profundos ainda. Agora o sonho não é um segundo, o sonho vai ser a vida.

— Está certo o senhor? Está certo o senhor padre Ananias, que depois desta vida há ainda outra vida de que nos têm falado? Ou há só esta vida? Só esta?! E isto é uma comidela?

O que elas estavam era sepultadas num vasto cemitério do tamanho da vila. Sobre cada velha havia pó, sobre cada interesse pó, sobre cada fisionomia outra fisionomia. Efetivamente a Teodora é uma insignificância. Só dá leis. O melhor é matá-la. E todos os olhos se cravam nos olhos do padre, todas as velhas mastigam em seco, todas as velhas dão de repente um salto brusco no vácuo.

Ó paciência que já não és paciência e trazes veneno na algibeira, com que despeito olhas para trás, para o Himalaia de inutilidades. Debalde a paciência tenta dizer ao sonho:

— Amanhã — tenta iludi-lo: — Espera... E a mentira propôs-lhe uma transação. O sonho toca na paciência como quem toca num nervo, e quando a Restituta vai mais uma vez dizer-lhe à pressa: — Pois sim... — aperta-lhe o gasganete e pela primeira vez na sua vida a deixa desorientada... Comediante, vê se aproveitas o excesso da tua dor para praticares uma nova infâmia!

* * *

21 de Janeiro

A mesma interrogação se formula em todas as almas: quer então dizer que só vivi uma vida fictícia ao lado da vida e que perdi o melhor da existência em aparências? Quer então dizer que tudo para que vivi não existe? Ponhamos a questão! Ponhamos a questão! A maior conquista do homem, Deus, desapareceu para sempre — desapareceu também a morte. Ponhamos a questão: façamos tábua rasa. Está tudo em terra, o dever, a honra, as fórmulas e as regras. Ponhamos a questão por uma vez, nítida, clara e sem subterfúgios. Ponhamos a questão e todas as questões...

Avançam e recuam logo. Do sonho grotesco ou esplêndido, ridículo ou feroz, à realidade vai um passo desmedido. Interpõe-se um muro... Todos passamos os dias a resignarmo-nos. Muitos nem dão pela vida. Há seres que tanto faz estarem vivos como mortos. Outros nunca repararam sequer na sua verdadeira fisionomia (porque até a nossa fisionomia é mais verdadeira que real). Em alguns o murmúrio das vozes é tão afastado que não chegam a

interpretá-lo... Há-os que saem da luta esfarrapados, há-os cheios de reticências e que mal visionam o mar morto indiscritível. O que os farrapos custam a largar! O que o muro custa a deitar abaixo! Pesa-lhes a vida anterior, o hábito reclama-os. Adere-lhes o infinito e as cólicas, a usura e o fel. E sobre tudo isto há a contar também com a imbecilidade e a apagada inépcia. Há a contar com a langonha que também tem o seu sonho. Há a contar com o que se arrasta no escuro, com olhos brancos, com olhos vagos para a luz e para o sonho. Há a contar com as velhas encardidas de hábitos e de fístulas. Em seres amorfos e aguados, quase inertes, no fundo remexe ainda um resquício de sonho, que se traduz no mesmo gesto pautado, na mesma mímica, e no olhar, onde, até na imbecilidade cerrada, se distingue não sei que de temeroso. Por isso a questão não é fácil de resolver. Por isso o Anacleto ainda não a matou. Ainda não conseguiu deitar o muro abaixo. Não é o que se pode dizer na praça, porque a praça venera-o. Não é também que a ideia de a matar o assuste. A vila conhece o seu escrúpulo e honra-o. Nunca deixou de pagar uma letra. Mas há não sei quê que o contraria e se opõe. Também as velhas se detêm, também o Santo se detém.

Mas a maré que aí vem sobe sempre. Ao mesmo tempo entontece-os, ao mesmo tempo perturba-os. — Eu não quero ver! Eu não posso ver! E tenho de me olhar cara a cara, tenho por força de te admitir, tu que és o meu verdadeiro ser, imenso e profundo, com raízes em toda a lama e braços que chegam ao céu. — Eu não sei donde vem isto, e isto aturde-me. Olha como sorrio para ti, como finjo que sorrio de mim e de ti que te pões a falar. O gesto que eu faço, não me pertence, perturba-me o som da minha voz. E a noite é cada vez mais cerrada... — Ninguém quer achar-se frente a frente com o seu próprio fantasma. Nem tu, nem eu. Fugimos-lhe sempre. E, se sucede encontrarmo-nos com ele, mantemo-nos com um sabor que nunca mais se esquece. O velho, o duro Elias, que juntou cem contos e empobreceu as tuteladas, começa a falar só: — Os olhos inocentes das crianças! Os olhos de espanto e inocência, que exprimem já experiência da vida! — Vivia de caldo e pão, vive só de pão e despediu o sórdido Jacinto: tem diante de si a eternidade para juntar moedas com um destino, os asilos. — Ao que quase todos se apegam não é a grandes acções, é a simples peripécias. As existências que se nos afiguram dramáticas são cheias de ninharias, de ideias fixas

e de paciência. O Torres engrandece a mania de copiar inutilidades: daqui a dois dias ou daqui a dois séculos, ainda o encontras curvado sobre o mesmo manuscrito, onde traslada o folhetim do >Século. A Araújo que dá lições de piano é desespero inteiriço. O honrado Elias de Melo vê o tratante Melias de Melo pôr-se a caminho e não o pode deter. — Ai começas tu também a perceber que a tua vida foi um mero simulacro, que a tua bondade foi sempre um simulacro, que a tua felicidade não passou de um simulacro... — A D. Fúfia, que há muitos anos está morta por dizer mal, que nunca se atreveu a dizer mal, e que, quando ia a dizer mal, dizia logo bem de toda a gente, rompe agora a abocanhar todos os ridículos, todos os orgulhos, todas as vaidades: — O que isto consola!... — Divagam, falam queiram ou não queiram com os próprios fantasmas, monologam, discutem, gritam. A cada passo uma interrogação exige resposta, a cada passo um abismo aberto. — D. Leocádia, o meticuloso dever foi a tua vida e agora descobres que o dever não existe, descobres que tudo aquilo para que viveste não existe, e que existe outro dever maior e mais vivo. Descobres que as palavras não te servem de nada. Descobres que tens de ir de encontro às

questões e não as podes desviar do caminho. Descobres que por tuas próprias mãos criaste uma criatura disforme, que alimentaste de mentira. E, a esta luz que te dá de chapa, descobres que a tua caridade e os teus escrúpulos eram uma luta de vaidade e de medo, de palavras e de instinto, onde não entrava uma única verdade. Descobres que criaste um ser falso que abominas e te abomina, e que não te podes separar desse horror. Descubro também que errei a vida, e não sei recomeçar a vida, e que tudo que fiz não fui eu quem o fiz, mas o outro que me mete medo, e que tanto vale a minha vida que perdi a arcar com Deus, como a da Teles de Meireles que a gastou com um trapo. Com um trapo e palavras, ambos subvertemos o mundo — um dia, uma semana, um século. — Examinando bem a questão, meticuloso Anacleto, uma palavra bastou para te deter. Examinando bem a questão não foi um crime que te deteve. Se ao menos fosse um crime! Examinando bem a questão reconheces que foram as conveniências. Hás de arrepender-te até à consumação dos séculos. O mundo vesgo que descubro em mim no outro compartimento, é o mesmo que em ti descobres. Faz esgares como certos ritos indecisos que se formam à tona dos pântanos. Todos

sentimos atrás de nós um mundo, outro mundo, outro mundo de ninharias, de palavras sem nexo, de coisas que perderam a expressão, de apetites que nunca se realizaram — todos cobrimos isto de aparências. Passamos a vida a conter outro ser — outra coisa — outro espanto. Há um fio invisível que ninguém se atrevia a ultrapassar. Uma ordem que ninguém rompia. Até a cólera e o desespero mantinham certo verniz. E agora descobrimos todos ao mesmo tempo, ó meticuloso Elias, ó impoluto Elias — com risca e vinco, com vinco e risca — que resolver matá-la é fácil, mas para a matar temos de deitar abaixo léguas de espessura. Deixamo-la morrer ou não a deixamos morrer? E nem sequer podemos iludir a resposta. A mesma coisa desconforme entra pelo nariz e pela boca do Santo. Entupe-o. Esvazia-o e endireita-o depois de amolgado. Outro ser, num estonteamento, bate com a cabeça pelas paredes. — Mas então?... pergunta atónito. — Mas então posso, atrevo-me?... Tudo isto era uma mistificação? Mas então tudo é possível e posso realizá-lo amanhã, hoje, logo? E estas teias de ferro eram teias de aranha?... Mas então o medo, a morte, o inferno... — Aqui estou eu com esta mulher a meu lado, e sem querer pergunto a mim mesmo... — Mas

então?... Sim, resta-me certa pena e saudade, mas o interesse levanta a cabeça e deita as suas contas tão baixinho que mal lhe ouço fazê-las... — Teçamos, teçamos todos a nossa teia esplêndida, vulgar ou grotesca... — Mas então... — E encaro com um mundo novo, a que por ora nem eu, nem tu, nem nenhum de nós se afoita. Só as interrogações são cada vez maiores em todas as almas. Todos os bonecos arreganham os dentes e a Porfíria sua inveja. Efetivamente não se compreende para que vivem certos seres inúteis, que atravancam a nossa existência e um pequeno incidente podia suprimir. Efetivamente não se explica que bastem alguns fios imateriais para nos conterem e que uni vidro de vidraça seja suficiente para nos separar da vida.

Até a D. Restituta que era um poço sem fundo, desata a repetir os segredos de toda a gente, fazendo gestos na obscuridade com o guarda-sol de paninho.

— Acuso! Acuso! Acuso!

Tocou-lhe também a vez. Usou-se a obedecer, a dizer a toda a gente que sim. Hoje uma gota de fel, amanhã outro resto amargo. Já não sabe dizer senão que sim, já não consegue

apagar as dedadas que lhe imprimiram. Coçada, coçada, coçada. Fez as vontades à D. Procópia, à D. Felizarda, à D. Hermínia. Sujeitou-se às vontade do conselheiro Pimenta, quando por desfastio lhe fez um filho. Orgulho? Ninguém tolera, ninguém concebe, que a Restituta tenha orgulho; ninguém tolera, ninguém concebe que a Restituta tenha vontade. Habituou-se, apelintrou-se. A Restituta é um reflexo. Diz-se tudo diante dela. Há famílias separadas por ódios seculares: só ela entra e saí nessas casas quando precisam comunicar. Naquela alma incutiu-se até profundidades desconhecidas o respeito às pessoas ricas, a consideração às pessoas importantes. Que tem a Restituta que desata aos gritos:

— Acuso! Acuso! Acuso!

Debalde lhe tapam a boca. É um vómito, um chorrilho de palavras precipitadas — a vida de toda a gente — são os despejos entornados. Em vão dez, vinte mãos ansiosas se lhe agarram às goelas abertas: aquilo sai num jorro impetuoso — tudo quanto estava recalcado, todos os segredos que ouviu, todas as misérias que lhe deitaram para dentro, e, se pára um momento, é para tresvariar num

riso feito de todos os risos postiços, num esgar feito de todos os mil e um esgares que acumulou durante a vida. — Eu também tenho um filho! Eu também tenho um filho como vocês? — empurram-na, escorraçam-na, e ela agarrada ao guarda-chuva ainda brada:

— Acuso!

A vida irrompe, o sonho irrompe como hastes de cactos, nascidas de um dia para o outro com escorrências nas extremidades ridículas e pueris. Arredei sempre isto — isto que estava ao lado da vida. Nunca quis ver isto, fingi sempre que isto não existia. Também tu o arredaste... E isto existe. E isto é enorme. O que ai está fede. Tresanda. Suas viscosidades. Apega-se. É uma marcha furiosa e desordenada. É a Vida. São todas as ânsias soterradas que se não chegaram a exprimir. É um inferno de gritos e de impulsos, sonhos impossíveis de sonhar, aquecidos a bafo e ternura, sem forma nem cor, ou admiráveis sonhos de tragédia. Mais um passo e tudo que estava recalcado, tudo que estava morto e sepultado, toda a podridão, todo o desejo encarniçado e oculto, toda a mistela que luta às cegas na escuridão para vir à superfície, desata a falar à

toa. Mais um passo e o sonho é realidade. Fala a infâmia e o grotesco, fala a candura ao mesmo tempo.

O maior drama é o das consciências. O maior drama é arredar todos os trapos da vida, para poder olhar a vida cara a cara. O maior drama é ficar só com o vácuo e em frente ao espanto. É dizer: nada disto existe. Só dou no meio deste assombro com uma coisa desconexa e abjeta, a discutir comigo mesmo, levada por impulsos. O maior drama é não encontrar razão para isto que vive de gritos e se sustenta de gritos — e ter de arcar com isto. Perceber a inutilidade de todos os esforços e fazer todos os dias o mesmo esforço.

«Se Deus não existe... O pior de tudo é que eu digo e afirmo — Deus não existe! — mas na realidade não sei se Deus existe ou não. Não há nada que o prove — ou que prove o contrário. O pior de tudo é que eu sinto uma sombra por trás de mim e não sei por que nome lhe hei de chamar. O pior que podia acontecer no mundo foi alguém pôr esta ideia a caminho.

Mas mesmo que Deus não exista, tenho medo de mim mesmo, tenho medo da minha alma, tenho medo de me

encontrar sós a sós com a minha alma, que é nada, o fim e o princípio da vida e a razão do meu ser. Mesmo que Deus não exista e a consciência seja uma palavra, há ainda outra coisa indefinida e imensa diante de mim, ao pé de mim, dentro de mim.

Vem a noite e com a noite interrogo-me: — Existe? — O que existe é monstruoso. Não ouve os nossos gritos, O que existe é o espanto. O que existe reclama dor. Sustenta-se de dor e não dá por ela.

O que existe então é isto — é um ulular de dor na noite — no turbilhão, no escuro. O que existe são gritos, e eu sou levado, arrastado nesta mistificação. Por trás de mim há uma coisa que me apavora, por trás de mim há uma coisa cada vez mais sôfrega, cada vez mais frenética — e que de cada vez exige mais dor. Espera: a harmonia não existe — existe a dor; a beleza não existe — existe a dor; Deus não existe — existe a dor. E há um momento apenas para realizar a vida. Nesse momento de paixão todas as forças se concentram e ponho o pé no mistério. Tenho de aproveitá-lo.»

Ao Santo só lhe resta orgulho. O sonho descarna-o e deixa-lhe orgulho. Debalde prega, debalde luta consigo mesmo. — Eu já não creio no inferno. — E detém-se com espanto diante dos destroços, das fórmulas, da insignificância, dos simulacros que foram a razão da sua vida. Tudo que lhe enchia o mundo não existe, tudo que não existia lhe parece maior: — Eu quero crer! Eu quero crer e não posso crer! — Debalde insiste consigo mesmo: — Nossa vida aqui é nada, nossa vida eterna é tudo. Nosso destino é a morte. Só assim posso explicar o universo, só assim posso compreender o universo. — Tudo o que se tinha apoderado do seu ser até às mais íntimas raízes, tudo o despedaça até às mais recônditas raízes. Dilacera-o. — Não me atrevo sequer a olhar a vida, a olhar para mim, a olhar o pélago desordenado. Eu quero ver e não ouso! Eu quero crer e sinto-me pequeno e grotesco ao lado disto! Desta coisa monstruosa que não posso arredar. Não posso arredá-la. — Para ti também o problema é insolúvel, D. Leocádia, que ressurges com o vestido coçado, mais seca e mais verde. — Tu viveste sempre para Deus e para o inferno e nem sequer o inferno existe. E tu procedeste sempre segundo a tua consciência, regulaste tudo conforme a tua consciência — e

tu e tu — e aí estais ambos atónitos e verdes, ressequidos e verdes, desesperados e verdes, sós a sós em frente de uma figura que vos não larga.

— Trouxe-a para casa, sustentei-a, mas nunca a pude ver. — Deste-lhe côdeas mas não pudeste amá-la. Sustentaste-a por caridade, sustentaste-a de restos para calares uma voz tremenda. Ela foi pior que uma criada, foi uma criada que se não pode despedir, presa pela gratidão. — Fala claro, fala alto. Atreve-te. — Atrevo-me. Toda a minha vida fiz o sacrifício de a manter, toda a minha vida por caridade a tive junto de mim, calada e subalterna, amachucada e sem vontade, para cumprir perante Deus o meu dever. E agora a consciência exige de mim?... — Exige. — Exige de mim, porque o meu filho lhe fez um filho, que o case com a órfã, sustentada de esmolas, calada e viscosa? — Exige. — Por quem eu só sinto repulsão? — Exige, e o pior de tudo é que lhe deste restos, mas não pudeste amá-la.

Torce-te, torce-te mais ainda. A cada camada de verde pega-se-te logo outra camada de sonho. A D. Leocádia coçada e seca sacode em vão e arreda outra D. Leocádia

inteiriça e coçada, e o Santo está aqui só e o pecado, só e Deus, só e o desespero.

«Deus existe — ou Deus não existe. Se Deus existe, se tenho a certeza que Deus existe e se interessa pela minha dor, esta vida transitória é um único minuto com a eternidade à minha espera. Tudo me parece fácil. Que exige o meu Deus? Que me reduza a pó e despreze a aparência? Tudo é vão diante da eternidade que me espera. O meu Deus enche o mundo. Só O meu Deus existe, e todo o resto no universo é tão pequeno e tão fútil, que reclamo mais dor, mais sofrimento, mais fome. Que a desgraça caia sobre mim com todo o peso da desgraça; que a dor me descarne até à medula. Desprezo a dor. Exijo-a diante da eternidade. Sou capaz de andar de rastro com a boca no pó, sou capaz de sofrer todos os tormentos, com a certeza de que me livro de uma eternidade de angústias para ver Deus. Venham todos os escárnios, todos os gritos, todos os suores da agonia — venha meu Deus a cruz! Até à morte hei de crer no que creio. Sem crer não sou nada — sem crer não existo — , sem crer não compreendo a vida. Preciso de caminhar para um destino. Crer é uma

necessidade absoluta, um sentimento primário, a própria vida, sua razão e seu fim. Tenho necessidade de Deus, como do ar que respiro. Sem ele a vida é desconexa o atroz; pior, é monstruosa. Creio porque creio. Se a vida se reduzisse só a isto, a vida seria abjeta. Dentro em mim tudo me fala numa lei, numa lógica, numa razão de ser, num sentido. Eu vejo Deus, eu sinto Deus.

Mas se Deus não existe — se Deus não existe que me fica no mundo? Sou nada no infinito. Fui tudo — e sou nada. Leva-me a força bruta. Sou o acaso na mistificação. Sou menos que nada no monstruoso impulso. Se Deus não existe tanto faz gritar como não gritar. Não tenho destino a cumprir: saio do nada para o nada. Nas mãos da força bruta que sou eu no mundo que grito, que discuto, que clamo?... Atrás deste infinito vivo, há outro infinito vivo. Atrás desta impenetrabilidade, há outra camada de impenetrabilidade, outra vida ainda, outro desespero sôfrego. Não encontro aqui lugar para Deus que me ouça, que me atenda, ou que saiba sequer que existo.

Os gritos são inúteis, tu não me ouves. Estou só neste absurdo que me impele e esmaga... Que não houvesse o

céu, que houvesse o inferno! Só o inferno! E nem o inferno existe!...

Mas então que existe na noite imensa, na noite ignóbil? Tudo o que exista é pior que Deus. Tudo o que existe me faz horror, tudo o que existe entre as forças desordenadas me causa espanto... E por mais que grite, por mais que proteste, estou aqui diante do incompreensível, vivo no nada, de pé na voragem. E para lá há uma coisa infinita, um negrume infinito, uma vida infinita. É imenso — é inútil. Sou menos que nada. Só deparo na minha frente com infinito sobre infinito, com o negrume sufocado, com o negrume impassível, com o negrume vivo e imenso, desesperado e imenso. Só contei contigo meu Deus — e agora quero crer e não posso crer. Estou aqui defronte do espanto e sinto-me perdido na vastidão infinita. Tudo o que disse — disse-o diante do vácuo, tudo o que sofri — sofri-o diante do vácuo, todo o meu desespero, a minha dor, a renúncia, os esforços, o calvário — diante do vácuo! »

D. Leocádia esta figura também te não larga. Ouve-la diante de ti, ao pé de ti, dentro de ti, cada vez mais coçada

e mais verde, com outra camada de sonho e outra camada de verde:

— O dever? Que dever? Antes a deixasses morrer de fome.

— Mantive-a para cumprir o meu dever.

Olha, se podes, para ti, olha para dentro de ti, olha mais fundo para ti.

— Matei-lhe a fome.

— Mataste-lhe a fome mas não pudeste amá-la.

— Nem posso! Nem posso! Nem posso!

E encara-se mais atónita e mais verde, mais resoluta e mais verde, sem desviar o olhar.

* * *

30 de Janeiro

Aqui tens tu a minha consciência, aqui tens tu a tua consciência, e aqui está a consciência da D. Penarícia. E

tanto vale para o caso o génio em frente da consciência, como o ridículo em frente da consciência. — Valeu a pena não matar? — pergunto — perguntas — perguntam. Aqui estou em frente disto, com um segundo e todo o seu esplendor e todo o seu espanto e todo o seu desespero, e pergunto, perguntas, perguntam, se o que se chama a honra e o que se chama a consciência e o que se chama o dever, têm forças para se me impor. Oh palavras não! A pergunta não é como as outras para ser iludida com subterfúgios. É a única que carece de resposta imediata como um punhal que vai direito ao coração. Vê tu que, apesar de trémulo, estou calmo... O problema é capital. Pergunto se toda a luta foi inútil, se todo o fogo do inferno que recalquei, foi inútil? Pergunto, perguntas, perguntam se as horas para nos contermos foram uma estúpida mistificação. E as bocas remoem em seco no escuro, e as mãos sôfregas palpam os vestidos de cerimónia. Estão decididas a tudo. Vem-lhes à supuração o antigo fel e vinagre, os pequenos desesperos, e os grandes desesperos. Tudo está vivo. Cada ser formula uma interrogação. Segue-se que se os pais teimam em viver, transtornam todos os planos, todas as regras e todos os preconceitos

estabelecidos. Segue-se que acima de teu direito está o meu direito. Segue-se que a construção antiga desabou, e a um mundo novo correspondem criaturas novas. Segue-se que todos os problemas se reduzem a um só problema — o dos mortos. Segue-se que o muro é uma insignificância. Tapa o céu e a terra, não existe montanha de tanta espessura — é uma teia de aranha. Soa a hora da outra coisa disforme o aluir para sempre. Por trás do muro é que está a paixão, o crime, o desespero e a vida esplêndida e feroz.

É preciso deitá-lo abaixo. Os túmulos estão gastos de um lado pelos passos dos vivos e do outro pelo esforço dos mortos.

CAPÍTULO VII

PRIMAVERA ETERNA

1 de Fevereiro

Chega Fevereiro. Primavera. Dá logo rebate o tojo bravio. A aspereza é a primeira a senti-la.

O tempo está fúnebre. Ouço o ruído calamitoso das águas. Só os botões dos salgueiros estalaram. Nos galhos despidos entreabrem-se flocos friorentos e peludos.

Corre um vento glacial e as árvores encolheram-se transidas. Mas nesta frialdade sinto já ternura.

O ar de Fevereiro é outro: é morno. As rãs, de barriga no lodo, coaxam de satisfação, pegajosas e moles como a erva verde e húmida. E, de um dia para o outro, crescem à tona da poça azul, encastoada na terra negra, fios de erva a reluzir. Tinta entornada.

O ar sabe bem: sabe a bravio.

Ao longe o sol trespassa os montes. Manhã de névoa e oiro gelado. Uma árvore nova cobre-se entontecida da primeira flor. Apressou-se, enganou-se... E uma haste de pele luzidia, três raminhos abertos no azul. E isto envolto em ternura, tanto faz que se trate de uma árvore como de uma rapariga.

Sente-se nesta atmosfera húmida a seiva inchar os botões túmidos das árvores. Volta a chuva gelada: a primavera tenta, vem com hesitações.

Muda o cenário. Acinzentam-se os montes por onde sobem arrasto pelas pedras rolos de fumarada. Acastelam-se no céu as grandes nuvens esponjosas. Chove. A voz é outra. De onde a onde descerra-se a cortina vaporosa e emergem os montes brutos e compactos.

Nos abrunheiros bravos estalam os primeiros botões. E quanto mais bravos, mais flor deitam. É uma prodigalidade.

Noite. A escuridão, o silêncio, o esplêndido céu todo de ouro sobre a massa negra dos montes. É isto e os gritos da moichela aos ais de aflição. Eis torna o silêncio, e a alma sufoca de espanto... O pio triste dos sapos irrompe de

profundidades ignotas. E outra vez o silêncio, a noite imutável cheiinha de estrelas — e sempre o mesmo fio de água, misturando ternura a este espetáculo de assombro. É só isto, e a muralha disforme ao fundo, ainda pálida de luz.

A primavera é um fenómeno elétrico.

Primeira noite de luar e de loucura — chegou a primavera. Tudo deita flor. O tojo quanto mais bravio mais flor deita. Há aqui um homem encolhido, que nunca saiu do saguão, que nunca olhou para o céu — nem sabe que o céu existe — obstinado sobre o Deve e Haver. Deita flor. Assim me aconteceu, com um tronco decepado que meti de inverno no fundo de uma loja: na primavera seguinte, quando se abriu a porta, tinham-lhe crescido ramos. Sentiu-a através dos muros e botou na escuridão um simulacro de flor. Até que chega a vez à macieira anainha, até que um bafo húmido-lilás turva e perturba... Noiva. Noiva a D. Úrsula, pergaminho e escrúpulo, que fez da vida um pecado, e ao rés de cuja alma líquida se espalmam flores venenosas. Primeira noite de luar — primeira noite de espanto. É a mesma febre que devora as árvores, a mesma primavera que no quintal friorento entontece as macieiras. Tinta

branca, roxa, vermelha, floração estranha. O respeitável Elias de Melo recusa reconhecer-se. Esgotaram-se-lhe de todo as palavras. Assiste com uivos ao desmoronar da própria respeitabilidade. Aquela, a Araújo que dava lições de piano, escanelada e tísica, entra num rodopio em todas as casas: — Tenho-te inveja! Tenho-te inveja! — É um sonho vivo de extermínio. As Sousas, remoçadas, de pluma diabólica no chapéu, arrastam caudas inverosímeis e partem logo de manhã para a maledicência, como quem parte para a guerra. Chegou a primavera. Deita flor a D. Leocádia, a D. Hermínia e a D. Procópia. Não há árvore no monte que se não consuma do mesmo sonho.

Primavera entontecida de gritos, rancores, e laivos esverdinhados. É a vila toda feita sonho; são aspirações ridículas, restos trôpegos — mas sonho ainda, que procura adaptar-se à vida. Para resistir forjaram a mentira, forjaram a mania, forjaram a abjeção, e essas pequenas coisas sem existência chegaram a ter um lugar mais importante que muitas outras a que chamamos reais... Agora vê tu como a velha Eleutéria das Eleutérias, a velha da máxima e da regra, a velha do assento e do método, a velha católica

apostólica, romana, já atirou com o chinelo de ourelo, num formidável pontapé, para lá da Ursa Maior. Sonham acordadas e os olhos fixam-se-lhes desmesuradamente abertos. A D. Benilda vê reduzida à última extremidade a D. Hermínia, vê-a reduzida a trapos, pedindo misericórdia: — Tenho fome! Tenho fome! — Estimo muito. — E passa adiante arrastando a imaginária cauda de veludo. Aqui está a D. Procópia, aqui está a mulher da esfrega. Aqui estão alimentadas a mentira, tendo passado a vida no testamento, na cortesia e na cólica; aqui está o topete, a filha para casar e as faltas de dinheiro — aqui estão todas enrodilhadas de pavor, mas cheias de decisão diante do céu e do inferno. Já abrem aquelas ventas. Aquilo cheira-lhes a coisas proibidas, que passaram a vida a desejar e a temer. Aquilo cheira-lhe ao suspeito e ao reles. Aquilo cheira-lhes bem. De pupilas dilatadas embebem-se no sonho. Até as penas velhas se encrespam, até nos restos de xailes sem pêlo, o pêlo se põe de pé. Tanto sonha a D. Perpétua, como a majestosa Teodora, cujo sonho é um inferno cada vez maior, e que se não pode desenvencilhar do inferno.

Bastou um dia. De um dia para o outro os galhos mirrados entreabrem-se em flor. Poeira azul, entontecimento, sonho... Entre a árvore, o céu e a terra há um compromisso de ternura...

Até as árvores estranhas, até as árvores só tronco, que metiam os ramos e a tinta para o interior, bracejam à custa de gritos ramos e tinta, ramos desmedidos e tinta para o lado de fora.

Fisionomias de dor, fisionomias concentradas, fisionomias de desespero e paixão, vão aparecendo sob cada fisionomia, e todos deparam com sentimentos e palavras que nunca tinham encontrado. — Dez anos, vinte anos de galeras, deixa-me, vai-te, some-te! — O homem rói dentro do homem: criam-se olhos que veem na obscuridade. Começam a distinguir na massa confusa, no caos, nas dúvidas, e descem a profundidades que não lhe estavam destinadas. Não é só o homem de um momento, é uma série de figuras ainda por criar: é o homem do futuro.

Mais braços na monstruosa árvore de sonho, mais braços que atingem o céu, mais tinta forjada de desespero. A própria noite escorre pus doirado...

E o doirado não cessa. Doira o luar e a inépcia, doira a tragédia e o ridículo... Teçamos, teçamos todos a nossa teia... A minha prendo-a às árvores, ao céu e às coisas eternas. Todos os sonhos que o Anacleto, as velhas, o Santo e os outros tecem e criam, põem-se a caminho. É uma coisa equívoca. É uma coisa desgrenhada e fétida. É um sonho reles; é um sonho feito de todos os sonhos; o sonho lastimoso das velhas, o sonho que não chega a ser sonho, o resquício, a aspiração ignóbil, onde boiam mortos informes, com laivos verdes, com tentáculos esbranquiçados que se prolongam no escuro. Cada sonho tem a sua cor. Há-os esplêndidos de luxúria. Há-os roxos. Há-os compactos. Há-os cor de cinza e mortiços, donde cintilam faúlhas. Há-os que incham e trasbordam, e que cheiram a saque, ao que não é permitido, e que está para lá de toda a convicção e de toda a regra. Há-os ridículos e ineptos — há-os que vaiem um império. A alma sórdida, o fluido que envolvia a vila, a atmosfera parda, feita de pequenos ódios, de pequenos interesses e de hábitos concentrados, encrespa-se e cresce em vagalhões magnéticos. Modifica todos os seres e abala as paredes mestras. Embebe-se no salitre e rói os santos nos seus nichos: até na imobilidade entranha desespero.

Quedam-se estonteados e transidos como se a vida fosse uma mera criação do luar e da loucura... A alma da vila é sacudida por uma tempestade de espanto. A botica está deserta, com o bocal, o pássaro empalhado, as moscas mortas. É uma vila de guerra: só se ouvem gritos.

Prá frente! Prá frente! É a senha dos que se esmagam contra o muro, da multidão que se acumula, no mesmo esforço, contra o muro. Prá a frente! E enquanto uns libertos seguem, há ainda outros que se quedam na vida anterior. O muro alaga-se: alguns são despedaçados, e os que ficam atrás empurram-nos e calcam-nos. Todas as fibras estalam.

Enfim! Enfim! A vila saiu para a rua. A baía. Uns discutem com o seu sonho tu cá, tu lá como se o tivessem vivo diante de si; outros quedam-se passados de terror. E gritam: — Tenho-lhe medo! Tenho-lhe medo! — A mentira é um hábito de tal maneira entranhado, que muitas vezes me surpreendo a mentir sem saber porquê nem para quê. Por vaidade, por necessidade de sonho, por mentir. Agora desatam aos gritos como se lhes arrancassem a pele. Não há já ninguém que se aborreça, não há ninguém que mate o

tempo. A velha ideia do deboche encardida e secular, calcada e recalcada, vai na frente deste e guia-o — e dela não arranca, não pode, os olhos atónitos. Ninguém se importa com ninguém. A vila cautelosa perdeu de todo a cautela. A minha vida pertence-me, que me importa a tua vida? Ouvem-se na obscuridade gritos de terror, de alegria, de luxúria ou de cólera. As Bacelares, que passavam a existência a fazer cortesias, nem sequer olham para o lado. Toda a gente fala só. E o luar intolerável, o luar indiferente, derrete-se sobre as ameias, sobre a catedral, sobre os santos imóveis nos seus nichos. Dão horas, mas as horas acabaram. Coisa singular: esta gente só fala consigo mesma, em monólogos roucos, desesperados, infindáveis. Os olhos da D. Fúfia ganham em fixidez e concentração; a D. Hermínia começa uma tragédia, que dura uma noite inteira com a mesma palavra obscena. Nesse momento pesado de angústia todas as mãos se agitam no ar diante da outra coisa que no silêncio e na noite estende os farrapos das asas cada vez mais disformes. Está sôfrega. Cresce, grita, avança direita para nós. O que se pôs em marcha não vem de fora, mas de dentro de ti mesmo, da mais cerrada das noites. Há muitas camadas de mortos. Há-as a léguas

de profundidade e até de lá sobem os gritos. O Homem é o mais profundo, o mais vasto de todos os sepulcros.

Os braços desmedidos da árvore sobem cada vez mais alto, e as raízes alastram até ao fundo da terra.

Que é feito da vila?... O lojista pacato sente-se rei, e olha de alto as duas ou três rimas inúteis de fazenda. Atira com os óculos para um canto-vê melhor que nunca. A mulher, os hábitos, o buraco onde recolhia à noite, e que lhe parecia esplêndido, tudo se lhe afigura sórdido e mesquinho. Reparem na Adélia: marcha para uns castiçais de prata, altos e maciços como torres. Atrevem-se, atrevem-se a tudo. A nulidade vale tanto como o génio. Este idiota constrói com tão absoluta certeza, que se impõe ao respeito. Lá vai o Anacleto, o Teles, o Pires vegetariano, e as velhas da Ação Católica, enrodilhadas umas nas outras. Vem tudo à praça. Prá frente! Prá frente!... Um momento angustioso não se ouve rumor, depois um tumulto, um clamor, um ah! A vila toda grita: — Ei-lo! Aqui está o meu sonho, aqui está como o trouxe toda a vida, escondido, dorido, fruste, imenso ou humilde; aqui está a minha verdadeira figura — a figura do Elias e a figura do

Melambes; a velha num debate perpétuo, a velha e as suas manias, o desespero e a Úrsula, o grotesco e o pó doirado que não sei de onde se me pegou; aquilo de que te rias e eu me ria, e que todos nós escondíamos, cada vez mais oculto, cada vez mais para dentro, como somíticos. Lá vão todos — e a Engrácia resiste: morreu-lhe o filho em pequeno e todos os dias o sonhou mais crescido. Talhou-o a sua vontade, grande, amado e poderoso, como quem talha um império. Construiu-o dia a dia, noite a noite. Participar da nova vida — seria matá-lo outra vez. Fecha os olhos, tapa os ouvidos. Empareda-se. — Mudez e desespero, pedra e desespero, sonho e desespero, também outra velha tenta num esforço de pesadelo, mexer só um dedo — um só — e imobiliza-se mais ainda... — Os outros lá vão, açulados, num crescendo de desespero. Prá frente! Prá frente! Já se não cabe no caminho: o muro voou em pedaços com farrapos de sangue. Lá vai a Adélia, com o chapéu às três pancadas, lá vai um lojista que parece Napoleão Bonaparte, e as Sousas, armadas de ponto em branco — lá vai o inferno de luxúria e de egoísmo. Lá vai também a Joana: acabaram-se-lhe as frases que usava, e aperta a boca para não falar. Outro ser desconhecido rompeu naquela carcaça. Parece mais

esfarrapada e maior... O muro não existe — derrubaram o muro.

* * *

20 de Fevereiro

Escuta... O clamor aumenta como se se pusessem a falar baixinho uns com os outros, como se todos os mortos desde o início, acordando do sono eterno, soltassem o mesmo ah! de espanto e se pusessem a falar baixinho. É o ruído abafado de muitas vozes — de todos os gritos que se soltaram no mundo, de todos os gritos represos. Desatam a falar as bocas confundidas. Fala toda a poeira, fala a sombra desconforme, fala o pó desaparecido.

Na frente uma aparência — a vida está na multidão que nos impele sem desamparar: a vida está nos mortos. Massa atrás de massa, os mortos empurram os vivos. Sente-se o esforço pertinaz e doloroso. Atrás destas mãos, outras mãos de desespero; atrás destes olhos sem órbitas outros se esforçam para a luz. O pior era o silêncio. Libera nos,

Domine, de morte eterna! O esquecimento é que é a morte definitiva, e por isso o esforço aumenta. Formam uma cadeia infinita, a caminho para a vida e para a dor; a todo o momento nos falam e nos guiam, e toda a sua ânsia é viverem depois que estão no sepulcro. A velha que saiu da existência mirrada continua a trazer o menino ao colo. Outros caminham trôpegos, sacudindo a terra que se lhes pegou aos ossos. Ei-los dispostos a sofrer por uma nova ilusão. A vida foi um nada, impregnou-os para toda a eternidade: um instante de luz bastou para lhes dar gosto à dor. O que eles tentam misturar as suas lágrimas às nossas lágrimas! O que eles arfam para que a vida não perca a continuidade, e para que o mesmo fluido que nos prende aos sepulcros — onde estremecem — se não desligue da vida que ainda se não tornou visível! É que não são só os mortos que mandam nos vivos, são também os vivos que mandam nos mortos. E avançam, empurram-nos... Conservam no fundo do túmulo as manias da outra existência. Esta velha aperta um trapo ao peito como um filho, com medo de o perder. Alguns são infantis, com um pequenino ridículo, e um pequenino interesse. A moça, mesmo na cova, dá um jeitinho tão lindo ao lenço! Este

conserva na concha da mão uma moeda de cobre, e a aquela, Maria Antonieta, René reconhece-a mais uma vez por a ter visto sorrir nas Tulherias. Estendem as mãos mirradas para se aquecerem ao nosso lume; guardam nos ouvidos pela eternidade os ruídos vulgares — os mais belos — o das folhas caindo uma a uma, o da fonte que corre e que nunca mais tornará a correr, o da voz que lhes falou na hora extrema; guardam nas mãos o último contacto das mãos, e a réstia dourada deste sol dourado ainda lhes reluz nos buracos das órbitas — num sopro de poeira...

Iniciam a mesma marcha da vila. Deitam-se ao mesmo tempo a caminho, e nesta noite entranhada a primavera é eterna: ressuscitam todas as primaveras, as primaveras sucessivas, as primeiras primaveras em que a ternura se confunde ainda com a fealdade, em que a fealdade é já ternura — outras primaveras — outras, ouro, verde, roxas, em que a tinta escorre do negrume e o negrume se converte em tinta. Mais outras primaveras frenéticas — mais outras primaveras tímidas, esplêndidas, frustes, violentas, delicadas — e mais outras que não chegaram a. abrir, cobrem todos os mortos. E com isto o clamor intenso,

o clamor em que se repetem sempre as mesmas palavras pronunciadas sobre cada caixão: Liberta-nos, Domine, de morte eterna. Os mortos é que estão vivos! Os mortos é que estão vivos!

* * *

21 de Março

Chegou. Vai abrir a mais bela, a mais fecunda, a mais dourada de todas as primaveras — a primavera eterna. Vai revolver a terra e cobrir os seres e as coisas de flores por camadas ininterruptas e sucessivas, com todas as cores e todos os entontecimentos, todas as infâmias e todas as tintas — com todos os desesperos. Já as florestas putrefactas se puseram a caminho. É aqui que corre e escorre o verde, o roxo e o lilás — os tons violentos e os tons apagados. Até as árvores são sonhos. Atravessaram o inverno com sonho contido, com o sonho humilde com que carregam há séculos. E até esses sonhos se transformaram

em realidade. Realiza-se enfim o milagre: as árvores chegam ao céu.

CAPÍTULO VIII

A MULHER DA ESFREGA

Do sonho que revolve o mundo cabe também uma parte à mulher da esfrega. Arrasta tudo consigo. Cai o inverno dentro da primavera. Engrandece-a, espalma-lhe os pés, esfarrapa-lhe os vestidos.

Está aqui a figura — está aqui outra coisa. Muda de expressão, como se fosse possível as lágrimas usarem por dentro as figuras humanas, como a chuva ou os passos gastam a pedra. Aquilo dura um momento, transparece um minuto, mas esse minuto chega. Logo à submissão e à humildade se mistura um nada de entontecimento. Quase nada. Trouxe sempre consigo debaixo do xaile um resto de sonho amargo. Remoeu-o transida de frio pela vida fora, quando fez recados, aqueceu a água e rachou a lenha. É um nada e ampara-a. Atreve-se... Toda a gente precisa de qualquer estonteamento para suportar a vida. Sonho gasto que andou por todos os caminhos, com pés espalmados

como a recoveira. Há sonhos humildes que ninguém quer sonhar: servem à Joana que quando os usa os vira do avesso.

Velha quer dizer experiência e secura, e a Joana não tem experiência nenhuma da vida. Conserva a ternura intacta. Ninguém na ouve. Tem uma filha, nunca fala na filha. Às vezes pousa em mim os olhos turvos:

— O corpo pede-me terra.

Ainda hoje não comeu senão uma côdea que lhe deram. Aproveita tudo. Anda sempre absurda a fazer contas como um avaro. Os trapos são sempre os mesmos: seca-os no corpo. O monólogo é sempre o mesmo com que enche a vida toda. E sempre a mesma obstinação desconjuntada, como se as palavras gesticulassem para o lado de dentro, e a mesma ideia que a persegue e que debalde repele. Seja o que for, a Joana esconde-o muito fundo. As vezes fica suspensa e alheada. Mal pode arrastar as pernas trôpegas. É pele, meia dúzia de ossos, um cangalho, que sente uma absoluta necessidade de repouso, de terra para dormir. O frio é de morte. Entranha-se-lhe até aos ossos, e a velha lá segue com o saquitel de broa e os olhos turvos de tanto ter

chorado. Vê sempre não sei quê que a não larga. — A tua filha?... — E nunca fala da filha.

Naquele desespero percebo uma palavra outra palavra. Sobre isto choro, sobre isto lágrimas em barda, como se nascesse uma fonte na escuridão. A Joana chora sempre, chora por tudo e por nada, chora por si e pelos outros. Não se sabe onde vai buscar tantas lágrimas.

A ternura é húmida.

Não compreendo este ser. Viro-o, reviro-o. É um nada com duas ou três ideias no caso. Cheira mal, cheira a aziumado. Passou a vida a aturar os doentes e a vida repele-a. Apega-se e a vida acaba por fazer de Joana de unhas roídas, peles no pescoço e olhos turvos, uma figura disforme. Irrita-me e prende-me. Sei como a Joana se encortiça de um lado e se faz sensibilidade do outro. Posso dizer quase dia a dia como as mãos se lhe deformam, como os olhos se lhe aguam, explicar como a mulher da esfrega se parece com o pano da esfrega. Não sei explicar o resto. Com este molho de ossos e alguns farrapos no corpo, há um fiozinho de ouro a reluzir, um fio que teima em aparecer à tona e em se misturar à água de lavar a louça. Anos, velhice, desgraça —

e teima. Teima até ao caixão. Reluz sempre. Tem o mundo contra si, a vastidão sôfrega, o rodilhão do universo em perpétuo inferno. Resiste. Parece fácil de suprimir num sopro. Resiste a tudo, esse pó necessário como o pólen à asa para voar. Um nada com a noite diante de si, com a voragem diante de si. Tudo se gasta e desgasta — não o usam.

Tenho passado noites em debate com este ser absurdo. Acabo pelo desespero. Enfurece-me e apega-me ternura. Uma boca enorme que se fecha sem emitir palavras, os mesmos olhos inocentes de pasmo, e um ronco que lhe vem dos gorgomilos como do fundo de um fole. Mais nada. Sacudo-a — deita sempre a mesma água. O mundo é uma voragem. Tanto faz. A vida e uma mistificação. Debalde. Responde-me com ternura. Responde-me com uma vida humilde de desgraça e lágrimas. E outra coisa exprime a figura: surpreendo através dos farrapos e do ridículo, um nada imenso, uma força imensa que transmite outro nada: algumas lágrimas para chorar, outro ventre para parir. Um poder de se perpetuar — para gritos. Impelem-na — impele. Debalde a dor sua, a Joana caminha molhada e trôpega,

mas caminha. É inútil a desgraça agarrar-se-lhe. Mais funda porque é muda como a noite. Faz parte da velha. Envolve-a, cresce, enrodilha-se-lhe. Sua. Só geme: — Ah!... — Resiste à desgraça, resiste à vida, resiste ao ridículo. A velha consegue ser maior que a desgraça. Nem toda a água de lavar a louça suprime este facto.

O meu desespero termina aqui diante desta criatura que não compreendo, de mãos roídas e um xaile velho sobre o corpo mirrado de ternura. Estraga-me a vida toda. Perturba-me a lógica. Mete-me medo. Tanto faz que a Joana viva ou morra, que grite ou se cale: as mesmas estrelas no céu, a mesma grandeza absurda, o mesmo mudo espanto. E no entanto nesta confusão esplêndida só a sua alma comunica com a minha alma. A sua dor, a sua mentira é que importam à minha vida e à tua vida. Negrume e um arranco: exaspero para manter de pé um resto de ilusão. Mal se fecha abre os olhos atónitos. Não diz palavra. Por fim chora, as lágrimas correm-lhe pelos sulcos das lágrimas e mistura-as ao pó de sonho com que foi entretendo a vida, a pequeninas coisas gastas e puídas — ao sonho que ninguém quer, ao sonho que ninguém usa, e que em todo o

caso a sustenta e a enleva, como as bonecas das crianças pobres, de trapo e com dois olhos abertos a retrós, que se lhes afiguram rainhas.

Há um mistério na vida de Joana, e no entanto na sua alma lê-se como através de um vidro. Tudo nela será falso exceto a dor. Não sei, ninguém sabe o que tem. Sinto que se obstina como se fosse de pedra e dentro houvesse outra Joana a dar com a cabeça pelas paredes. Não ouço o que diz, nem sei o que sofre — mas a desgraça sua naquele monólogo sem pés nem cabeça, a que não ligo sentido. Debalde o sonho se encarniça. O sonho, que não cabe no mundo, cabe entre as quatro paredes daquele caco e revolve-a. Fecha a boca como se tivesse medo de falar. Não quer ver — e há de por força ver. Persiste em manter de pé o resto da ilusão em que passou a vida, obstina-se o ciclone vivo em pô-la frente a frente à desgraça. É sonho contra sonho. O que ela não quer é ver, e só ela sabe o que não quer ver. Não pode com o peso desconforme que a torna grotesca e de todo se assemelha agora à árvore do quintal. Mais sonho — mais flor. Abre uma boca enorme, fecha-a sem emitir som. Mostra as mãos, aperta os gorgomilos e o

sonho arranca-lhe farrapos. Há de acabar por lhe extorquir a dor... Tudo está nos seus lugares: as coisas simples e as coisas eternas, e há outra coisa que ela não sabe exprimir, que a alma desta mulher não abrange: a intrusão do sonho na sua vida humilde. Bronco e sonho. Até agora só com a desgraça arca, agora o dourado tinge-a. Sacode-se como um cão molhado. Debalde tenta desfazer-se do sonho imenso que se lhe pega: irrompe em palavras baixinhas, hesitantes, que voltam atrás. Uma pausa e o monólogo recomeça logo. Há não sei quê de monstruoso no mundo, que bebe todas as lágrimas e leva todos os gritos. E não se farta. Há não sei quê que reclama dor. Toda a noite se desespera. A desgraça sua, a desgraça trôpega e ridícula. A desgraça enche a noite de esgares. Depois o sonho desgrenha-se. Depois sacode-a uma rajada, e lá torna, sem uma palavra, sem um grito, a grande sombra que se envolve em si mesmo e a si mesmo se estorcega. A desgraça sua de aflição sem poder exprimir-se. E quando a dor se concentra, quando a dor se torce como quem torce um farrapo e a velha não pode — a velha irrompe numa toada estúpida. Mais dourado, mais fundo... A desgraça está ali ao pé, cada vez mais seca, e nem o sonho nem a

desgraça conseguem arrancar-lhe aquilo de vez para fora. — A minha filha... — Mas isso não basta! Não chega! Mais dor, mais sonho: abre a boca cada vez maior e não tira outro som dos gorgomilos. Só emite um ronco. A desgraça e o dourado tinge e entranha-se na água de lavar a louça. Há de acabar por falar... Até agora por mais que faça sai-me das mãos ridícula.

— E vai eu disse-lhe... — E estaca, esfarrapada e atónita. Sacode-a o sonho com desespero — Ah... — E como naquele caco espesso só há duas ou três ideias como traves mestras, e ternura naquela alma obscurecida, não avança mais palavra. E a desgraça sua e tressua. Grotesco, grotesco, e desespero neste grotesco, e dor neste manequim desconjuntado, com um xaile a esvoaçar e a boca espremida. Anda aqui um ser imenso que luta com um ser humilde e o amolga até à caricatura. Não pode mais — e ainda aperta a boca... O que tu lhe fizeste, sonho! O que tu lhe fizeste!... Tornaste-a disforme como a sombra de um bonifrate projetada sobre um ecrã. — Criou aquilo a bafo, trouxe-o sempre comigo debaixo do xaile, com olhos aguados e tal ar de aflição que parece tonta. — A minha

filha... — e tu arrasta-lho com um trapo por todos os esgotos. Debalde se debate: tem de falar...

— A minha filha casou rica, a minha filha tem uma sala de visitas (que é o que a Joana mais admira no mundo) como a das outras senhoras. A minha filha... Não posso! Não posso!

E para não avançar mais a Joana ri-se de si própria. Quem a não soubesse capaz de exagerar diria que exagera. Ajunta pormenores embaraçosos a essa história que se parece com a mulher da esfrega pelos empurrões e pelos trapos. Repete-se, hesita, volta ao princípio, sem termos para se exprimir. E atrás das palavras sem ligação sente-se cada vez mais dor: o pano sujo da esfrega está embebido de lágrimas.

— Tenho uma tristeza metida em mim...

A narrativa desconjunta-se: ganha em dor e em grotesco. Enche a boca, perde em naturalidade, adquire em imponência. O tom carregado é de farsa com resíduos de lágrimas. A desgraça ri-se da desgraça. Aumenta as cores de exagero, carrega o traço, e a tinta engrossa:

— A sala de visitas! A sala de visitas! — Representa com ademanes e mesuras grotescas a sua entrada numa sala em passo medido de procissão, o súbito espanto diante das molduras. Avança um passo, recua um passo. E aí surgem agora as visitas da filha, umas atrás das outras com espalhafato. A Joana prolonga demasiado a cena para as velhas se rirem — e tem os olhos arrasados de lágrimas. Insiste, pára-lhe na boca o riso desdentado como se tivesse um nó no gorgomilo. Teima, e desata a chorar diante dos móveis com berloques. — E vai eu disse-lhe... — Reage e começa logo a rir. É um quadro estranho e sem realidade. No fundo, a tintas que ressumam desespero, agitam-se figuras com penantes desconformes e sedas amarelas. Primeira dama, segunda dama — e os chapéus, da última moda, têm penachos dourados, os vestidos recortes de espanto, as mesuras repetem-se num acesso. Terceira dama de cauda a rasto, outra dama como um palhaço, cumprimentando para a direita e para a esquerda, e já nos longes enfumados, irrompem, sempre com exagero e grotesco, outras damas de espavento — da alta roda... E o ser esfarrapado mexe o crânio, para cima e para baixo, com um sorriso à sobreposse. Postiço sobre postiço. Representa

— e todas estas figuras parecem sufocadas, todas estas figuras que ela cria ridículas, mal dão dois passes, estão mortas por desatar aos gritos — todas estas damas inverosímeis, atrás de damas de roxo, de seda, de amarelo e de verde, pariu-as o grotesco com dor. A Joana imita as contumélias, olha em roda, e recebe-as pé atrás pé adiante. E já o absurdo aumenta, a dor aumenta, quando outras damas de farsa, com sedas salpicadas de todas as cores, se agitam de cá para lá na sala de visitas, engrandecida e transformada na sua boca num salão dourado. Já outras damas de cauda arrasto, outras damas de quico, outros manequins forjados pelo sonho ressaltam com ademanes de caricatura. É o ponto em que as velhas gozam sentadas à roda da Joana, em que a D. Felicidade exclama: — Ai que eu não posso mais! Ai que eu até fico doente! Vem-me a sufeca. — Estão ali todas. Está a D. Hermínia, e com a D. Hermínia um mundo de inveja paciente; a D. Penarícia, e com a D. Penarícia uma alma onde repousam exaustos, como num vasto dormitório, todos os despeitos de uma existência inútil; a D. Fúfia com os cabelos arrepiados, e por trás da D. Fúfia as ruínas devastadas de Cartago. Está a mulher trôpega, amachucada, com olhos aguados de cão. E

com isto ridículo, e sobre esta tragédia ridículo. O que a vida tão dolorosa tem de cómico é de fazer chorar!

Já a história entra noutra fase. Tantas vezes se lhe tem perguntado, porque é que a filha a deixa andar na esfrega, que a velha acrescenta pormenores embaraçosos. A narrativa torna-se obscura, dolorosa, hesitante, como se fosse arrancada aos pedaços de uma alma espezinhada. — E vai eu disse-lhe...

— Hoje é que ela está que até parece o Taborda!

Na realidade a Joana é insuportável. Repete sempre as mesmas coisas, depara-se por todos os cantos como um trambolho. De noite, quando se pilha na enxerga, cuido que mói ainda o mesmo sonho: — A esta hora lá está ela... A esta hora... — A esta hora a minha filha... — E os olhos cerraram-se-lhe de êxtase, de dor ou de espanto no sórdido buraco.

Todas as noites a velha, quando sai da esfrega, dá uma grande volta no negrume, alta, ossuda, molhada até aos ossos. Ninguém sabe onde a conduzem os passos trôpegos, a falar só, a remoer o sonho que a sustenta e ampara. Por

vezes palpa um pilar de granito, por vezes debate com um ser misterioso, uma questão insolúvel. Sigo a sombra esgalgada, que gesticula e reza. Pára numa ruela, senta-se à porta de um casebre. Bate, não lhe respondem. Espera, e outra vez timidamente se atreve a chamar... — De dentro sacodem-na palavras bruscas, e a velha torna por o mesmo caminho encharcada até aos ossos... Esta casa não é como as outras casas, esta sala não é como as outras salas, nem esta rua como as outras ruas.

* * *

28 de Março

O sonho é um — a realidade é outra: a realidade é uma figura só dor. Remoeu aquele sonho quando seguiu a filha pelas vielas. As mãos secas de desespero tentaram em vão arrancá-la à desgraça. A filha desceu mais fundo, a Joana desceu mais fundo. Deu-lhe a vida e suportou o escárnio. Andou nas mãos dos ladrões e tem tal ar de aflição, que parece tonta. A desgraça pega-lhe pela mão e leva-a mais

fundo ainda: aperta-a de encontro ao peito descarnado... Não faz ideia nítida da vida e da morte, nem daquela viela com mulheres. Atura a miséria e a desgraça. Suporta os vestidos encharcados no corpo. Foi disto que ela fez sonho — das noites de dor e do riso dos ladrões.

— A usura da vida e a dor represa, engrandecem-na. Nunca se queixou. Escondeu de todos a sorte da filha. Guardou aquilo para si, noite a noite, toda a vida. Bronco e dor, uma carcaça e farrapos, e nos olhos não sei que expressão que a faz mais baixinha: — Aqui estou para te servir. — Passou por tudo, e um resto de ilusão bastou-lhe para poder viver. Sós a sós a figura tem uma expressão descarnada e refletida.

Nessa noite, à meia-noite, nasce o menino entre ladrões. Vem morto ao mundo. A Joana pega-lhe a tremer com as mãos da esfrega e deita-o no xaile. Quatro cabeças se curvam à luz do candeeiro de petróleo para verem o menino — três cabeças de ladrões e a cabeça da velha.

— O menino está vivo! — afirma a Joana.

— É preciso enterrá-lo de caminho — diz o ladrão mais velho, encolhendo os ombros. E juntam-se à porta falando baixo, enquanto a velha lhe aquece o corpo pegajoso com o bafo. Dentro a mãe geme.

— Vamos.

Os gritos cessaram de todo.

— Venha daí.

E, tomando o braço de Joana, que achega a si o menino embrulhado no xaile, levam-na para a rua. Vão adiante o ladrão e a velha. Caminham até um terreno de construção, lama calcada e recalcada: ao fundo o pano de um muro e um resto de árvore mutilada. Escolhem o sítio e o pai abre a cova com o alvião. Nenhum diz palavra. Só a Joana aperta mais o menino de encontro ao seio murcho, como se fosse possível aquecê-lo. Agasalha-o dando voltas ao xaile roto, e vai depois no escuro palpar a terra encharcada. Tira-lho o pai para o meter na cova, e ela ainda protesta:

— O menino está vivo.

Nenhum dos ladrões se ri. O que ela quer é outra vez criar. Está disposta a recomeçar a vida, a deitar mais ternura, a

tirá-lo à boca para o dar aos outros. E Insiste:

— O menino está vivo.

— Vamos embora.

Sacodem as mãos: só a Joana conserva nas mãos a terra da cova. Rodeiam-na três sombras enormes e ela sente-lhes no escuro o bafo monstruoso.

— O estafermo da velha rica está só. Tu podes abrir-nos a porta...

— Roubar!

E recua: avançam logo e não a largam as sombras que a envolvem.

— Tu hás de abrir-nos por força a porta!

— Deixem a velhota sozinha comigo, que nós dois entendemo-nos — intervém o ladrão mais velho. E leva-a suspensa pelo braço corno quem leva uma pluma.

— Tu abres-nos a porta. À velha deito-lhe esta mão ao gasganete e não dá nem pio. Aperto no escuro — eeeh... — e sinto no escuro um estremeção e mais nada...

— Jesus!

— Ó pandorca! És um trapo! És pior que um trapo!

Cobre-os o céu profundo, onde palpita uma vida intensa. Arqueia-se sobre a velha e o ladrão de lés a lés a abóbada recurva. Ao longe seguem-nos sempre as duas sombras temerosas.

— Estúpida! Estúpida! Passaste a vida a servir os estafermos. Aproveitaram-te e deitam-te fora. Só te deram restos, enquanto se enchiam até aos gorgomilos. E tu apegaste e tu defende-los!... Pela madrugada bato com os nós dos dedos à porta e tu abres-me devagarinho a porta...

— Jesus Cristo veio ao mundo para nos salvar!

— Isso! Até me metes nojo! Isso! Até me fazes rir! Só tu, calhordas, eras capaz de me fazer rir nesta hora aziaga. Pilhasse-te eu no meu tempo!... E aperta-lhe o braço contra o peito, leva ao ar aquele molho de ossos e ri-se com escárnio. — Tu lavas, tu esfregas, tu comes os restos, tu até cheiras mal! Tu metes-me nojo. E hesitas... Que se te pede? Que nos abras a porta e mais nada. Só há uma ocasião na vida, toca a aproveitá-la... Se nos abres a porta ficamos

todos ricos. — Abraça-a. Vomita uma risada. Pior que matá-la, enlameia-a. Aquilo vem do fundo da terra, vem do boqueirão da noite e traz escárnio pegado. Sobre isto chove: parece que toda a lama fétida da terra subiu ao céu para tornar a cair. A Joana geme. Uma risada e um gemido que se amalgamam, gemido que se extingue para depois subir mais alto, para se confundir com a risada. E a noite é pó de desgraça, cada vez mais moído e mais negro.

— Não te cabe nesse caco que foste sempre explorada e que ninguém teve pena de ti. Escuta o que te digo. Rouba-a, estúpida! Rouba-a! Na cadeia também se come pão. Ao menos lá enches essa barriga. Abres-me devagarinho a porta...

— O que havia de dizer a minha senhora!

— Ninguém no sabe. E ouve: se não nos abres a porta, a tua filha...

— Senhor ladrão, vossa senhoria... Assim Deus me ajude... Como a terra está fria!

— Que me importa a terra! O que nos importa é o dinheiro do estafermo. Ouve! Ouve! Ouve! Ela é rica, tu és

pobre...

— O Senhor fez os pobres para servirem os ricos, e os ricos para ajudarem os pobres...

— A minha vontade era esganar-te... Por tua filha! Se não nos abres a porta ele estorcega-a. A tua filha é menos que nada nas mãos dele...

— A minha filha... Vossemecê, senhor ladrão, também teve uma filha, que eu sei...

— Cala-te! Esta noite é por força noite de desgraça. Tive uma filha e não lhe pude valer. Vi-a morrer com os olhos enxutos. Morreu tísica, morreu-me à fome e não lhe pude valer! Fiz-me depois ladrão. Deixemos os mortos... Uma madrugada fui de prego em prego. Tinha despido o casaco para o pôr no prego. À porta de um estava um cavalo à carroça, com a cabeça metida numa seira, a comer. O que eu invejei aquele cavalo! Morreu-me. Foi nesse dia que me fiz ladrão.

— A sua filha morreu-me nos braços...

— Tu não te calarás! Esta noite já me não serve. É noite de desgraça. Vai-te pró diabo!

Repele-a, e ao pôr-lhe a mão no ombro, repara que só traz a camisa extreme sobre o corpo.

— O xaile? Que é do xaile?

— O xaile dei-o ao menino.

— Fizeste-la bonita!

Tal é a figura esfarrapada. Maior. Maior pela desgraça e pela mentira. A Joana, quando faz rir as velhas de cuia postiça, mente. Tem duas existências, uma vulgar, outra oculta. Lava as escadas, calada e submissa: à noite vive com os ladrões e as mulheres das vielas. E mente. Mentiu sempre. Mentiu enquanto pôde. Mentiu a si e aos outros. Fez da dor mentira e da mentira sonho. Quanto mais desgraça, mais exagero e mais grotesca a sala de visitas — maior a sala de visitas — mais dourada a sala de visitas. A Joana não se atreve a sonhar a felicidade: contenta-se em sonhar a desgraça, e não lhe tira os olhos de cima, para não ver outra desgraça maior. Ilude-se. E debate-se numa cogitação profunda como a noite. Toda a noite lhe parece negra. É como se pela primeira vez desse com a vida. Deita as mãos, não encontra a que se apegue, e faz gestos para

repelir o negrume. Remói coisas que não percebe bem, que se lhe confundem na alma e que traduz em palavras descosidas e sem significação. De vez em quando pára, com os olhos fixos, e diz uma frase fora de propósito, a cismar com obstinação noutra coisa:

— Casa de mulheres, casa de ladras.

Ou monologa parada a um canto:

— O Senhor lá sabe por que a gente anda neste mundo e para que se criam estas coisas... Estas coisas... E abre os olhos espantados. — Tudo está escrito no livro do futuro... Sempre ele há gente muito boa neste mundo! É o que vale à pobreza. Depois um salto dentro dela: — Onze, não, doze vinténs é que são. Quatro vinténs do baú que levei à cabeça, seis vinténs da esfrega... E conta pelos dedos: — Seis, sete, nove vinténs... Depois aquilo remexe, vai ao fundo do fundo: — A desgraça não nasceu comigo nem há de morrer comigo. Ou explode num grito de quem não pode mais: — Não posso com este peso, com esta desgraça, com esta desgraça sobre esta desgraça, e com isto!... A dor que a gente cria aos seus peitos! E ainda por cima isto!

Depois cala-se. É pior. Fica confundida e atónita, como um cavalo prostrado, que não sabe porque sofre e mantém os olhos abertos — ridícula diante da desgraça e diante do assombro. Cala-se e outro ser imenso começa a falar dentro dela. É um debate ao mesmo tempo fútil e cheio de grandeza, que não posso fixar, mesquinho pelas palavras que emprega e grande pelo sentimento que o reveste. É uma coisa triste, uma coisa dolorosa, uma coisa desconexa, feita de nadas, de gritos, de mudez. A Joana fala com o Sonho tu cá tu lá e atira-se ao Sonho. E quando enfim o espanto se acumula sobre ela, a Joana dispõe-se a arrancar-lhe farrapos. Misturem a isto a dor, misturem a isto ridículo, porque a Joana revolve tudo, frases, sentenças, palavras que lhe acodem e que não formam sentido — vêm de muito longe... — lágrimas, sonho, e ranho. Assoa-se ao avental.

— Eu não sei dizer! Eu não sei dizer!...

E sem falar à sombra que a não larga, a velha gesticula para o escuro: a desgraça tapou-lhe a boca, meteu-lhe outra vez a boca para dentro. Avança com as mãos abertas. A noite é imensa. Cabem na noite os mundos infinitos, mas

só me interessa a alma de Joana. Quer compreender e não pode. Pior: o sonho humilde já lhe não é possível. Parece perdida, tão inútil no mundo! A ternura não lhe serviu de nada. E há outra coisa em que é preciso insistir: não sabe porque sofre, não lhe cabem lã dentro a desgraça e a explicação da desgraça. Outra vez recorre à perlenga com que amortece a dor: — A sala... A outra sala... Mas na sala disforme só se vomitam injúrias e as bocas transformam-se em bocarras monstruosas, que a Joana não consegue tapar. O negrume é cada vez mais compacto e o esforço da velha cada vez maior. Quanto mais negra é a sala, mais a Joana a doura. Aumenta-a, e agitam-se as visitas em delírio: quem as recebe de pé a fazer cortesias de espalhafato é a própria desgraça vestida de amarelo. As cadeiras tomam outra expressão, agitam-se os cacos, os berloques fazem parte da sua alma, o dourado reles dos móveis apega-se à noite espessa. Estes cacos são expressões de dor e é a desgraça quem os arruma.

A noite irrita-me com a sua imobilidade imperturbável, e ao lado este ser que só tem uma forma grotesca de exprimir o que sofre. Esta sala com um gato bordado a retrós

interessa-me muito mais que a noite negra, a noite funda. A noite é inútil.

CAPÍTULO IX

PAPÉIS DO GABIRU

Ela foi uma flor que se aspira e se deita fora — quase sem reparar — cismando na imortalidade da alma.

Se eu pudesse cinematografar a vida e a morte de uma flor, cinematografava a sua vida. Não sei dizer se existiu se a criei, e o que na realidade me interessa é o que ela disse à grande nódoa de humidade da parede.

Sei que chorou mas não a ouvi chorar. Ninguém a ouviu, ninguém deu por ela. Passou como uma sombra. Habituou-se. As lágrimas sumiu-as, meteu-as para dentro. A dor aprendeu a contê-la. Habituou-se a queixar-se à grande nódoa de humidade da parede.

Entre mim e ela interpôs-se o sonho.

A ternura também cansa. Deixem-me! Deixem-me sonhar!

O principal para mim foi a queixa que ninguém ouviu no mundo; foi o que os seus olhos verdes de espanto decifraram naquele arabesco da parede. Podes por ventura conceber isto? Uma dor que não deixa vestígio, um sonho ignorado que não deixa vestígio, que passa no mundo e não deixa vestígios — a dor despercebida, as lágrimas contidas que se não chegam a chorar?

Não valia nada, o que vale um pássaro, e em questões afetivas, em ternura, tinha a profundidade do mundo — a do silêncio — a do sonho.

Tanto se queixou baixinho que morreu de frio!

Deito-me debalde aos encontrões à noite. Nem um grito. Os remorsos são inúteis. Um passo na vida é sempre irremediável: não há forças humanas que o possam apagar.

* * *

25 de Abril

A vida tem dois períodos: o do entontecimento, o da saudade. Não sei qual é melhor. Talvez aquele em que se ouvem já os passos da morte, mais perto! Mais perto! O frio da morte dá à vida um encanto superior e um prestígio maior.

Deixem-me! Deixem-me! Deixem-me só com isto, deixem-me viver para isto. Deixem-me fechado a sete chaves com o sonho que me enche de ridículo, que não existe e é a razão da minha vida. Deixem-me ir para a cova agarrado a este nada imenso, que me dourou as mãos e me deixou atónito. Só no fundo da cova é que estou bem, sós a sós, fechado com ele para sempre.

Se o sentimento de beleza é a única coisa humana que não nos engana — se só a isto ficamos reduzidos — como não prever outra beleza maior?

De sobressalto em sobressalto, de assombro em assombro, de vulgaridade em vulgaridade e de contradição em contradição, assim vim até ao fim. Não consigo desprender-me de um, nem libertar-me do outro.

Atrás deste assombro há outro assombro — e depois outro assombro ainda.

Qual é a minha experiência da vida? Nenhuma. Qual é a lei que extrais da vida? Nenhuma. Só o espanto. Só uma coisa cada vez maior, sempre assumindo maiores proporções, que sinto desabar no silêncio, mais dourada e frenética que o sonho. Tudo se reduz a coisas a que damos valor, e a coisas a que não damos valor. E entretanto ao nosso lado passa o tropel mágico, desesperado e caótico. Ali fora desabam os séculos e a torrente misteriosa que leva consigo estrelas em vez de calhaus. O jacto de portento vem do infinito e caminha para o infinito, levando consigo a alma, o universo, o lógico e o ilógico, o absurdo e Deus.

Uma vida resume-se em duas linhas, sintetiza-se em dois ou três factos. Se a vida fosse só isso não valia a pena vivê-la. A vida é muito maior pelo sonho do que pela realidade. Pelo que suspeitamos do que pelo que conhecemos. Se nos contentamos com a superfície, não há nada mais estúpido — se nos quedamos a contemplá-la faz tonturas. É por isso que eu teimo que a Morte não tem só cinco letras, mas o

mais belo, o mais tremendo, o mais profundo dos mistérios. Prepara-te.

O problema capital da vida é o problema da morte. Ele resolve tudo. Não há factos isolados; não há acontecimento no universo que não gere outro acontecimento. O inconsciente não pode criar o consciente. É impossível dar um passo a que não suceda outro passo. A vida gera a morte — a morte gera a vida. Mas que vida?

Fui eu que criei tudo na vida. Destaquei da massa confusa, da mescla, o tempo — destaquei a morte — destaquei o sonho. Fui eu que, como num quadro, lhe dei valores e perspetiva. Fui eu que lhe entornei em cima ilusão. Na realidade só existem cores — como só gritos existem. Arranquei tudo do fundo do quadro. Porque não hei de acabá-lo?

E no entanto sinto-me tocado de hesitação e de dúvida. Do que tenho saudades é desta vida. Ao que eu aspiro é a esta vida. O gesto que o moribundo faz ao arrepanhar o lençol é um gesto de náufrago.

Sou nada diante do universo. Mas teimo, mas discuto comigo e contigo ó espanto, mas defronto-me com o enigma, encarniço-me e saio daqui esfarrapado, despedaçado — mas teimo e hei de vencer-te. Não quero morrer de vez. Não quero perder a consciência do universo nem a sensibilidade do universo. Eu sou o nada, tu és o infinito — hei de por força vencer-te!

De um lado a matéria, do outro o espírito. De um lado consciência, debate, luta, do outro a impassibilidade, a fatalidade inexorável. Nenhum grito a perturba. De um lado a vida gasta num segundo, do outro a sucessão ininterrupta dos séculos, indiferente e eterna. Como acaso é atroz, a não ser que outra coisa nos espere.

Ilusão, mentira, estúpido? Mas eu é que faço a verdade e a mentira. Eu é que a crio à custa de dor. Dou-lhe o meu bafo e a minha alma. Deus cria-me a mim — eu crio Deus. Uma verdade pode ser abjeta, uma mentira pode construir outro mundo — outro universo — outro céu.

Se não nos detivéssemos com palavras, se avançássemos todos ao mesmo tempo, esquecendo o que é inútil, para esta coisa que nos devora, subjugávamo-la. Conquistávamo-

la por uma vez, por maior que ela fosse. Mas nenhum de nós se atreve e passamos a vida a fingir que não existe. E só ela existe.

CAPÍTULO X

A OUTRA VILA

O tempo era limitado, a paciência pegajosa, o gesto lento. Agora que a vida dura séculos ninguém espera um minuto.

Tenho aqui a vila sufocada de espanto, e, neste momento de silêncio e mudez, todos encaram com desespero os próprios fantasmas. Está aqui o fel — e o fel está vivo. Está aqui a mentira — e a mentira está viva. Está aqui a D. Leocádia e o dever, a D. Biblioteca e o postiço, o Anacleto e as conveniências. Estão todos. Não falta ninguém à chamada. Está aqui também o espanto e a mania, e a mania tem os cabelos em pé. Custa-me a admitir-te na minha companhia, custa-me a arrancar-te de profundidades ignotas... Tudo o que fiz era um simulacro, reconheço-o. Passei a vida a arremedar a vida. Passei a vida com uma voz a pregar-me: — Não metas aí o nariz. E a minha vontade era meter ali o nariz. — Passei a vida a cumprir o meu dever e a amargar o meu dever. Passei a vida a arredar-te e agora tenho por

força de viver contigo. E tu? — E tu? — E tu?... — Gastei-me, gastei-a... Cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o com fel. Para cumprir o meu dever lhe repeti a toda a hora que os pobres têm um lugar marcado na vida. Fi-lo por dever. Não transijo nunca com o meu dever. Assim como devia tirá-la do asilo por ser do meu sangue, assim o meu dever era educá-la para pobre e reduzi-la a um ser passivo e inerte. Os pobres não têm vontade, os pobres não têm orgulho. Vesti-a com um saco e gastei-me um dia, gastei-a outro dia, a ponto de usarmos as feições e de não nos reconhecermos. Espiamo-nos ambas, uma em frente da outra, no silêncio gélido da vila, onde se ouvia o trabalho lento das aranhas no fundo dos saguões. — Dei-te o sustento, tens de ser agradecida. Tirei-te do nada, livrei-te da fome, é preciso seres agradecida. Cumpre o teu dever. — Eu cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o contrariada, num perpétuo dize tu direi eu, numa eterna contradição, mas cumpri-o. Cheguei a tirá-lo à boca para a poder manter. Cumpri o meu dever e amarguei o meu dever. Usei assim a vida a arremedar a vida. E tenho-a aqui na minha frente, com a barriga à boca, à espera que eu cumpra o meu dever até final. Qual é o meu dever? Reconheço que a

odeio — odiei-a sempre. Mas qual é o meu dever? — pergunto. Qual era afinal o meu dever? Se fazia o bem, amargava o bem; e tu não me largavas se tentava o mal. A minha vida tem sido um perpétuo inferno, contrariada e impelida, e sempre a cumprir o meu dever amargo, o meu dever estúpido. E os olhos não se lhe despegam do fantasma coçado e verde, de ferro e verde. Grita-lhe: — Cumpri sempre o meu dever! Se não cumprisse o meu dever ia parar a uma viela. Queda-se estrangulada e surpresa, mais estrangulada e surpresa ainda, diante da voz que lhe diz não sei o quê de temeroso. Avança e repete mais alto: — Ir parar a uma viela é o que há de pior no mundo! E a outra torna com escárnio — e a D. Leocádia torce-se com pavor: — É o que há de pior no mundo! É o que há de pior no mundo! E com dor, com angústia, com desespero, pergunta a si própria (a outra insiste e não a larga): — É o que há de pior no mundo?... — E tu? — pergunto — tiveste inveja? — Tive e recalquei-a. Arranquei tudo, destruí tudo, por ti que não existias. — Mas isto é infame, isto não 'sou eu! — És, és, mais do que nunca o foste. — Cada velha se põe a recuar diante de si mesma; cada ser procura afastar-se de si; cada um a si próprio se

repele. Mas todos são enrodilhados no pé de ventos, que os leva sufocados e atónitos, balouçados entre a vida e a morte, entre o assombro e o inferno. E é grotesco este encarar com o sonho, pé atrás pé adiante, esta hipocrisia que teima em ser hipocrisia, esta mentira que quer ser mentira até à última extremidade. — Tu não deste um passo na vida sem obedeceres às conveniências e sem consultar o teu código de meticulosidade. Tens um Deve e Haver do tamanho de um prédio. A praça considera-te, Deus considera-te. Torturaste-a segundo as conveniências, habituaste-a a conter as lágrimas e a ser correta com o mesmo grito recalcado ao fundo do coração. E esse drama correto, torna-se mais correto ainda, e, século atrás de século, há de acabar por atingir a correção suprema. — Não tenhas medo, avança um passo, outro passo ainda... — Que é isto? Que é isto que se me pega, diz a Teles, diz a Roles — e que me não deixa pensar na mania? E nos olhos de idiotia, a vida, camada atrás de camada, chega a vir à superfície. — Ah, a mania D. Teles, das Teles das Reles, a mania! Pensar neste trapo um dia, e só pensar neste trapo! Fazer de ti e de mim mania e só mania! — Dois castiçais de prata foram a minha vida. Pensei neles com minúcia. Um

nada — ou Deus — bastou para me encher a vida. Acordei com eles, dormi com eles. Taparam-me o mundo. Isto foi o meu sonho e a razão do meu ser. Criei-o. Dei-lhe o meu leite. Vivemos juntos; ia morrer com esta mania, levava-a para a cova, sem ter pensado no resto, e agora encontro-me sós a sós contigo, desprevenida e sozinha. Foste para mim um filho. Alimentei-te e alimentaste-me. Reservei-te sempre o melhor cantinho do meu ser. Salvaste-me do desprezo de mim própria, pior que o desprezo alheio. Quando me sentia mais humilhada e mais pobre, recorria a ti, e encontrei-te nas horas em que a gente até de si duvida, quanto mais dos outros. Trouxe-te sempre comigo. Sorrias-me. Foste a carne da minha carne e o osso do meu osso. Um filho podia-me morrer; tu não me deste um desgosto. Escondeste-me a vida e a morte — e eras um trapo, uma coroa de lata, dois castiçais de prata! Agora mesmo procuro agarrar-me — mas isto pega-se-me, deslumbra-me e ofusca-me... Há só uma coisa que eu queria ainda dizer, e não a sei dizer diante de isto que tenho ao pé de mim, dentro de mim e me não larga... — Ai! Ai! Ai! — Também tu, também tu, prima Angélica, que passaste a vida debruçada sobre essa meia, também tu te ergues num arrebatamento, passa-te não sei

que dor na escuridão cerrada, e procuras, com a agulha afiada como um punhal, furar os olhos de todas as pessoas que te fizeram bem!... Mas tanta inveja ruminaste que sorris e te curvas submissa sobre a mesma meia eterna, a que mãos caridosas já não desfazem as malhas e que tem três metros de comprido... A mesa da bisca lambida caiu por terra, e de tal maneira se olharam nos olhos, que não foi possível tornar a juntá-las. Só a mesma voz persiste dentro de nós mesmos, no silêncio e na mudez da noite infinita: — Mas eu não posso! Eu não posso! Tu obrigas-me a fazer o que não devo! Tenho aqui fel e hei de, para cumprir o meu dever, fazer o contrário do que sinto: dominar-me todos os dias, moer-me todos os dias, pregar-me todos os dias: — A gente só vem a este mundo para cumprir o seu dever!... — O que há de pior no mundo é arrancar os desgraçados à desgraça! O que há de pior no mundo é não haver outra vida e passar esta vida a arremedá-la!

* * *

1 de Maio

Não só os sentimentos criam palavras, também as palavras criam sentimentos. As palavras formam uma arquitetura de ferro. São a vida e quase toda a nossa vida — a razão e a essência desta barafunda. É com palavras que construímos o mundo. É com palavras que os mortos se nos dirigem. É com palavras, que são apenas sons, que tudo edificamos na vida. Mas agora que os valores mudaram, de que nos servem estas palavras? É preciso criar outras, empregar outras, obscuras, terríveis, em carne viva, que traduzam as cóleras, o instinto e o espanto.

Mas se tudo são palavras e de palavras nos sustentamos, o que nos resta afinal? Gritos em frente de gritos, instintos em frente de instintos. Fica a morte à solta e o instinto à solta. Ficam os mortos de pé — a coorte que não queríamos ver, erguida, como o vento ergue a poeira, até aos confins da vida.

Até agora a mentira fez-me suportar a vida, a insignificância e as palavras tornaram-me a vida possível, a vida onde à custa de palavras cheguei a ser Eleutéria da Fonseca, Balsamão, Elias de Melo ou Melias de Melo. Só à

custa disto pude aturar a vida e o horror da vida. Só por não a ver, pude encará-la. Só enquanto fui feito de pequenas misérias e de palavras inúteis a pude suportar. Mas agora que me resta se tudo é vazio de significação?

Custa muito a construir uma vida fictícia, a ser Teles ou a ser santo, a criar um Deus ou uma mania. Custa a melhor parte do nosso ser. É certo que metade disto — metade pelo menos — é representado. Se te confessasses dirias: — Eu sou um ator, eu sou o ator de mim mesmo: represento sempre até quando sou sincero; até quando digo o que sinto, é outro, e noutro tom de voz, que diz o que sinto... Cá estou a vê-lo representar... Mais de metade, muito mais de metade dos meus sentimentos, são postiços. Todos estamos ligados por compromissos, aceitamos certas leis e vivemos de aparências. Existe entre nós um acordo tácito. No fundo bem sei que o que me dizes é mentira, mas sei também que tenho obrigação de ajudar a mantê-la. Respeitamos um compromisso vital. Mais alto! Mais alto!... Para podermos viver só lidamos com uma parte convencional da vida. A outra não existe: se existisse seríamos bichos. Esta vida é uma mentira — a outra vida é monstruosa. Desabada a

arquitetura aparente, ficamos ignóbeis. Isto que aí está por terra custou muito desespero, primeiro na inconsciência e na obscuridade, através da inconsciência e da obscuridade, e depois através de terrores e de indescritíveis esforços. Custou aos vivos e aos mortos a dor das dores poderem discernir dois ou três factos essenciais na treva condensada, na treva compacta de uma noite que durou séculos. Esforço inconsciente de larva, com um destino a cumprir e léguas de granito a romper. Tirámos o mundo do nada. Levou séculos e séculos — mas tiramo-lo do nada. No princípio só fomos almas, criámos depois a casca. Também as árvores só a poder de tempo se revestiram de um invólucro. Éramos todos fantasmas. Criámos tudo — e a mentira. Tudo — e o hábito. Tudo — e a paciência. O sonho não é senão uma reminiscência. Todas as inutilidades não passam de adaptações à vida. Essas pequenas coisas são ao mesmo tempo temerosas e ridículas. Bem encarada a ninharia é uma tragédia. Destes seres saem outros seres grotescos e terríveis — terríveis e grotescos. No silêncio a mania toma proporções quiméricas, e não sei como hei de juntar estas duas coisas — mania e desespero.

Dentro de cada ser ressurgem os mortos. Crescem dentes às velhas, afiam-se-lhes as unhas debaixo dos xailes. Adquiriram outra expressão. Quase toda a gente emagreceu. Aguçam-se ferros no escuro. Procuram-se. Qual é o teu verdadeiro ser? Eu mesmo não sei. Dá-me um trabalhão encontrá-lo e acho-me sempre em frente de cacos, a que não consigo dar unidade. Uma ninharia — um impulso — um hábito. É isto que constitui o meu ser, ou é esta série de imagens, já desaparecidas, que formam a minha e a tua vida? Não, o meu verdadeiro ser sacode a poeira na cólera, na paixão, no amor ou no ódio — porque aos sentimentos também é preciso desenterrá-los — e atua num frenesi. Acabaram as hesitações e as dúvidas, porque já não sou eu quem mando, a minha razão ou a minha vontade: são os mortos. E é quando me sinto viver.

E a insignificância? Até a insignificância. A insignificância com orgulho, a insignificância com desespero.

* * *

5 de Maio

Aqui está a vila toda — mas as figuras mudaram. São disformes. O próprio Santo cheirou as velhas, sacudiu as velhas e atirou com as velhas à rua. Do alto dos montes vomita cóleras sobre a vila passada de terror. O silêncio redobra, a dor redobra. E com isto uma alegria a que falta o ressaibo de tristeza que se misturava a todos os nossos sentimentos. Falta-lhe equilíbrio e harmonia. Tem a maior ferocidade. E produz o mesmo efeito que este cenário de assombro, que o vento e a chuva esfarelam, e onde sobrenadam restos. E com isto a voz que não nos dá tréguas e que atinge o desespero: — Não grites, D. Leocádia, não grites. Reconheço que és feita de uma peça só. Foste sempre inteiriça. — Tirei-o à boca para a manter... — Tiraste-o. Tomaste a vida a sério. Entendeste sempre que pobres se educam como pobres, passaste a vida a azedar a vida, e o dever que fizeste amargar aos outros, começou por te amargar a ti. E a esta luz intolerável as coisas tomam a teus olhos aspetos ignorados... — Mas então não há dever nenhum e eu não sou a D. Leocádia, 29-2°-D.? — D. Leocádia, quem recebe o bem fica sempre humilhado. O

bem constrange. O que tu chamas a piedade e o bem põe quem o recebe na situação de te morder as mãos. E continuar a fazer o bem é elevar-te pelo bem que fazes e rebaixar-me pelo bem que recebo. Acabas por gastar o que em mim há de melhor. Oh D. Leocádia, se eu pudesse — eu é que te fazia o bem, para tu veres o que é o bem recebido, o bem agradecido e o bem amargurado. Antes tu me fizesses mal, D. Leocádia, porque o mal põe-me ao teu nível, e o bem acostuma o desgraçado a ser mais desgraçado ainda. Degrada-o. Põe-no na tua dependência e na dependência da desgraça. Cria uma superioridade, a tua, e um azedume, o meu. Classifica para todo o sempre. Estou perdido se não reajo em ódio. — Que exiges tu de mim então, que não compreendo? Que exiges tu de mim contra a minha vontade? Que me aniquile? Que me dispa para te vestir? — Não grites... — Que exiges tu de mim de absurdo com que eu sinto que não posso arcar? Um esforço sobre-humano? Ou exiges apenas que eu faça o bem que posso, uma parte do bem? Ou é o mal que tu exiges de mim e o bem é um pecado? Melhor será deixar a cada um a sua parte de desgraça e de cólera?... Eu ainda posso talvez despir-me, mas não posso amá-la. Posso cumprir o meu

dever, mas que mais exiges tu de mim com que, ainda que queira, não posso! Que exiges tu de mim?! — Mas, D. Leocádia, eu não exijo nada de ti, cada um se aguenta conforme pode neste balanço...

— Mas então não há dever nenhum? Não há bem nenhum? Que fiz eu deste ser apagado e inerte com um filho do meu filho na barriga? — Oh D. Leocádia como tu educada sempre com as mesmas palavras e no mesmo dever, um dia de dever, outro dia de dever, e erguendo, no silêncio e no tédio, uma construção de trapos e de palavras que chegou ao céu e substituiu o céu — como tu tapas os olhos com desespero para não ver! Hás de aguentar com este peso, que não podemos suportar... Talvez fiquemos cegos, talvez saiamos daqui aos gritos, os maníacos sem a sua mania, os bons sem a sua bondade, e os pobres só fel e vinagre, mas temos de ver o que não nos estava destinado. Para largar a pele, D. Leocádia, até a cobra adoece. Tanto importa que resolvas como que não resolvas o problema — todos temos de dar o passo. A vila é a mesma vila, as pedras as mesmas pedras. Nós mesmos não mudámos. A nova vida obriga-nos apenas a discutir o que estava ao

nosso lado. Tudo existia no mundo, até este desespero; tudo estava vivo, até este grotesco. Nós é que estávamos mortos.

Passou no mundo a estranha ventania, e a morte de tal maneira se entranhou na vida que custa a separá-las. Mas já lá vão as fórmulas, os alicerces e os usos... Só no alto, sobre este absurdo, subsiste ainda o mesmo borralho remexido, com a cinza e as faúlhas atiradas indiferentemente para a escuridão, e a Via Láctea a sangrar.

CAPÍTULO XI

DEUS

«Dormi num tabuado, cingiu-me uma cadeia. Vesti-me com um saco. Todos os dias arranquei de mim próprio um farrapo e um grito. Arredei tudo para ficar só contigo no mundo. Sacrifiquei-te tudo. Fiquei nu e Deus, nu e a vida eterna. Tinha o horror da lepra, vivi com os leprosos. Calquei todas as afeições inúteis, e se uma andorinha me fizesse ninho na banca, como ao frade de Assis, torcia-lhe o pescoço. Encheste-me a vida toda.

E agora a morte não existe, Deus não existe, a vida eterna não existe. Uma luzinha e depois a escuridão!

Tenho diante de mim esta força cega, este absurdo a escorrer ternura e lepra, como uma primavera escorre morte, a irromper contra tudo e apesar de tudo, de uma profundidade cada vez mais sôfrega e cada vez maior. Não quero ver e hei de por força ver!

Este inferno, a que dei vida e a melhor parte do meu ser, não existe! Tinha conseguido só te ver a ti no mundo. Com uma palavra enchi o vácuo. E este Deus por quem sacrifiquei toda uma vida e a melhor parte da vida, não existe! Foi tudo inútil. Dilacerei-me. Dei-me a mim próprio em espetáculo. Assisti a esta tortura, e tu não existias! Vivi fora de mim mesmo e de repente tive de me aceitar a mim mesmo. Toda a minha vida foi inútil! Tudo o que fiz foi inútil! Foi grotesco e inútil!

Sacrifiquei tudo a quê? Sacrifiquei o melhor da minha vida ao vácuo. Ofereci-lhe em espetáculo a minha dor. Mas então que existe? Qual a diretriz da minha vida? Qual a ilusão com que hei de encher isto? E para que hei de viver? Qual o sonho imenso capaz de substituir este sonho? Que é Deus agora? Deus é tudo e nada. É uma força. Deus é uma lei inexorável. Mas então tu que podes tudo — tu não podes nada. És uma lei — e hás de cumprir essa lei. És um destino e não podes dar um passo fora desse destino. Não vês, não ouves, não sentes. Eu sou uma insignificância e valho mais do que tu. Porque eu grito, eu sofro, eu atrevo-me. Amanhã quebro o meu destino. Tenho uma consciência. Sou ilógico

e absurdo. Debato-me. E tu, Deus, não passas de uma força cega e estúpida. Não me serves de nada.

Preciso de um Deus que me atenda, que me escute, que saiba que sofro e que me veja sofrer. Preciso de um Deus que me salve ou que me condene. Preciso de um Deus que me ampare. Preciso de uma inteligência superior à minha e em comunicação com a minha.

Um Deus-força, um Deus que não se comove com os meus gritos nem com as minhas súplicas, não me interessa. Um Deus que caminha para um fim que não atinjo, é um Deus absurdo. De que me serve este Deus? Não ouve os gritos — destrói; não sente a dor — destrói. Destrói e caminha. É inalterável. Ilude-nos. Deixa-nos um segundo diante deste espetáculo, para nos mergulhar no nada. A nossa aspiração não cabe aqui: entrevemos, sonhamos, e, a meio do caminho, talvez no início de sonho maior, destrói-nos. Pior: tem uma necessidade de sofrimento cada vez maior, de sofrimento inocente ou culpado. Revê-se na dor. Deus é cego.

Debalde grito — não há quem me ouça. Debalde sofro — ninguém o detém. Tanto faz viver como morrer. Deus, tu és

monstruoso! Destróis — caminhas. Destróis e não sentes. Vens do infinito, e atrás de ti fica um infinito de dores, uma massa de gritos e de seres espezinhados. Segues e destróis. Constróis não sei o quê de portentoso com que não posso arcar. Dessa pata monstruosa escorre sempre ternura. Não e indiferente que calques e recalques. Quanto mais espezinhas, mais gritos, mais ternura nas árvores, mais estrelas nos céus. Parece que a dor é inseparável da ternura, como a morte é inseparável da vida. — Até aqui eu tinha uma tábua a que deitar a mão. Até agora tinha um nome — agora não sei como me chamo. Agora tenho medo de mim mesmo, agora sinto-me isolado neste caos infinito, neste repelão desabalado, que me leva sem sentido e sem fim. Eu e a noite — eu e o doido! Até agora supunha-me tudo, eu e Deus, eu e a mão enorme que me conduzia e amparava. — Sofras ou não sofras, vais para a mesma cova, para o mesmo nada, para o mesmo silêncio. Antes o inferno! Antes o inferno! Tu que foste desgraçado, ou tu que foste feliz, tu que te descarnaste até à medula e tu que passaste indiferente pela desgraça — vais para a mesma cova profunda, inútil, absurda e muda. Antes o inferno, antes a dor pelos séculos dos séculos a vir, do que a mudez

e o horrível silêncio atroz! — Tudo foi indiferente, tudo foi indiferente para o monstro que passa e esmaga, que não ouve e esmaga, que não vê e esmaga. Indiferentes os teus gritos e as tuas súplicas; indiferentes a tua renúncia, a tua dor, as tuas lágrimas. Foi indiferente que fosses bom ou mau, que tentasses subir ao topo do calvário. Não existe na realidade nem vida nem morte — não há na realidade senão quimera e dor — não há na realidade senão este monstro que passa e esmaga, que caminha e esmaga.

Deus é cego! Deus é cego!

Enquanto te importaste comigo no mundo, foste o meu único pensamento e só tu me importavas no mundo. Agora não posso, agora não dou contigo. Agora não te encontro. Agora sou mais pequeno e maior. Agora meto-me medo. Que voz pode ecoar e sobressaltar esta solidão infinita, este mundo infinito, onde os gritos se não ouvem a cem passos, e tudo que chamamos amargura, dor, grandeza, se apaga logo e se reduz a zero? O meu dever já não é o mesmo dever, a minha consciência já não é a mesma consciência. Só os meus instintos se conservam de pé.

Acuso-te de teres comprometido a minha situação no universo. Acuso-te de não me deixares ser infame. Acuso-te de me dares o remorso. Acuso-te de me impedires o instinto. Acuso-te de teres transformado a vida e criado a consciência. Acuso-te de me deixares sozinho com este peso em cima, com a ideia da vida e com a ideia da morte. Acuso-te de me levares para um calvário como o teu, para me tornares grotesco, e de me colocares em frente de ideias com que não posso arcar. Acuso-te de não poder mais, e de me instigares a mais ainda. De me obrigares a olhar cara a cara o assombro que não existe; a morte que não existe; a consciência que não existe. Subverteste o mundo. Forçaste-me a criar outro mundo, a olhar para cima e a clamar no vácuo. Acuso-te de não me deixares atascar à minha vontade em lodo, de não me deixares mentir, matar, chafurdar. Acuso-te de me impelires para cima, quando a minha vontade era ir para o fundo. Acuso-te de não me deixares ser bicho.

Estou pronto para tudo. Desde que não há Deus tudo são palavras. Desde que não há outra vida, só há esta vida. Só há este minuto, esta hora presente. Sinto-me capaz de tudo.

Estive anos a rezar a uma cómoda, a falar a uma cómoda, a sofrer diante de uma cómoda. Fui grotesco! Fui grotesco e tu não vias! Fui grotesco e tu não ouvias! Fui grotesco e tu não existias!»

Resta um Santo só orgulho, um Santo só desespero. Orgulho e cólera. Fica mais seco, calcinado, maior. Não admite que o contrariem e quer ser obedecido e temido. Tem inveja das infâmias dos outros, inveja dos que se atrevem, inveja amarga como fel. «-Dói-me tudo, dói-me principalmente sentir-me grotesco! Sentir que perdi a vida e sou grotesco! Sentir que me deti e fiquei descarnado, impotente e grotesco!

Por uma palavra fui absurdo. Por uma palavra tenho atrás de mim uma arquitetura desconforme e destroços que enchem o mundo — por uma palavra e mais nada. Tu não existias!

Resta-me o bem. Mas fazer 'o bem para quê se tudo acaba ali, se não há outra vida consciente, se não tenho de responder perante ti pelos meus actos? E mesmo diante do escantilhão sôfrego, o que é o bem e o mal? A que eu tenho de obedecer é ao instinto e mais nada. Se não estás aí para

me julgar e para me ouvir, que importa fazer isto ou fazer exatamente o contrário? Só uma coisa resta: iludir os desgraçados, levá-los para uma mentira cada vez maior, para que possam suportar a vida. Não se trata do bem ou do mal, do justo ou do injusto — trata-se de mentir, de mentir sempre — de mentir cada vez mais.»

CAPÍTULO XII

NOITE E DESESPERO

Avante! Avante! Um cordão de velhas, como um cordão de sentinelas, não desampara o quarto onde a majestosa Teodora agoniza. Chove. Entre estas paredes forradas de papel dourado já não se moem as palavras de uso. Alumia-as o candeeiro a escorrer petróleo, e a luz fixa as arestas das figuras de cerimónia, todas vestidas de preto, a calva de um homem gordo, a quem só se veem as mãos esponjosas, os bicos das velhas retesas, cujas bocas remoem no escuro, a Adélia mais safada e mais sôfrega, e o padre no meio da sala dominando-os a todos. Onde vai o ridículo da D. Penarícia, as mesuras da D. Andresa, o riso idiota da D. Idalina, a langonha da D. Hermínia? Parecem forjadas de novo. Até as pregas dos vestidos caem como pregas de estátua. Cada velha resolve que a cólica da Teodora seja a sua última cólica; em cada velha cresce, aumenta, transborda, num tumulto, o inferno. Ao saque! Ao

saque! — É para mim. Eu é que sou a prima mais chegada. — Eu é que lhe tenho aturado tudo, é a mim que ela deixa os trezentos contos, os quatrocentos contos, ninguém sabe o que ela tem. Nenhuma admite que a majestosa Teodora escape. Vêm de muito longe estas figuras — vêm das profundas... Nos olhos da D. Penarícia há claridades do inferno. Ganharam todas em fixidez e audácia. O sarcasmo não me chega à boca, passou-me a vontade de rir.

Desapareceram séculos de paciência e astúcia, surgiram figuras novas. Para as compreender pergunto a mim mesmo o que é isto embrulhado num xaile, e não me atrevo a contemplá-lo. Ridículo e ferocidade? Uma coisa sem nome, produto do acaso ou uma coisa abjeta? Uma alma ou um resultado de fórmulas? Está aqui a D. Penarícia e a D. Eulália ou Deus e o Diabo? Um mundo novo e um mundo atroz? Estão aqui perguntas vivas e respostas vivas: — Abra lá essa porta para trás! — Essa porta deita para a parte proibida da vida. O mal, suspeitam-no, talvez seja a melhor parte da vida. — Abram lá essa porta para trás! — Não lhes parece que esperam há anos, parece-lhes que esperam há séculos, e tem ali diante de si estateladas, as cortesias que

fizeram à velha — o pois sim que disseram à velha — os sorrisos com que sorriram à velha — as vontades que fizeram à velha. São tragédias. Vêm de muito longe, de uma vida sem limites. Em atroz? Estou aqui perguntas vivas e respostas vivas: — Abra lá essa porta para trás! — Essa porta deita para a parte proibida da vida. O mal, suspeitam-no, talvez seja a melhor parte da vida. — Abram lá essa porta para trás! — Não lhes parece que esperam há anos, parece-lhes que esperam há séculos, e tem ali diante de si estateladas, as cortesias que fizeram à velha — o pois sim que disseram à velha — os sorrisos com que sorriram à velha — as vontades que fizeram a velha. São tragédias. Vêm de muito longe, de uma vida sem limites. Em cada uma se representa um drama atroz, o drama do interesse e do cálculo, o drama da vida. Nuas, as velhas que estão na minha frente, são infinitas de grotesco e dor. Duram há séculos. Há séculos que têm paciência para viver e para sofrer. A D. Penaricia mente desde os confins do mundo: representa gritos, mais gritos represados. É um poço donde só saem ais e mais ais. O difícil é a gente habituar-se a viver esta vida e a outra vida: carregar com este peso desde o infinito e lidar e falar e viver. — Oh morte que tão

bem cheiras!... — Bem sei, os séculos imprimiram-lhes dedadas, os séculos deformaram-nas... Mas agora estão aqui desesperos em frente de desesperos, e desatam a berrar umas às outras:

— Tem paciência, tem sempre paciência. Dói-te? Tem paciência; amargas? Tem paciência...

— Todos os dias da vida, todos os dias da minha vida à espera da morte. Estou farta! Estou farta de despejar bacios, de dizer que sim, de dizer a tudo que sim, de ser a sombra de mim mesma. Agora está aqui a vida. Esta vida e todas as vidas. É preciso que ela morra, e se não morre é preciso matá-la. Ouve senhor padre Ananias, senhor padre unguento, senhor padre e as suas comidelas, senhor padre e o seu inferno?... Mentira! Mentira! Eu própria era uma mentira. E só me aterra a ideia de acordar tarde, de acordar da morte, com a certeza de que era tudo mentira e só mentira...

Abrem as bocas desmedidas, fecham logo as bocas desmedidas.

— Bem vê que não posso mais. Eu que mentia não posso mais mentir. Como hei de viver?

Cada boca se abre no escuro como se fosse o abismo; as bocas falam por muitas bocas que não têm nada de humanas e que moem e remoem com escárnio e baba; por bocas franzidas só pele e espuma; por bocas sem dentes; por bocas ascorosas que tentam ser bocas e que escorrem veneno; por bocas que se desesperam de ser bocas, para se fazerem ouvir.

— Tem paciência, tem mais paciência, tem paciência por todos os séculos a vir...

Estão ali dispostas a morrer e a matar. Está ali um cordão de velhas como um cordão de sentinelas à porta do quarto da majestosa Teodora. Duas, ambas de quico, ambas de mitenes, ambas impenetráveis, trazem na algibeira o lenço com que hão de amarrar-lhe os queixos. Todas esperam que ela se decida a expedir. Nenhuma abre o bico, mas apalpam os vestidos como se trouxessem um punhal escondido. De um lado as gulas exasperadas, a hora extrema — chamem o tabelião! Chamem o tabelião! — O testamento, a sorte grande — enfim! Enfim! — os chapéus de plumas, o ouro

mexido e remexido, as gavetas arrombadas, as salas de tapete, o vício e o gozo — do outro a vida nova, e todas as abjeções inutilizadas.

Ó morte que tão bem cheiras, aqui me tens para te servir. Como esta casa cheira bem! Como cheira bem aqui dentro! — Ó morte que tão bem cheiras, tu diluis o travor de fel e acalmas a acidez da inveja. Resolves tudo, realizas tudo, os mais ignóbeis pensamentos, as mais secretas aspirações, que nem a Deus se confiam, ó morte que tão bem cheiras! — E calcando a alma que se atreve, dizem compungidas, por hábito secular: — Coitadinha já tem panela!…

Agora aguenta-te, majestosa Teodora! Nalguns minutos esse crânio obtuso com uma cuia em cima, tem de lutar com o crer ou não crer, com a vida antiga e a vida que antevê; tem de desfazer a unhadas um edifício mais vasto que o Coliseu e de deitar abaixo pedra a pedra todas as pedras que cimentou durante a existência; tem de se entregar ao sonho sem capacidade para o sonho; e tem, ainda por cima, de esquecer as inscrições e as décimas. Para escapar com vida, arrosta com a vida passada e com a vida futura. Tudo nele era imperativo. Decidia por uma vez:

um passo, e é o inferno pela eternidade, o inferno com o sítio imóvel, com o tormento da vista, com o tormento dos ouvidos. Escapar à morte é fugir à lei de Deus. — E de um lado puxa por ela a vida, do outro puxa por ela c inferno — e as velhas lá fora esperam e desesperam. Sente as labaredas do sítio imóvel por a eternidade das eternidades; envolve-a, toca-a, engrandece-a também o sonho, e o inferno não cessa de reclamá-la, o inferno que foi o único deus que temeu neste vale de lágrimas. E esse debate esplêndido numa alma estúpida, deixa vestígios profundos: aquelas raízes não se arrancam sem cavarem buracos. E as velhas lá fora esperam, enquanto a majestosa Teodora desata aos gritos, baloiçada — e com a cuia a desfazer-se-lhe — entre a realidade e o sonho, entre o inferno e a vida nova que começa. Mas como a estúpida vida de caldo e pão que levou antes de enriquecer, lhe deu fibra e carácter e não sei que de sólido e amargo, a velha pode salvar-se, com um resto de xaile e a cuia amolgada. A velha resiste, e ao abrir a porta exclama para o cordão das outras estupefactas:

— Atravessei viva o inferno. Agora nem do diabo tenho medo!

Estão aqui as outras velhas, as outras velhas todas, e tem-nas ali amarradas por quinhentos anos à mesma mesa de jogo, Tem ali a inveja, e a inveja esverdeada torce-se diante do olhar severo da majestosa Teodora, que lhe mata a fome. Está ali a paciência, e a paciência sorri diante da majestosa Teodora que lhe atira uma côdea. Está aqui a mesa de jogo projetada no infinito, com seres que se não podem ver e que têm de coabitar acorrentados trezentos anos, quinhentos anos, com o coração cheio de morte. Há ocasiões em que vomitam as piores injúrias; às vezes torcem-se como quem não pode mais; às vezes soltam ais sobre ais represos. — Jogo! — E a bisca segue pela eternidade fora. — Corto! — Também eu atravessei o inferno! O inferno é isto! — E a majestosa Teodora parece calcinada pelo fogo do inferno. — Bisca!

— A inveja que eu te tenho! A inveja que eu te tive sempre! E tenho que sorrir para ti, de dizer a tudo que sim!

— Jogue!

— Então eu passei a minha vida a ter paciência, à espera, passeia-a a mentir e obedecer, e tu a mandares, e agora hei de continuar a ser abjeta quinhentos anos, seiscentos anos?

— E eu! O pão que me deste amarguei-o sempre. Cada dia que passava mais me sabia a zinabre. Não te matei porque não pude!

— Corte!

— Tu não és mais do que eu!

— Ai! Também eu, também eu tenho a dizer uma coisa. É que eu sabia bem tudo isto, há que tempos que o sabia!... Mas não sei que era que me obrigava a fingir. Corto!

Salta laré, perirone, perirote! Começas enfim a compreender que tanto faz! Começas enfim a compreender que as tuas explicações, as tuas eternas explicações, as tuas teorias, e até a tua dor — tudo é grotesco e inútil? De nada te servem já as palavras, os subterfúgios, as fórmulas, ó meticuloso Elias, ó impoluto Melias — a outra coisa não nos dá tréguas. Vira-nos e revira-nos. Mete-se como piolho em costura. Estamos todos a contas com questões

insolúveis, com a questão das questões, com a questão suprema. Tudo o que estava num plano principal passou para um plano secundário. O meu direito prima sobre o teu direito... Oh agora não! Agora não servem de nada os relatórios, as razões dispostas como fórmulas algébricas. O problema está aqui hirsuto, desalinhado e feroz. Salta laré, perirone, perirote! Se ela vive mais quinhentos anos lá se vai o dinheiro por água baixo. Pior: se ela remoça lá se vai o nosso crédito na praça. Mas — pergunto — posso porventura deixá-la morrer quando está nas minhas mãos salvá-la? Não sou eu por acaso um homem de bem? Tu és um homem de bem, eu sou um homem de bem, nós somos todos homens de bem — depende das circunstâncias. O problema impõe-nos uma solução imediata... Salvá-la sim, mas por quinhentos anos!? Está claro que o Elias de Melo é a honra personificada (basta repara-lhe na risca ao meio, tão nítida, sinal visível da inflexibilidade de toda aquela existência metódica); está claro também que o Melias de Meio não pode deixar ir a sua casa por água abaixo. Os pais são pais, mas deixam de ser pais se nos dão cabo de tudo — e da firma. Por outro lado há a contar com o crédito. Pensem nisto, no crédito. O crédito pode perder-se de um

dia para o outro, e sem crédito um homem não vale nada na praça. Meditem e atendam. Acima de tudo está o crédito. Está talvez acima de Deus, ainda que a minha consciência seja religiosa. Sem Deus ainda posso viver, sem crédito não dou um passo na vida.

— Além da firma que nos resta na vida? Fora da praça não existimos. Pense que logo, amanhã, hoje mesmo, a nossa mãe remoçada deixa de ser a nossa mãe. Que quer o mano fazer? Que pode o mano fazer? Destruir por suas próprias mãos o nosso crédito na praça?

Um defronte do outro abanam as respeitáveis cabeças, com calva e risca, com risca e calva, aquela distinção de porte e de vinco, aquela ponderação de estilo, aquela correção de maneiras, aquela seriedade das seriedades, que a praça honra, que as firmas honram, que a Igreja honra, e de que até o próprio Deus do céu já está à espera com o pálio meio aberto. A firma Elias & Melias tão correta, com livros, ripolin nos caixilhos e nas almas, vê-se descascada até à medula e treme nos seus fundamentos. Está encalacrada. E o pior é que não são só eles que estão encalacrados,

estamos todos encalacrados. Na verdade o que importa não é o que tu me dizes: é o que eu digo a mim mesmo...

Pela primeira vez se exteriorizam no mundo não só as palavras que pronunciamos, mas as outras que estão por trás dessas palavras. Isto, é terrível: é gaguez e espanto. Um deles ainda tenta: — Nossa venerável mãe, nosso guia, nosso amparo e farol... Mas acrescenta logo: — Deixemo-nos de palavreado! — O que tem de dizer um ao outro é temeroso. Não se atrevem. Ó Rinhe como tu rinhes com dor, com desespero, numa forma pastosa, a que se misturam já palavras vivas, em lugar das frases dos relatórios e dos bancos! Decerto te sentes bem no pegajoso, mas por trás não te dá tréguas o impulso. Nenhum ainda avança: — Temos de a deixar morrer... — Mas já eles, e nós também sabemos que temos de a deixar morrer, por todos os princípios e mais um. Veneramo-la, é certo, dentro de determinadas bases — com risca e vinco, com vinco e risca — dentro da lógica, dentro do interesse: venero-te, mas não me dês cabo da firma. E esta luta entre a langonha e o impulso é dolorosa e grotesca.

— Enfim, digamos tudo, nós somos homens... Se lhe damos o remédio é uma rapariga de vinte anos, com todos os apetites e todos os perigos, é uma pessoa estranha que nos pode comer tudo. Nossa mãe morreu.

— Infelizmente morreu.

— É uma pessoa estranha, é uma pessoa que pode dar cabo da nossa casa, é uma pessoa que pode até contrair segundo matrimónio. E num grito:

— Se quer deixe-a viver! Deixe-a viver!...

— É o diabo, mas nem eu nem o mano devemos sobrecarregar as nossas consciências.

— Por isso mandei chamar o Félix procurador, que nos pode mostrar o caminho direito e reto. É nosso amigo e muito temente a Deus. Aí o tem...

E a outra em baixo berra:

— Chamem os meus filhos! Acudam!

Agora não, D. Biblioteca das Bibliotecas, já preparada com todos os requisitos e unguentos para o horror do nada! Agora não! Já tentaram desligar-te da vida com as palavras

untuosas do rito e promessas de outra vida melhor. Que te resta? A vida eterna. Poço para a vida eterna! O que tu queres é esta vida, esta insignificância e estes restos — e está aqui a morte inexorável. Tanta saudade! Tanto apego! Tudo te dói e do fundo dessa miséria e dessa pele engelhada vem um gemido baixinho diante da figura tremenda que não sai de ao pé de ti... O carne putrefacta, como tu te apegas a um resquício de esperança, a um só que seja! O que te custa a largar o brasão na fralda da camisa, o postiço de toda a tua existência inútil, o alto da lista de subscritores — três tostões, seis tostões, um quartinho! Gastas-te, desgastas-te o que em ti havia de ímpeto e de vida. Recalcaste. Esqueceste. Por fora a gente envelhece depressa. Por dentro custa muito desespero. Vem as horas de melancolia estúpida em que sentimos fugir a vida. Por força. Para a velhice, para a cova. E vem depois as lágrimas e as lágrimas cavam-nos mais fundo. E quando tudo enfim se preparava, quando tudo amolecia, surge-te a visão de uma nova existência! Acordam as ilusões já mortas, o pó põe-se de pé e cheira-lhe outra vez a vida — ó carne fedorenta, ó carne já preparada para o mausoléu, com a gaveta aberta, latim e água benta, dois invólucros,

um de mogno, outro de chumbo, e o picheleiro à espera! E é nesta hora tremenda em que dás de cara com a vida postiça, em que reconheces que toda a tua vida foi um simulacro, com brasão na fralda da camisa — que não te deixam recomeçar nova vida. Tens de teu uma hora, meia hora, para olhares com outros olhos as coisas extraordinárias que te pareceram insignificantes, as coisas insignificantes que te pareceram consideráveis. Foste postiça e os outros pagam-te na mesma moeda. Até os teus filhos te pagam postiço com postiço, caridade com caridade. O carne fedorenta, ó carne já preparada e ensacada para a cova, ó ascorosa carne putrefacta como estremeces até aos mais recônditos fundamentos! Vem-te um cheiro aos narizes e um sabor à boca… Sobressalta-se a carne acalmada à força, com muitos ais, muita resignação, tanto de despeito, tanto de lágrimas e todos os requisitos indispensáveis, quando já não aguenta ripolin nem as tintas dão resultado... Hein filha, hein? Nova vida, novos dentes, nova carne, novo engodo!… E ai os tens sem piedade na tua frente, inexoráveis como o destino. Agora não Elias & Melias, agora não D. Biblioteca das Bibliotecas, aqui estais

frente a frente com a realidade e a morte. Salta laré, perirone, perirote!

— Não quero morrer! Não me deixem morrer! Chamem os meus filhos, chamem toda a gente. Não me deixem morrer!

Todos os apetites, todas as sensações que pareciam extintas, assobiam como víboras. Horas antes de morrer ainda essa mulher está tão intacta por dentro como aos vinte anos. Ninguém a pode conter. Quer saltar pela cama fora.

— Chamem os meus filhos! Chamem os meus filhos!

Os filhos tentam dissuadi-la. Aquilo não passa de uma estúpida invenção. Resultado — zero.

— Deixem-me ao menos experimentar.

— Chamem o D. Prior, chamem o D. Prior que lhe traga os Santíssimos Óleos.

— Os meus filhos! Os meus filhos!

Enquanto o D. Prior não chega, os filhos discutem, o respeitável Elias de Melo, o escrupuloso Melias de Melo. E

em baixo sempre o mesmo grito:

— Os meus filhos! Os meus filhos!

Um deles lívido exclama:

— Isto é um escândalo. Pode ouvir-se lá fora.

E o outro repete:

— Já mandei chamar o Félix procurador para nos aconselhar.

Reclamam-no, porque já sabem que o conselho que lhes vai dar é conforme aos seus interesses. Ambos precisam de alguém com quem dividir as responsabilidades.

O grito em baixo não cessa:

— Dêem-me o remédio! Dêem-me o remédio! Acudam-me!

— Sim — mastiga um deles que tem palavreado até à medula — se o mano quer dá-se-lhe o remédio. Mas, já sabe, é contra os nossos princípios, é contra a lei de Deus em que fomos criados. A nossa casa é uma casa respeitável. E depois mano, que escândalo! Nenhum de nós quer que a nossa mãe morra...

Esta manhã! O que o Félix procurador com setenta anos, tem ouvido, sempre indiferente, sempre calado, sempre respeitoso — V. Exa., Exmo. Senhor... Os segredos de todas as casas ricas, os interesses, os testamentos, as mortes, os cercos ao dinheiro alheio, tudo consta do papel armazenado por datas no escritório, cheio de escarros e de pó, com uma pintura alegórica de Marte no teto. Fala pouco, sorri. É calado como um túmulo. Está rico — está aqui está morto. E todas as infâmias têm passado por ele, entranhando-lhe até à alma a mesma poeira que alastra sobre a papelada escrupulosa, com selos de Estado, do seu escritório. Olha-os e sabe logo o que há de dizer:

— Os Exmos Senhores sabem a minha opinião. Uma casa respeitável não pode estar à mercê de um charlatão. Vou falar à Exma. Senhora. E mandem já chamar os socorros da nossa santa religião.

Mas a Ex ma Senhora nem o quer ouvir. O que ela exprime por palavras, pelo olhar, pelos gestos, é a ânsia de viver.

— Não, não. Tirem-me para lá esse homem, O que eu quero é viver.

Vê no último desespero aquela face estúpida dizer-lhe coisas grotescas:

— O minha senhora cheguemo-nos à razão. Seja razoável.

— Quero viver.

— Temos em primeiro lugar a Igreja. Apelo para os seus sentimentos religiosos, que os teve sempre, e diante dos quais me curvo respeitosamente. Apelo...

— Quero viver!

— Segundo lembro a V. Exa. que tem sido até agora mãe extremosa dos seus filhos. Se volta aos vinte anos, pergunto respeitosamente a V. Exa., Exma. Senhora, que é que V. Exa. é aos seus filhos?

— Quero viver!

— Perdão minha senhora! Esta fortuna tão bem administrada pelo casal de que tenho sido bastante procurador a que mãos irá enfim parar? Peço-lhe que reflita. Peço-lhe que se submeta. Lembro-lhe que estão ali fora seus respeitáveis filhos subjugados pela dor, lembro-

lhe a sociedade, e atrevo-me a lembrar-lhe que não tarda aí o D. Prior.

Um fio, falta só um fio, e ainda aquela figura grotesca se debruça para lhe dizer: — V. Exa....

— O minha senhora, uma pessoa tão religiosa, uma pessoa que sempre se conduziu segundo os ditames da Santa Madre Igreja... Não tarda aí o D. Prior.

— Acudam-me! Acudam-me! Quero viver e vocês querem-me matar. Dou-lhes tudo e deixem-me viver. O que eu quero é viver!

— Fechem as portas.

— E eu grito que me querem matar. Os meus filhos é que me querem matar. E súplicas, gemidos: — E a vida é tão linda!

— Eu não posso ouvir isto! — diz o severo, o honrado Melias de Melo, com a calva arrepiada. O que ele não pode na realidade ouvir são os gritos que chegam à rua. Só esses.

— Fechem as portas! Fechem as janelas! Fechem tudo!

Tem forças para saltar da cama, para se arrastar ate a porta, e toda a noite no casarão ecoam gritos.

— Não quero morrer! Não quero morrer!

Os dois sucumbem e tapam os ouvidos, fechados no sótão, com o procurador ao lado dizendo frases, mais frases — que têm o selo do Estado, o cunho da regra, e vêm no Diário do Governo. Pouco e pouco, a medida que os gritos decrescem, vão-se aproximando da porta, atraídos, arrastados, até que cessam de todo. Morreu — custou-lhe.

— Está no céu — conclui com decisão o procurador. — E metem-na na cama.

Foi um dos últimos enterros da vila e dos mais concorridos pelas pessoas de bem. Custou a arrancar os filhos de cima do caixão. Acompanhamo-los na sua dor.

Alguns suicídios, dois ou três envenenamentos. E a estas, a outras cenas, juntem a voz do Santo, que ecoa do alto dos montes como a voz de um profeta. A vila bate o queixo de terror. O Santo saiu para a rua e prega à canalha. Era um tipo orgulhoso da sua humildade. — Talvez ser santo seja

ter orgulho às avessas. Cheirou as velhas, sacudiu as velhas e atirou com as velhas para a rua.

Desprezou tudo — inveja tudo. Sente uma inveja sórdida. Perdeu a vida em simulacros — agarra-se com desespero à vida. Suponham que este homem ainda pela manhã saiu de casa com as fórmulas bem escovadas; suponham que, depois de dar cara a cara com todas as interrogações e todas as dúvidas ao mesmo tempo e à mesma hora, se vê bicho em frente de bichos, que crer e deixar de crer tudo se realizou no mesmo instante, e que a sua figura é rodeada até ao infinito da sua própria figura, olhando-o no fundo dos olhos e até ao fundo da alma. Tudo o que desprezou, tudo o que calcou, tudo o que arredou, é que era a vida; tudo para que viveu, tudo para o que gritou, tudo para o que sofreu, não existe. Mais rancor e inveja... A esse homem quezilento passou-lhe a necessidade de ter uma corte de idiotas. Organiza a espionagem. Sabe pelas criadas tudo o que se passa nas casas. Cata todas as consciências. Uma enxerga basta-lhe, chega-lhe um pedaço de pão, contanto que o temam e domine. Não se dá um passo na vila que não lhe chegue aos ouvidos: os vícios, os grotescos, as infâmias,

sabe tudo. É um ouvido à escuta. E essa inquisição, essa espionagem, alvoroça a vila que não dorme. Até agora sabia-se tudo — calava-se tudo. Por um acordo tácito uma parte da nossa vida era reservada. e secreta. Quando muito contava-se de ouvido para ouvido. Agora os segredos das alcovas, os escândalos, as torpezas, os adultérios, são clamados de noite, do alto dos montes, sobre os telhados da vila. O som cavo, transmitido por buzinas, ecoa e prolonga-se como a voz da catástrofe. — Fulano dorme com Fulana. Escândalo. — Sicrano roubou os tutelados. Infâmia. — Tem cuidado com a tua mulher... Grotesco. A vila não dorme, a vila agacha-se passada de terror, cada um à espera da sua vez. Debalde tapa os ouvidos. As Tinocas já reduziram três quintas a numerário, há três dias que as Peixotos têm a prata enterrada na adega com medo a um saque.

* * *

13 de Maio

Lá vai a Teles, e a D. Restituta — lá vai a mulher da esfrega empurrando o farrapo monstruoso que se agita na noite... A sombra e a mulher da esfrega, o espanto e a mulher da esfrega, o sonho dourado de grandes asas esfarrapadas no negrume e as mãos encortiçadas de lavar a loiça, a vida frenética e a vida humilde. Uma boca enorme de um lado, a voz da Joana do outro, sentimentos caóticos impossíveis de traduzir em palavras, o que exprime a natureza impulsiva, o que responde uma criatura agarrada à ideia do sacrifício. — Anda para diante. Estúpida! Estúpida! A bondade entranhou-se-lhe até ao âmago.

Caminha ao lado da D. Restituta, que atravessou a vida com o guarda-chuva incólume e que faz gestos desordenados no escuro:

— Acuso! Acuso! Acuso!

— Senhora D. Restituta...

A senhora D. Restituta está cheia de lama. Tem a pena do quico partida: é uma figura feita com três traços de tinta e algumas manchas de desespero. O sonho doura-a, esfarrapa-a também. A pena em frangalhos agita-se como

um pendão de revolta, esgarçado e chamuscado. Todas as vontades a compeliram e a esmagaram — quer retomar a forma primitiva. Dir-se-ia que cresce na noite, e que a sua boca é uma bocarra cada vez maior, para pregar, para açular, para vomitar injúrias. Somente não emite outro som senão este: — Acuso! — a velha gasta, a velha inútil, a D. Restituta da Piedade Sardinha.

— Senhora D. Restituta...

A outra não vê, não ouve, não mexe.

— Minha senhora...

— Acuso!

— ...para o que se vive neste mundo não paga a pena ruindades.

Debalde a Joana lhe fala. Resta diante do sonho com a mandíbula despegada e o velho guarda-chuva que conserva intacto desde a sua primeira virgindade — teve duas — metido debaixo do braço. Nem uma nem outra entendem aquilo. Uma empurra, afasta de si o sonho com as mãos de lavar a loiça, a outra com as mãos pacientes, as mãos diáfanas da mentira. Tem feito sempre todas as vontades, e

se a figura um momento se engrandece, amarfanha-se logo, como um trapo suspenso que se deixa cair ao chão.

— Acuso! Acuso! Acuso! Um repelão — mete para dentro! Uma vergonha mete pró saco! Desprezo, escrúpulo, fome — mete tudo pró saco! Para um saco sem fundo. Passei tudo, passei mortes para o poder criar e nunca pude dizer que tinha um filho. Para o criar, para o poder criar nunca pude ver o meu filho. Meti tudo pró saco, sem poder abrir bico, senão matavam-me à fome... E nunca pude ver o meu filho, senão matavam-me à fome. Criei-o longe para o poder criar, criei-o como pude, de vergonha, de restos de côdeas, de dizer a tudo que sim. E este filho! Este filho que nunca pude ver, vi-o agora! Este filho que criei de mentira, este filho que criei de abjeção, sem nunca o poder ver, vi-o agora! Este filho que tinha sonhado às escondidas, com a boca tapada para não gritar: Tenho um filho, também tenho um filho! — Vi-o! Vi-o! Vi-o! Meti tudo pró saco! Meti o diabo no saco! Só a noite me ficava livre para sonhar com ele, para o ver rico, para o ver como os filhos das outras... Aqui está a Restituta que é idiota, aqui está a Restituta que é um poço sem fundo. Diante dela pode dizer-se tudo, a

Restituta serve para tudo, a Restituta mete tudo para o saco. Cala-se que é o que lhe vale — mete a viola no saco. Só a Restituta sabe o que se passa, o que esta no prego e o que está no fundo das almas. Calei tudo, disse a tudo que sim para o poder criar. Mete pró saco! Mete tudo pró saco! Mete a viola no saco! E num crescendo de desespero: — Acuso! Acuso! Acuso!

Debate-se numa cogitação a que não suporta o peso. É como se pela primeira vez desse com a vida e quisesse atalhar a vida. Tudo para a Joana muda também de expressão: a desgraça muda de expressão, a filha muda de expressão. E o sonho envolve-a, deforma-a, besunta-a. Sente-se-lhe o ranger dos gorgomilos.

A dor descarna-a e redu-la às linhas principais, à seca realidade. Um ulular de tempestade, e tudo quieto. Nunca o côncavo se concentrou em maior serenidade. Gritos, um desabar monstruoso, e este ser abjeto, que, como uma coisa que andou a rasto por todos os sítios suspeitos, não tem forma nem cor: tem cheiro, e dois olhos de tanto pasmo que fazem aflição. Desapareceu tudo: ficou a velha, ficou a desgraça aos tropeções pela vida fora.

É como se tivessem metido a dor dentro de um saco e dessem com ele pelas paredes.

Aqui estão a mulher da esfrega e a desgraça que tem os seus direitos e não os perde nem transige. Não a larga também o sonho. Agora é que ela destinge todo o dourado e toda a água de lavar a loiça. Agora é que ela ouve uma boca enorme falar no escuro, e queda-se atónita e confusa feita trapo e horror.

— Para que é que vossemecê me criou?

Um soluço, um ranger de árvore que se deita abaixo, um estalido de cruz que não suporta o peso.

— Antes vossemecê me tivesse esganado ao parir. O que eu tenho chorado!

— Anh!...

— Olhe para mim! Olhe para mim!

É um ser diferente, um ser à parte, que a Joana vê pela primeira vez. Como pôde criá-lo aos seus peitos? Criar vida é criar um grito que não se extingue? Que nunca mais se cala? Sempre o mesmo grito: — Para o que tu me criaste!

Para o que tu me criaste! Juntem a isto o escárnio e todas as vozes que lhe pregam: — Estúpida! Estúpida! Toda a gente se ri de ti!

— Andou nas mãos dos ladrões. — Rouba! Rouba!... E aperta nas mãos uma chave, um pedaço de ferro gasto e polido como o aço, que entranha na pele, para que lha não tirem. Um gemido luta com uma risada e tenta subir mais alto, cada vez mais alto... Juntem a isto que a Joana quer ser má e não pode, e misturem a isto humildade. Aqueceu a vida a bafo. Incutiram-lhe para sempre a subordinação, só lá tem dentro ternura. Faz o gesto de quem tenta abrir uma porta; quer levantar a cabeça, mas tanto tem obedecido que curva logo a cabeça. Ridículo sobre ridículo.

Agora vejo a figura, vejo-a agora completa. Pouco e pouco tomou relevo, tornou-se humana. Sumiu-se a velha tonta, caldeou-a a desgraça. À força de gritos represados obsidia-me. Engrandece-a a mentira e a dor. E aquilo persegue-a, encarniça-se sobre a velha trôpega, num espetáculo ao mesmo tempo desmedido e reles. A velha de um lado, do outro a grande sombra trágica que subverteu o mundo; o escantilhão sôfrego, e o gesto que a mulher da esfrega faz

para o afastar de si. Ao mesmo tempo a alma dorida, a ternura que a não larga, e o contacto feroz que não explica e a que sente o peso. Atormenta-a, sufoca-a, e como não pode mais, como não compreende — não consegue — e como aquilo se encarniça, a Joana mostra-lhe as mãos enormes, as mãos roídas, as mãos só dor...

Tem as mãos como cepos.

* * *

31 de Maio

Donde emerge esta figura encharcada de lama, menos a sombrinha, que, apesar da dor, conseguiu atravessar incólume todos os solavancos? A que se atreve depois de ver o filho? Cheguei a ter a visão nítida da montanha de pó acumulada sobre ela, e do desespero imenso para a romper.

Sabe tudo, vai dizer tudo. Tem ali as cautelas do prego e a malinha de mão onde levava escondidos, a enterrar, os fetos da D. Engrácia; só ela pode desvendar os vícios

ocultos e o sítio onde a D. Biblioteca tinha a sua fístula. Conhece as misérias e os segredos das famílias corretas. Vai enfim dizer tudo, quando lhe surge o filho que não via há anos. Ei-lo criado de orgulho e de côdeas. Submete-se logo, mais coçada e mais gasta, diante daquela obra-prima real e tangível. — Pois sim, pois sim... — Aí tens tu o teu sonho alimentado de côdeas e transformado em realidade. Aí está patente o sonho que sonhaste com inveja, o sonho que sonhaste com fel, aos ais, com a boca tapada, o sonho feito de farrapos, que ocultaste de toda a gente para poder viver. Aí está patente, à luz do sol, como os sonhos dos outros, de ambição e de império, o sonho que ninguém viu sonhar, e que sustentaste à custa da tua própria alma — ó Restituta da Piedade Sardinha!

...-Sejamos lógicos mãe — diz ele — na vida é preciso ser lógico. A mãe criou-me escondido, eu, por meu lado, disse sempre que não tinha mãe. Não hei de agora que vou casar apresentá-la: — «Aqui está a minha mãe que me criou de esmolas, que me criou escondido».

— Tens razão, filho.

— É que eu sou lógico. Eu agora não hei de dizer que sou seu filho. Estrago tudo, deito tudo a perder, se apareço com uma mãe que nunca foi minha mãe.

— Tens razão.

— O que é preciso é que a mãe desapareça. O que é preciso é que a mãe, que tem sido lógica deixando-me fazer carreira, não estrague agora tudo. Sem mãe caso rico. Caso com a filha do conselheiro Barata. Até agora podia' escondê-la, minha mãe, agora é impossível. Quem soube sacrificar-se para me engrandecer, deve continuar a sacrificar-se. Não lhe peço mais nada: desapareça.

— Desapareço.

— Oh minha mãe, entendamos. Eu não a repilo. Respeito-a até. Quem me dera andar a passear consigo, mostrá-la a toda a gente, ir consigo ao Paço! Mas se não caso, fico pobre toda a minha vida e ninguém faz caso de mim. Desprezam-me. Não entro na política. Se me queria pobre a seu lado, tivesse-me sempre a seu lado.

— Tens razão.

— É o último sacrifício que lhe peço. Quem se tem sacrificado tanto, tem obrigação de se sacrificar mais uma vez. Criou-me, não lhe exijo mais nada.

— Tens razão, filho.

Ela própria tem por aquela obra monumental de egoísmo, o respeito que teve sempre por as pessoas consideráveis. Está ali na sua frente de chapéu lustroso e luvas esticadas. Acrescentem a isto amor. Levou anos a criá-lo escondido, e revê-se embevecida nos cartões em que ele assina Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). De resto não lhe custa nada desaparecer. Não lhe custa mesmo nada. É mais uma ordem a cumprir. Obedece. Obedece, como obedeceu sempre à D. Hermengarda, à D. Teodora, à D. Hermínia, como obedeceu a todas as pessoas ricas e de consideração, como obedeceu à vida que fez dela um trapo. Apenas um minuto e esse minuto chega. Um minuto e mais nada. Nesse minuto a figura contraída reconhece a figura de trapos e de restos. Nesse único minuto de dúvida a D. Restituta vive mil anos e um dia e concentra-se em horror e desespero. É o minuto supremo em que a velha Pois Sim se sente arrastada ao céu e ao inferno, ouve vozes que falam

ao mesmo tempo, e ela mesmo pronuncia palavras que nunca ousou pronunciar, nem mesmo no recanto mais obscuro da sua alma. — Vi-o! Vi-o! Vi-o! — Salta laré, perirone perirote!... A sacudidela de revolta extingue-se, sai da luta exausta, com todo o peso da montanha em cima, diminuída, reduzida outra vez a pois sim... Esses minutos que passou só e contemplando a ruína de toda a sua vida foram amargos como fel. — Mete o diabo no saco! — Tão cansada e tão gasta que nem as feições lhe reconheço; tão amarga e tão ridícula, tão pois sim, que da D. Restituta só resta uma expressão de dor, de dor mutilada a dizer que sim, sempre que sim — a dizer a tudo que sim.

Depõe a sombrinha imaculada no sítio do costume, aberta para a poupar, e, depois de lhe limpar com extremos de cuidado uma nódoa na ponteira, senta-se à mesa e escreve:

«Últimos conselhos de uma mãe a seu filho. — Filho, fui eu que te criei. Sustentei-te de restos, de pobreza, de humildade. Só pensei em ti: tens, portanto, obrigação de ouvir os últimos conselhos que te dou. Olha que és o meu filho, o filho que criei de dia, de noite, de fome, de obediência e de sonho amargo. Criei-te para que pudesses

um dia pertencer às classes elevadas. Por isso sofri, para isso sonhei, para isso desapareço, agora que cumpri o meu destino.

Filho: mente. Às pessoas ricas é preciso mentir sempre e dizer sempre que sim. Deve-se-lhes consideração, deve-se-lhes obediência. Nunca te ligues com os pobres. Para pobres bastamos nós. A pobreza pega-se, não há nada no mundo pior que a pobreza. Tem cuidado com a língua. Pela boca morre o peixe. Nunca digas o que sentes: o que a gente sente é sempre urna inconveniência. Há pessoas que dizem: — Eu gosto que me contradigam. — Foge delas como o Diabo da cruz. O que toda a gente quer é que os outros sejam da sua opinião. Só os ricos têm direito de contradizer os pobres. Um pobre não deve ter opinião. Guarda as conveniências, acima de tudo guarda as conveniências.

O mundo antigo tinha muito de bom; sabendo-se ser agradável arranjava-se lá um cantinho. A morte é indispensável para as pessoas herdarem, e para nos dias de luto se desanojarem os ricos. Foge do pecado. Sê religioso e temente a Deus. Nunca digas mal de ninguém. E habitua-

te filho, habitua-te que é o grande segredo da vida. Habitua-te a cumprir os teus deveres para com a sociedade. O dever acima de tudo, o dever de te subordinares para que te não queiram mal. Não te esqueças também dos pequenos deveres de cortesia. Não te esqueças de que no dia 21 de Julho faz anos o teu padrinho, nem de deixares cartões de visita às pessoas respeitáveis. Há-as que fingem que não reparam nessas coisas. São as piores, são as que reparam mais. Respeita. Respeita a lei, os superiores, a Igreja, os ricos. Num caso grave da tua vida chega-te ao pé do conselheiro Pimenta e diz-lhe com humildade: — Eu sou filho da Restituta que era prima de V. Exa. — E mais nada. Não sejas causa de desordem nem de escândalo. Fala baixinho, e mente, filho, mentir não custa nada. Nunca digas a verdade porque pode vir a saber-se. Deus nos livre da verdade. Mente para seres agradável aos outros e a ti mesmo. E sobretudo, repito-te, diz sempre que sim. Não custa nada dizer que sim, dizer a tudo que sim, dizer sempre que sim. Tua mãe, Restituta da Piedade Sardinha.»

Baloiça ao vento, a uma réstia de luar, pendurado numa corda, o cadáver da D. Restituta, que parece dizer pela

última vez que sim — para que o filho possa casar com a filha do conselheiro Barata. Baloiça ao vento num sexto andar — esquerdo. Morre ignorada e desconhecida quem toda a vida viveu de côdeas, para lhe assegurar o futuro e a assinatura com brasão e elmo, Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). Da mão crispada ninguém lhe arranca a fotografia de quando ele era pequeno, com o fardamento da Escola Académica, como um guarda-portão em miniatura. A sombrinha lá está aberta ao lado da cama, por causa da humidade, e pela janela, aberta sobre o luar, vêem-se os montes onde o Santo colérico não cessa de latir injúrias sobre a vila agachada de terror.

CAPÍTULO XIII

NOVAS MÁXIMAS

Se Deus não existe e a outra vida não existe — se disponho só desta vida, os deveres que tenho a cumprir são apenas os do instinto. Só tenho deveres enquanto não me pesam. Não te deixes iludir.

Era sempre com secreta irritação que eu fazia o bem. O bem contraria. Fugi sempre a este problema... Era sempre num impulso de paixão — e com todo o meu ser, que eu fazia o mal. O sacrifício, a piedade, a bondade só têm lugar no mundo como culturas artificiais.

Repete isto: a bondade é um sentimento falso e o mais artificial de todos os sentimentos.

O mal é uma prova de saúde. Até o povo diz que os bons são os que Deus leva primeiro.

Ah sim, a ironia... Há de te servir agora de muito a ironia!

O dever acabou, o estúpido dever, o dever que me dominava a vida com um peso de chumbo, o dever de fazer todos os dias as mesmas coisas inúteis. Respiro.

Sim, a amizade... Falemos aqui baixinho um com o outro. Essa amizade era o meu interesse ou o teu interesse. Dominavas-me ou dominava-te. Passei anos sob esse jugo, e agora descubro com alegria que te detesto. Detestei-te sempre.

Odeio-te porque vales mais do que eu; odeio-te porque podes mais do que eu.

Assistir à ruína dos nossos amigos é talvez melhor do que assistir à ruína dos nossos inimigos.

Agora Deus é um deus amorfo e prestável. Cada um faz dele o que quer: está por tudo. É um deus cómodo. Para os pobres é necessário inventar outro deus, um deus que não tenha onde cair morto e que lhes prometa, como compensação, o outro mundo: «É mais fácil um camelo entrar pelo fundo de uma agulha que um rico no reino dos céus», etc.

Eu sou a única consciência nesta barafunda cega e sôfrega.

Há que tempos que eu sabia que tu não existias. Restava-me certo medo, não sei que receio indefinido e vago. Esse pudor desapareceu.

O adultério é uma questão de teatro.

Acaba de tirar a máscara. Arranca de vez a máscara... A mulher honesta só tem deveres a cumprir; a outra atirou com o fardo pela borda fora e afronta-a. Põe-nos à vontade. Com ela avançamos e regressamos: é a besta e a mulher de luxo. Até agora a ideia religiosa constrangia a mulher dentro do que chamamos os seus deveres. Só a mulher cristã pode lutar com o instinto e vencê-lo... Sê lógico e prático: para maior comodidade exige para ti a liberdade de consciência e mantém-na a ela dentro de ideias absurdas.

Temos de fabricar novas leis. As que estão já não têm serventia: falta-lhes consistência. Uma lei só tem ação interior enquanto é religiosa. Já há muito que ninguém acredita nas leis, mantemo-las como defesa da sociedade. Ah, mas então acabemos de vez com a hipocrisia... Façamos leis para as classes superiores, e leis para as classes inferiores — leis para os pobres e leis para os ricos. As leis

modificam-se com as consciências, e as consciências modificaram-se.

Roubar já se não chama roubar. Este homem que comanda uma frota da Baía a Tunis, é um financeiro e um poeta. Faz a fome e a fartura. Arruína um povo — e enriquece. Uma revolução, dois, três navios vão pelos ares... Mais negócio, melhor negócio. Este médico, este advogado, este honrado comerciante, exploram-te. Enriquecem. Desçamos na escala: ali à esquina levam-te a carteira com uma nota de dez mil réis. A isto é que se chama roubar.

Não percas a consideração. É o que ninguém te perdoa. Conserva as aparências. É o que exigem de nós. Respeita a fórmula. A fórmula é o principal.

Não hesitemos em modificar a educação. Tudo o que fizermos noutro sentido é perigoso. Pobres educam-se como pobres, ricos educam-se como ricos. Formemos classes — as de cima e as de baixo. O problema da educação é um problema capital.

O corpo médico também evolucionou. A sua grande missão consiste em matar, em suprimir os sifilíticos, os paranoicos,

os tuberculosos, todos os que constituem um perigo para a humanidade futura.

O futuro há de dividir a história em três períodos: o dos senhores; o da Igreja que manteve os desgraçados na subordinação, prometendo-lhes o reino dos céus; o dos escravos...

O amor é um único minuto. Um minuto esplêndido. O resto é hábito, palavras, hesitações, trampolinice, livros de capa amarela...

O super-homem refastelou-se enfim na vida. É um tipo louro, eloquente e perspicaz. (As pessoas honestas conhecem-se logo pela falta de ironia e pelo coçado...) Tem diante de si séculos de existência — e aborrece-se. Tal horror ao nada que — para viver ainda mais — alimenta-se de côdeas. Todo o esforço lhe parece vão, tudo lhe parece falho de nexo: só os charlatães têm ainda algum domínio sobre ele. Imponentes criados de farda servem-lhe dois pedaços de pão na baixela armoriada: come-os devagarinho — e, para não pensar, para não cismar, toda a noite lê romances de Gaborieu, onde o mesmo polícia persegue o

mesmo gatuno, onde o mesmo gatuno foge sempre ao mesmo polícia.

A vida modifica-se noutro sentido. Falta ternura ao mundo. Acabou a piedade que provinha de nos sentirmos transitórios e o egoísmo redobra. Os ouvidos cerraram-se de todo à desgraça. A base da existência é um cálculo. As manias engrandeceram. Acabou o amor, e a mulher é um mero animal de presa. O drama do trapo assume proporções de tragédia. Sobre as tábuas e os muros só se leem cartazes de unguentos, pílulas, remédios secretos ou máquinas de escrever. Todas as florestas se converteram enfim em papéis, jornais, Séculos; todas as aves do céu em chapéus de mulher.

Muitos prefeririam voltar para trás, para a toca cómoda da mentira e do hábito, a que à força de uso desgastaram as arestas. Não podem. Olham direitos para o sonho. Estavam habituados a tirá-lo de longe a longe, a medo e a furto, de um fundo recôndito, para só viverem nesse instante supremo. Agora expõem-no ao sol. Outros tinham acabado por suportar o que se chama a felicidade conjugal, o hábito de se dizerem ano atrás de ano as mesmas ninharias, no

relento suspeito da mesma cama, e de se adaptarem tolerando-se. Alguns chegavam a julgar-se felizes... Atiram-se a infâmia, o deboche, o tédio e o nojo, como farrapos que de si próprios arrancassem, e partem cada um para seu lado, livres e fartos de mentira.

Na pequena vila já havia, como em todas as almas, um Robespierre, um cadafalso, um Shylock interior, ódios, ganância e uma serigaita a cantar. O quinhão é igual para todos — o que pode é estar sepultado. A questão era de proporções: os valores já não estão na mesma escala. Desapareceu o ridículo. Pensem nisto: desapareceu o ridículo.

Tu lutas contra esta figura que dentro de ti te impele; — tu queres fugir de ti próprio, queres separar-te de ti mesmo, e não podes. Só consegues, à custa de esforços desesperados, manteres-te dentro da fórmula ou da máscara que escolheste, e arredar o crime e a loucura, e fingir e sorrir; tu pudeste iludir o fantasma, seguindo pelo caminho trilhado. Iludiste os outros e a ti próprio te iludiste. Agora não. Agora sentes-te capaz de tudo. As grandes sombras que se entravaram a vida, ei-las reduzidas

a dois punhados de cinza. Valia a pena a luta? O homem é sempre a mesma lama, os mesmos despeitos e os mesmos rancores, com resquícios de oiro à mistura. O que pode fazer é dominá-los. Mas sai sempre da luta esfarrapado e perguntando a si mesmo baixinho: — Valeu a pena? Valeu a pena? Depois que se venceu que lhe resta? Ele e o vácuo, ele e a saudade da lama que fazia parte integrante do seu ser. Ficou diminuído. A escuma também tem os seus direitos. Tudo se lhe afigura agora sob novo aspeto, e surpreende-se a rir de si mesmo. Bem vês a insignificância tem de durar mil anos, a vulgaridade e a ternura têm séculos diante de si, de forma que tanto vale a ternura como a vulgaridade, tanto me pesa uma como a outra. Abafo. Tenho de durar mil anos, tenho de durar dois mil anos, tenho estas coisas diante de mim hoje, amanhã, sempre. É escusado lutar. Enquanto era a razão que me guiava, andava às apalpadelas: agora é o inconsciente e cessaram de todo as dúvidas.

* * *

23 de Junho.

Todos nós pelo pensamento somos capazes de hecatombes. Detinha-nos a vida artificial, uma arquitetura mais temerosa que todas as catedrais do globo postas umas em cima das outras.

Se me esqueço o meu pensamento disforme deita-se logo a caminho...

Vejo-o caminhar e não o posso deter. Por mais esforços que faça não o posso deter. É como se eu criasse figuras, que se pusessem logo a caminho. Todos os fantasmas se dissolviam à luz da madrugada. Agora estas figuras têm de cumprir um destino. E pergunto a mim mesmo baixinho se na verdade eu não desejo que avancem um passo — e outro passo ainda...

Tinha medo de aparecer no outro mundo deformado e grotesco, e agora tanto faz entrar na morte repulsivo, como transfigurado e só dor.

Olhava este momento que ia desaparecer, com saudade — porque nunca mais se repetiria no mundo. Nunca mais outro segundo igual nem na luz, nem vibração, nem na

ternura... O momento em que me sorriste, baloiçado entre o nada e o nada, nunca mais se tornaria a repetir, idêntico e completo, em todos os séculos a vir! Estava ali a morte — está aqui a vida. Agora pergunto a mim mesmo se te deixo morrer; e a pergunta obsidia-me e exige resposta imediata. Sei tudo, tudo o que me podes dizer — já eu o disse a mim próprio. Até hoje falava a alguma coisa que me ouvia, hoje só interrogo a mudez, só a mim mesmo me interrogo.

Há entre as figuras que compõem o meu ser, duas encarniçadas uma contra a outra. Há uma que crê, outra que não crê. Há uma capaz de todas as cobardias, outra capaz de todas as audácias. Há uma pronta para todos os rasgos e outra que a observa e comenta.

Mas há entre as figuras que compõem o meu ser, uma que está calada. É a pior. Olha para mim e basta olhar para mim para que eu estremeça. — Por muito que me acuses, já eu me tenho acusado muito mais!

Olhas-me e eu estremeço. A sofreguidão dos teus olhos, a sofreguidão verde dos teus olhos, que me reclamam como um abismo de dor e de espanto onde encontro enfim a vida!

Se te quisesse descrever, não te podia descrever. Sei que me pertences e que te pertenço.

Talvez as almas fossem mal conduzidas, talvez já adivinhássemos o universo e depois o esquecêssemos. Creio que se não complicássemos a vida e a dirigíssemos noutro sentido, pressentiríamos tudo e resolveríamos tudo. Há em todas as existências alguns segundos em que sentimos o contacto do mistério — de que nos separam logo léguas de impenetrabilidade.

Alguma coisa porém se interessa pela minha dor. Todas as noites grito, todas as noites sufoco os gritos. Todas as noites me debato com o mesmo problema e a mesma angústia. E há uma coisa que assiste a este espetáculo e se interessa, que cada vez me mergulha mais fundo para que eu me despedace — e se interessa...

CAPÍTULO XIV

CÉU E INFERNO

Como as velhas engrandecem, novas por fora, secas por dentro! Estão aqui todas, estão aqui todas, no céu e no inferno. Aqui está a D. Pavoa diante desta ideia: — Não há Deus nenhum! Aqui está a D. Pavoa, da Ação Católica, que exclama estupefacta: — Mas este Deus criei-o eu da melhor e da pior parte do meu ser! E detém-se diante de si mesma, para arremeter, primeiro com espanto, depois com cólera, aos pontapés às teias de aranha, aos trapos, ao absurdo, que foram a razão da sua existência. Aqui estão todos como feras. Respira-se. Aqui está o homem que atirou com o fardo pela borda fora, aqui estão as frases, aqui estão os honrados comerciantes, os impolutos magistrados, aqui estão as forças nuas, de dentes arreganhados. Aqui está o juiz, que dormia com a mulher e a criada, frente a frente com os ladrões que condenou no tribunal. Aqui está a D. Soberba e a D. Pelintrice. Aqui está o honrado Elias de

Melo, sem a camada de respeitabilidade de que se revestiam certos bichos. Eis aqui o escrúpulo, a firma, a honra, o crédito, o respeitável Elias de Melo, que a si próprio se venera e usa a cabeça como quem traz um resplendor, a máxima regra, o máximo asseio, a pontualidade, a risca ao lado, a escrituração por partidas dobradas. Olhem que isto de a gente se preparar toda a vida para um altar e perceber que não vale um pataco, não é brincadeira nenhuma! Aqui está este homem vestido em frente deste homem nu, a fama, o crédito, a praça, ao pé desta coisa desordenada que se encarniça e não nos larga, ó Elias, ó Melias, ó Melambes! A consideração não existe! A praça não existe! Aqui estamos todos bichos em frente de bichos, os que pagam as letras e os que têm as letras protestadas, nós e nós, nós e os ladrões das estradas, nós vestidos e grotescos, nós nus e trágicos — nós e o universo monstruoso!

Range a D. Inocência, uiva a D. Engrácia, e todos fitam com olhos de saudade e desespero a pele que largaram. Estão ali estateladas as mil e unia mentiras, as mil e uma hipocrisias, todas as falsidades de que é feita a vida, as

fisionomias de que te compões, as palavras que forjaste e que forjei. Soou a hora absurda em que descobres e eu descubro que atrás disto só existe o interesse; a hora sentimental em que a velha pintada e repintada rasga o testamento na cara dos herdeiros; a hora sobretudo poética, em que, depois de nos vermos uns aos outros, mostramos os dentes uns aos outros como feras; a hora trágica em que procuramos ainda arrepanhar alguns restos de frases, e as frases já não nos servem de nada; a hora quimérica em que a vila toda dá com a vila toda em pêlo. Eis aqui as forças, a comédia e a tragédia desmascaradas. Reconhecemo-nos todos — vemo-nos todos. E a esta luz pavorosa, a esta luz crua, a esta luz que nos bate de chapa, compreendemos que criamos tudo à custa de dor. Cem bocas falam ao mesmo tempo no céu e no inferno... — Chegamos todos ao fundo de nós mesmos. (Eu já não saio daqui sem saber também quem sou...) Chega mos todos ao ponto em que não podemos discernir o bem do mal, o céu do inferno... Mais um passo e não separo a tragédia do grotesco.

As velhas encarniçadas são outras, são velhas em sonho vivo. — Mata! Mata! Mata! — Aqui de rastos, ano atrás de ano, para ser comida! — Aqui a levar pontapés neste sítio, aqui a criar rugas e fel! — Pois eu não fui eu, e agora estou diante disto, deste assombro e deste desespero! Gritam porque se não podem ver. Gritam porque a realidade e o sonho tomaram proporções que lhes não cabem nas almas. Gritam porque não lhes entreveem o fundo. A D. Penarícia tirou a cuia postiça e atirou com a cuia ao chão. Depois fitou os olhos na cuia enrodilhada, e absorveu-se na cuia de retrós, como se tivesse ali em frente o símbolo do universo: — Não posso desfazer-me disto! Não posso desfazer-me disto! Toma! Eu não sou isto, e hei de estar aqui sufocada a aturar-te para não morrer à fome. Hei de ver-me e ver-te e hei de dizer: — Jogo! Hei de fazer-te as vontades e ver-me tal qual sou, tal qual era e tal qual hei de ser? — À espera de quê, se nem a morte podemos esperar? — Então este esforço para ter uma alma não se conta? Este esforço para não andar de rastos como a cobra? Para viver com isto? Com esta amargura, o fel, o que é mesquinho e com Deus? Eu não posso com o que não compreendo, com o que está por trás de mim, com o que está a meu lado e com o que

tenho de fazer todos os dias... — Falo! — Falo eu agora! A tragédia é que eu iludia-me, mentia a mim mesmo e agora não posso mentir. Não há gritos que te valham e a ninharia desapareceu do universo. A insignificância acabou. — O pior drama — exclama outra — é que eu vejo o que fiz de mim própria. E a Teodora exclama: — Tenho saudades do inferno! Tenho saudades do inferno!... Aí está por que elas gritam e eu grito com elas. É o momento decisivo, quando, de pé, em roda da mesa onde foram insignificantes pacientes e grotescas, se veem umas as outras. E pior momento é ainda quando a si próprias se veem; quando se chocam como ferros, quando os seus olhos adquirem tal fixidez, que já não são só elas que olham; quando ao espanto se junta ferocidade, e não são só elas que falam, mas todas as vozes, nem só as suas figuras que gesticulam, mas todas as figuras. A mesa do jogo é a mesma, o candeeiro escorre o mesmo petróleo, e sobre elas a figura imensa, as outras figuras invisíveis e todas as figuras invisíveis, arfam de desespero.

Tudo isto caminhava para um fim, tudo foi desviado ao mesmo tempo desse fim; tudo isto se alimentava de certas

regras, tudo avança desesperado, aos gritos, ansioso e doloroso: — Pois és tu! És tu! E o interesse és tu! E o amor és tu! O desespero aumenta, os gritos redobram. As criaturas com que deparo são temerosas. Uns desatam a rir com rancor e sarcasmos sobre sarcasmos. Há-os que se reduzem a baba e a pó. — O quê, tudo isto era tão pequeno! Pois passei metade da existência, anos atrás de anos, ao lado desta coisa feroz e esplêndida, absorto em ninharia! E nunca dei pelo assombro, pela vertigem! Atrevo-me a matar, atrevo-me a odiar, atrevo-me a escarnecer-te... — Mas então — pergunto — eu fui o homem escrupuloso, eu fui o homem honesto que lutei toda a vida com os maus instintos, num combate perpétuo — para isto? Pergunto — para isto? Ali aquela desata aos berros e seres caminham transfigurados; seres que nunca sonharam, matéria impenetrável, deparam pela primeira vez com o sonho, o que os deixa atónitos. A D. Úrsula, que passou a vida a esfregar, a polir, a limpar os móveis reluzentes, deita-os todos a esmo do terceiro andar à rua. — Adoro-a mas não posso separar o interesse do amor — não posso separá-los. Está dito e redito. No fundo do meu pensamento, bem no fundo de meu horrível pensamento, uma outra ideia luta,

avança e não a posso arredar. Estraga-me a vida toda. O mundo moral está com escritos e reduz-se a uma loja escura, com teias de aranha no teto.

Não posso anotar o desenlace de todos os dramas ocultos, dos dramas da inveja, do drama que se esconde debaixo dos telhados e no fundo secreto de cada alma, do drama que a ficção continha e que nenhuma força contém agora. Falta-me o homem defronte do homem e vê-lo ganir de terror, depois que, suprimindo a morte, suprimiu a ilusão. Faltam-me todos os desenlaces, mas só tu compreendes do que tu és capaz. Só tu, que nalguma hora, nalgum minuto, pudeste olhar-te cara a cara, desviando logo o olhar. O minuto agora é a eternidade. Falta-me estatelar diante de ti a tua alma e a minha alma, todo o mundo subterrâneo, apontar os gritos e os instintos, e descrever o que se não pode descrever, porque não há palavras para o bafo que vem dos confins dos séculos, nem cores para a lama que sobe e alastra. Gritos, mais gritos, mais sarcasmos e insultos. — Como eu te reconheço! E a ti! E a ti! — E a ti que és a figura silenciosa que há tanto tempo me persegues, calada e triste, e que eras a pior. Tu que curvas

a cabeça, sem nunca te pronunciares, tu que sofres quando eu sofro, que te envolves em silêncio quando persisto neste caminho doloroso — como te reconheço! — Dá gritos! Podes gritar à tua vontade! Agora é pior, agora tanto faz resistir um dia como um século. Agora é pior: não nos podemos ver. Como dois amigos que se encontram passados muitos anos, perdemos todos os pontos de contacto. Estamos aqui a representar: a verdade é que não nos podemos ver. Eis-nos bichos em frente de bichos. Acabou tudo, acabaram as transigências, as dúvidas e os escrúpulos. O sonho pertence-me, a vida pertence-me. É este. É este tal qual. Era isto que eu não queria ver, este grotesco, esta crueldade, estas ideias, de saque, de astúcia e de dor. Era isto enfim.

Que trabalhão de fórmulas, de leis civis e de leis religiosas, para que a D. Insolência e a D. Ninharia não fossem direitas aos seus apetites e se contivessem dentro do pudor, da ordem e da regra! Acabaram-se-lhes os escrúpulos e a luta constante com os instintos, a análise de todos os dias, que nos deixava ensanguentados e esfarrapados.

Vamos entrar noutra vida, noutra vida enfim, sem Deus, sem fé, sem regras que o instinto nos impõe, ó D. Teles das Reles de Meireles, e talvez seja esta a tranquibernia por que suspiramos sempre. Eis-nos na suprema beatitude, homens e bichos ao mesmo tempo, sem hesitações nem dúvidas, e podendo realizar todo o mal de que somos capazes. Falta um passo para sermos grotescos e horríveis, para ascendermos enfim, depois de uma agonia de séculos e séculos, ao céu e ao inferno.

Agora estou nu e toda a mentira me é impossível; agora estou nu e todas as palavras são inúteis; agora estou nu diante da imensidade e não posso ao mesmo tempo com o céu e o inferno. Este momento trágico, esta pausa, este horror em que cada um se vê na sua essência, em que cada ser se encontra sós a sós com a sua própria alma, reduzido sem artifícios à sua própria alma, só tem outro a que se compare, aquele em que cada um vê a alma dos outros. Porque, por melhor ou pior que tenhamos julgado os outros, vimo-los sempre através de nós mesmos.

Toda a vila, a vila toda, a que a luz artificial dava relevo, desata a gritar como se lhe arrancassem a pele, desata a

gritar diante de si própria, diante da verdade. Gritam as velhas, grita o Santo em frente da sombra imensa que se introduziu na vida. Grita a paciência e a mentira, grita a hipocrisia. Desapareceram as figuras e só ficam gritos na noite. Outro passo — outro grito. É a custo que me separo deste ser com quem coabitei sempre. O escárnio está aqui; está aqui o escárnio e o rancor. Gritam no mundo subvertido. Mais gritos. Que dever? O dever de te matar? O dever de te cuspir? Matá-la, mas matá-la é até um caso de consciência, para que a minha vida seja a minha vida. E os gritos aumentam — gritos de dor, gritos de espanto, gritos sufocados de cólera, mais gritos de seres que se não querem separar da antiga carcaça. — Eu mesmo reconheço que sou outra casta de intrujão. Tenho outros preconceitos, falo outra língua e julgo-me superior. Na realidade sou outra casta de intrujão. O que me falta é desplante. Prendo-me a inutilidades, e para me engrandecer admiro os meus escrúpulos e dou importância às minhas teias de aranha. A minha vida é uma série de transigências secretas — e por cima medo... — Fala mais alto! Fala mais alto! A minha vida tão bem construída é uma aparência, a minha serenidade, aparência. Talvez um pouco de lógica, um pouco de acaso e

mais nada. No fundo de mim mesmo tudo isto me parece um sonho monstruoso e sem nexo, e às vezes surpreendo-me a pensar: — Sou um doido? Sou um doido? — É que me vem não sei de onde, não sei de que confins ou de que recanto de alma, que tenho medo de explorar, um bafo que me entontece. Serei eu doido?

Ninguém pode com isto, ninguém pode encarar-se a si próprio e ver-se até ao fundo. A tua meticulosidade é de ferro, a tua meticulosidade está de tal maneira entranhada no teu ser que sem ela não existes. Pois até a tua meticulosidade se há de dissolver! E tu sem o hábito não existes, nem tu sem o dever, nem tu sem a consciência. Sem estas palavras a vida não existe para ti, e sem escrúpulos que te resta? O que aí está é temeroso, seres estranhos, seres que, se dão mais um passo, nem eu nem tu podemos encarar com eles. Andam aqui interesses — e outra coisa. Com mil palavras diversas e ignóbeis, mil bocas que te empurram para a infâmia — outra coisa. Tens de confessá-lo. Não é a consciência — não é o remorso — não é o medo. É uma coisa inexplicável e imensa, profunda e imensa, que assiste a este espetáculo sem dizer palavra

— e espera... És imundo, és a vida. Não te sei definir, não te compreendo. Se te levo até ao último extremo perco o pé... Não sei até onde vai o meu horrível pensamento. Até aqui tinha limites, agora nem o meu pensamento nem o teu encontram limites. Matar ou deixar de matar é tudo a mesma coisa. É tudo inútil. Agora não! Agora não me quero ver nem te quero ver! Estamos no céu e no inferno, D. Idalina e a langonha. Estamos no céu e no inferno, Anacleto, e tu ainda te enroscas na tua inalterável correção. Não te desmanches! Estamos enfim todos no céu e no inferno, e todos à uma percebemos que a vida foi inútil. É com gritos que a D. Leocádia reconhece que o escrúpulo não existe; é com espanto que ela percebe que o bem que fez foi inútil; é com horror que a D. Leocádia compreende que só lhe resta o vácuo. A inteiriça D. Leocádia berra no infinito, depois de se desfazer de todos os sentimentos faltos: — Mas eu cumpri sempre o meu dever! — Há de te servir de muito! — E aqui te encontras diante desta coisa que não foi feita para ti, aqui estás tu atirada de repente para uma ação sem limites, com os cabelos em pé — tu D. Leocádia e o infinito; tu D. Leocádia que moravas entre quatro paredes a rever salitre, e agora

tens de morar no céu e no inferno. O drama é tu, D. Leocádia, não te poderes desfazer da outra D. Leocádia; o drama supremo é tu seres ao mesmo tempo, D. Leocádia 29-2°-D. e a D. Leocádia Infinito. — Reduzi-me a isto e reduzi-a a isto! Cheguei ao ponto! Cheguei ao ponto! Cheguei ao ponto em que te vejo cara a cara e percebo que tudo é absurdo e inútil! Talvez o meu dever fosse fazer o mal. Atrás de mim, atrás de ti, andavam duas figuras que por mais esforços que fizessem nunca se chegaram a entender! — Mas então — pergunta outra voz colérica — todo o esforço é inútil? Todo o sacrifício é inútil? Criaste estas ideias falsas de dor, de renúncia — e não existes! Um santo viveu sobre uma coluna: «Desde que se punha o sol até que amanhecia o dia seguinte, estava de pé na coluna com as mãos levantadas ao céu. » Oitenta anos de grotesco. Outro amaldiçoou-te: «Ai de ti cidade sensual onde os demónios fizeram sua habitação!» — Grotesco! Grotesco! Grotesco! Tu não existias! Que se levantem todos do sepulcro, uns atrás dos outros, que se erga o pó e te grite: — Tu não existias! Chamaram-te. Imploraram-te. Carregaram com a tua cruz. Andaram de rastos, reduziram-se a osso e a lepra. Foram indiferentes ao sofrimento e ao

sarcasmo. Renunciaram à vida, deram-te o espetáculo da sua dor, a ti que não existias! Das profundas do mundo vem sempre a mesma ânsia, das profundas da dor ergue-se sempre o mesmo grito. Isto tem alicerces como nunca se cavaram alicerces. Cimentaram-nos os vivos e os mortos. E por mais esforços que empregue — tu na realidade não existes. Há outra coisa pior que está viva, outra coisa monstruosa que avança dentro de nós e direita a nós e que ninguém pode deter. Tu não existes e eu tenho de caminhar por força, não sei para que estúpido destino. Tu não existes e obrigas-me a avançar para um fim grotesco — desmedido e grotesco — que não compreendo nem abranjo. Tu não existes — e estou nas tuas mãos. Tu não existes e neste mundo absurdo, onde não encontro quem me condene e quem me salve, há ainda quem me empurre, quem me arraste e me faça sofrer, uma força cega que trago comigo, que me rodeia e me não larga! — Tens de existir por força. Tens de existir pelo que sofremos e pelo que criamos. És a única luz nesta escuridão cerrada, a única razão como verdade ou como mentira. Existe aquilo que eu quero que exista, é verdade aquilo que eu quero que seja verdade, aquilo que eu e os meus mortos transformamos em

verdade. A fé é maior que todas as forças desabaladas, mais viva que todas as vidas. Compreendo a inutilidade de todos os esforços e faço pela mentira, o esforço que fazia pela verdade. Tenho de te manter à custa de desespero.

Se não existes é forçoso que exista um ditador moral, que extirpe sem piedade o pecado da terra. Que não ouça os gritos e condene, que realize o pensamento de Saint-Just e obrigue os ricos a trabalhar nas estradas, e cujo poder ignorado e oculto submeta a humanidade a uma lei de ferro, e a salve pela mentira, já que a não pôde salvar pela verdade. Cinja-me a mesma cadeia, durma no mesmo tabuado e empregue o mesmo esforço, por um sentimento de desespero contra ti que me iludiste. Por mim próprio, para fugir de mim e de ti que não existes! Resisto, teimo. Só vejo treva e teimo. Levo-me todos os dias ao mesmo espetáculo. Rasgo-me com gritos. O desgraçado, aquilo em que tu crês é mais negro que o negrume!

A mesma força cega nos impele. Queira ou não queira sou levado para um fim que não compreendo... Cai nas suas mãos! Outra coisa me envolve a que não sei o nome, outra coisa que espera de mim uma ação que ignoro, outra coisa

a quem eu me quero manifestar e que talvez se queira manifestar, sem nos chegarmos a entender. Rodeia-me. Sinto-a. Há ocasiões em que me toca. Ouço-lhe os passos. Debato-me. Constrange-me. Há momentos em que me iludo, para fingir que estou sozinho. Há momentos em que me escarnece. Sufoca-me: vou ouvir-lhe os gritos — tenho medo que me fale! Só ela vive no mundo, só ela anda à toa no mundo! Debalde apelo para mil manhas, debalde tento mil explicações. Estou nas suas mãos! Estou nas suas mãos! Outra coisa inexplicável e imensa, temerosa e imensa, anda por trás de mim, dentro de mim, outro abismo maior, outra coisa que sua e me escalda até à medula. Procuro esquecer-me — ela aqui está ao pé de mim. Na vida e na morte estou nas suas mãos monstruosas. Sou a consciência — tu és o impulso. Sou a razão — e não sou nada. Luto até à morte, finjo até à morte, vou até ao fim dilacerado, escarnecido e iludido.

Estou nas tuas mãos! Estou nas tuas mãos!

— Também eu D. Leocádia! Lé com cré. Também eu, se me liberto disto que não tem significação, não encontro nada que tenha significação. Chegamos ambos ao ponto e

estamos ambos estarrecidos. Moeste-te e moeste-me por uma palavra apenas... Olha bem para ti! Olha bem para dentro de ti! Moras na rua da Bitesga, entre duas ou três curiosidades seculares. Usas um vestido de lemistre, luvas de algodão no fio e um broche pendurado ao pescoço. Não sei por que bambúrrio se te encasquetou no toutiço a ideia de Deus e do dever, e de que o infinito tem de dar importância ao teu problema, aos teus flatos e ao teu broche, onde um retrato de suíças não tira de mim os olhos de peixe... Não mastigues. Bem sei que só nós, tu e eu, eu e tu, com o teu vestido de lemistre, é que somos capazes de contrair noções, talvez erróneas mas profundas, do bem e do mal. Os outros bichos têm mais que fazer. Mas é por isso mesmo D. Leocádia que te caíram os dentes postiços e que começas, nesta nova situação do céu e do inferno, a compreender que o bem e o mal é tudo a mesma coisa. Talvez a gente não possa fazer o bem senão a si mesmo... — Mas então — e crispa a mão sobre o broche — talvez o bem seja uma monstruosidade, talvez todos tenhamos de destruir. O mal é que eu sinto. Para o mal é que eu fui criada! — E sua de aflição toda a tinta que lá tem dentro, quando outra D. Leocádia irrompe da carcaça da D.

Leocádia. — Pergunto-te se o que tu não consegues é prolongar o mal. Pergunto-te se esse orgulho humano, se esse orgulho sobre-humano, não é um mal maior, e essa piedade que sentes não é por ti que a sentes.

— E eu, e eu pergunto-te se a minha verdade falsa não te serviu melhor que a tua verdade amarga. — Pergunto-te a ti — e sacode-a — se não é isto que eu sinto cá dentro, do fundo dos fundos. Pergunto-te de que te serve a mentira com que coabitavas. Nunca conseguiste bem nenhum, nunca cumpriste o teu dever. Logo que te pus a ti e a ela na mesma situação de igualdade já não pudeste cumprir o teu dever. — Vontade tinha eu de fazer o mal, o que não me atrevia era a fazê-lo... — Oh D. Leocádia mais um passo, dá outro passo ainda, e mergulhas na beatitude como quem cumpre um destino...

Todos gritam de desespero no céu e no inferno. Confundem-se mil bocas, as coisas mais altas e as coisas mais reles. Aqui está a vila toda, virada do avesso, os ridículos sem vergonha do ridículo e os infames lambendo a infâmia. Aqui está a ilusão

— e aqui está em pêlo a D. Possidónia, que ainda conserva na cabeça o chapéu de plumas. Aqui está a ordem e aqui está a desordem, as palavras inúteis e a inútil burandanga, toda a fórmula, todo o calvário da vida para subir até a morte — e aqui nos vemos uns aos outros tal qual somos, admiráveis, obscenos, reles, todos da mesma lama e com as mesmas chagas. — Eras tu força estúpida e cega que me enchias de ilusão para poder suportar a vida? Eras tu o interesse, eras tu o amor?... Aqui estão de uma banda as fórmulas (e só agora compreendo a sua necessidade) aqui está do outro lado a vida; aqui está o que se chamava a honra, e o que se chamava o dever. O amigos eis aqui todo o nosso grotesco, todas as nossas ambições, todas as nossas vaidades — e com elas o absurdo e a lógica. E eis aqui o meu drama e o teu drama. Os grandes desmoronamentos, a cólera de uns e o terror dos outros. Eis aqui o céu e o inferno, o máximo de ilusões e a ausência completa de ilusões. Aqui as vaias, o sarcasmo, os apupos, os grandes insultos e a suprema mixórdia. Desmoronou-se tudo, todas as fachadas e todos os artifícios.

Aqui escorre tinta, aqui um bafo húmido entontece, aqui a primavera é ridícula, aqui a flor assume aspetos estranhos e o pólen vivo escorre, aqui a vida parece uma tela onde as figuras se apagam, aqui a nuvem acarreta volúpia, esboços de seres que logo se dissolvem, aqui a nuvem é feita de gritos e avança, envolve, penetra. E resulta uma mistura de sonho e caos. Agora é que eu sou feliz! Agora que parti todos os laços que me prendiam à convenção e à regra! E ponho-me a chorar diante das figuras que aí vêm com as garras no ar e as bocas abertas, direitas a mim. Avançam como avança a vida, furiosas, e dementes, sem escrúpulos, arrancando de si próprias farrapos sórdidos e farrapos de carne.

— Estou nas tuas mãos... Esta noite límpida como um diamante polido não existe. O que existe é atroz... Nem a primavera existe, e tudo se entreabre em entontecimento azul. Nem esta harmonia dos mundos, que eu criei, existe. O que existe é atroz. Nem este sonho em que ando envolvido e iludido. Só tu existes no mundo e me trazes estonteado no mundo. Fecho-me para te não ver e estou nas tuas mãos. Se eu pudesse ouvir-te, ouvia todos os gritos

que se soltaram no mundo, se eu pudesse encarar-te em toda a tua plenitude — via o negrume monstruoso e caótico avançando para mim, o repelão dourado levando tudo diante de si, no desespero, na vida e na morte, esmagando sempre e renovando sempre, para criar mais dor. Não te fartas. Isto é desconhecido, é absurdo, é eterno — mas a beleza trágica da vida efémera consiste em te resistir, todo o nosso afã em criar uma mentira para opor à tua verdade — de que resulte dor. Tu podes tudo como verdade. Estou nas tuas mãos. Eu posso tudo como mentira, e só assim saio das tuas mãos. A verdade é a dissolução e a morte, és tu; a mentira é a vida. Resisto-te para poder viver; para poder viver crio a mentira trágica. Se cedo ao teu impulso, se escuto as tuas vozes, levas-me para uma vida inferior; se te oponho a mentira, caminho por uma via dolorosa: engrandeço-me. Estou nas tuas mãos — e nego-te. E o homem é tanto maior quanto mais alto afirma que não existes. Crispa-se-lhe a boca, dilacera-se até às últimas fibras, luta, grita e sai em farrapos das tuas mãos. Todos os heróis são mártires, todos os santos foram iludidos até à morte.

— A tua vida, a minha vida, foi um perpétuo inferno. Tiveste um filho e apegaste-te mais ao teu dever que ao teu filho. Dedicaste-lhe as tuas economias. Pelo dever esqueceste interesses e paixões, e na tua alma solitária só coube o exaspero e o dever. Mais nada. E à medida que a vida te inutilizou as ambições e te gastou os sonhos, mais te apegaste a essa palavra, que foi a única razão da tua existência. Também eu! Também eu! Fechaste-te com ela no silêncio gélido da vila, onde, nas noites sem fim, se chegava a ouvir o contacto das aranhas devorando-se com volúpia no fundo dos saguões. Todos os dias pesaste o pão que lhe deste, mas deste-lho. E, tendo perdido tudo, só o dever te restou no mundo — e a órfã, a quem já não consegues reconhecer as feições. A mesma coisa nos dilacerou a ambos, a mesma coisa dolorosa nos encheu de cólera, à medida que caminhávamos para a velhice e para a morte. E aqui chegaste, aqui cheguei, ambos ridículos e amargos, saindo de uma luta desesperada com outra coisa que nunca quisemos ver. Ambos grotescos e de pé, tu e eu, eu e tu, com o teu broche, onde o mesmo sujeito de suíças — lembrança do primeiro matrimónio! — não tira de mim os olhos aguados de peixe. Ambos tendo atravessado numa

tábua o mais trágico de todos os mares, e no fundo a mesma dor, no fundo o mesmo fel, no fundo o mesmo esforço para sustentarmos sobre a cabeça esta abóbada que não existe. No fundo o que não queríamos ver era a noite... — Cessou o debate. — Não fales mais, D. Leocádia. Está tudo dito...

A figura que aí vem mastiga em seco, com uma camada de verde e outra camada de sonho. A figura que aí vem, de um egoísmo concentrado, e a que aderem ainda os mil e um nadas da sua existência anterior de molusco, avança hirta para mim, inteiriça como uma barra de ferro. Ainda cheira a mofo, mas os olhos entranham-se-lhe num vasto panorama inexplorado. Vê para dentro, cada vez mais sôfrega e o seu sonho não tem limites. O mal não tem limites. Tem diante de si mil anos e um dia para essa absorção dolorosa e trágica. Abarca o mundo. O mal sim! O mal sim, porque o mal não é um acto individual, o crime é sempre a ação impulsiva ou premeditada dos mortos. Para praticar um crime é preciso revolver camadas de fantasmas. Desperta ecos adormecidos até não sei que profundidade. Põe em debate este mundo e o outro mundo.

Ó D. Leocádia agora é que tu chegaste ao âmago! É um conflito entre ti e os outros mortos, uma luta num tablado que abrange o universo. Daí o seu prestígio — dai o imenso cenário que se desdobra diante da D. Leocádia, absorta nesse panorama sem limites...

Só há no céu e no inferno outra figura pior. É este ser sem nome, pedra e desespero, noite e desespero, que se imobiliza na inutilidade de todos os esforços.

* * *

29 de Junho.

E tenho de dar mais um passo! Tenho de dar outro passo ainda! Chega o momento em que a dor se não separa do grotesco.

Quer queiram quer não queiram aí estão na minha frente, ridículos, maníacos, pueris, nesta marcha desordenada para o sonho; tenho-os na minha frente, e com eles a hipocrisia, as explicações confusas, as leis, as regras, os

hábitos fétidos, e tudo o que lhes serve para encobrir as duas ou três realidades de que se não podem libertar, com a sua filosofia, os seus livros, as suas teorias — e no fundo instinto! Instinto! Instinto!; tenho-os aqui só bichos em frente da necessidade fatal, da verdade iniludível, com olhos abertos de espanto, com bocas murchas de mentir, a suar grotesco e a gritar de desespero. Tenho-os aqui ridículos, só ridículos, só enfim ridículos, mas já prontos para todas as infâmias. A vida espalmou-os, secou-os, deformou-os a todos. Andou por aqui a mão da desgraça, a mão do vício, a grande mãozada de ferro que deprime e esmaga. Um alimentou-se de lascívia, outro de sonho, outro de avareza, outro de fel. Todos diante da nova visão do universo se sentem grotescos e inúteis de corpo e alma, com lepras que nunca mais se limpam, com nódoas que nunca mais se lavam, com ideias e palavras entranhadas, com ímpetos de gozo e monstruosos apetites. Os anos passaram, os anos marcaram-nos. E ei-los nus, uns em frente dos outros, nus e reles, nus e grotescos, com o esplendor cada vez maior, cada vez mais dourado, cada vez mais sôfrego diante de si. Nus e obscenos, nus, com doenças e infâmias secretas. Aqui está a embófia e o

orgulho, aqui está o que come e digere, mas, no fundo deste estômago que esmói, há ainda um resto de sonho; aqui está a velha que envelheceu ridícula, mas este ridículo é atroz. Tudo isto contém ânsia, ressuma dor até nas plumas, até nos trapos. Todos os sonhos absurdos, os sonhos que ninguém se atrevia a declarar, os produtos fétidos de noites sobre noites de relento e insónia, os ridículos sonhos de almas embrionárias, transformam-se em realidade e resolvem-se em gritos, em dor e em grotesco. A puerilidade que constitui o fundo do nosso ser, as pequenas misérias que formam montanha, e as grandes tragédias desgrenhadas afundam-se em grotesco. A todo o drama se mistura grotesco, a toda a dor ritos, e toda a convulsão emerge a escorrer grotesco.

Ó dor o que tu és! Aqui está a dor da D. Penarícia, a dor da D. Andresa — que toda a sua vida foram abjetas — e temos de confessar que são grotescas. Temos de confessar que a dor é grotesca diante desta mudez impenetrável.

A vila conhece a vacuidade de todos os esforços, o grotesco e o atroz. O grotesco na dor, o grotesco aos gritos, o grotesco mesmo quando avançam para o assombro, com

restos de xailes, com restos de penantes, com restos de misérias. Tudo isto dá grotesco desmedido, mas grotesco. Grotesco com sonho, grotesco com ouro, com todo o ouro do céu, com todas as estrelas do céu, mas grotesco afinal. A grande sombra que desaba também aos gritos, a grande sombra é grotesca de dor — imensa e grotesca — esfarrapada e grotesca. A D. Adélia é grotesca, com as suas manias, e há nela Deus e o Diabo; as velhas caquéticas, o cortejo funambulesco de rancores, tem não sei o quê de divino. Miscelânea trágica de matéria e de alma, que se resolve em dor e em grotesco, caminhando com as suas dores ridículas, com as suas paixões ridículas, com as suas ambições ridículas — caminhando sempre. Lamentáveis, sórdidos, grotescos, escorrendo viscosidades, e só eles no mundo capazes de compreender e de sofrer. Tudo neles é grotesco e divino. Tudo neles é angústia, desespero e vida. Tudo neles é reles e só neles é reles. Tudo neles, até o ridículo, se traduz em sofrimento, em não sei quê de superior, que lhes dá o ar, apesar dos penantes, das dedadas, dos vícios, de deuses decaídos, de deuses em luta com forças supremas, que, pretendendo torná-los mais grotescos ainda e reduzi-los a zero, os elevam pelo ridículo

e pela dor. São lamentáveis — são trágicos. Só eles lutam, e tudo neles é ânsia e desespero, para entreverem a razão oculta que os escarnece e os engrandece. Estarrecidos e grotescos. Bichos e grotescos. Divinos e grotescos. Há neste trapo que criaste, nesta coroa de lata que foi o teu sonho e a tua vida, não sei quê de imortal. Vê que tudo ressuma dor, que o fizeste para subir, mais alto sempre, para esquecer todas as bocas que te reclamavam do fundo dos fundos, do mais trágico dos fundos. Na tua meticulosidade Anacleto, na tua dúvida ridícula oh D. Leocádia, no vislumbre que foi a tua vida, no teu minuto de sonho, no relâmpago, antes de te curvares definitivamente sobre a meia que já tem vinte metros de comprido, ó prima Angélica, ó figura tremenda de inépcia, que também achaste sabor à vida e logo te fechaste com ele na escuridão cerrada da idiotia — na maneira como apertaste para sempre a mandíbula — e até na risca que deixou de ser risca e no vinco que perdeu a linha e o assento, ó Elias & Melias, em tudo e em todos, há outra coisa tremenda que, apesar de grotesca, nos deixou de pé, e não sei que mistério que não fala, que não quer ou não pode falar, mas

que sentimos vivo, real, imenso ao nosso lado e na nossa companhia.

Agora é que ele anda à solta! agora é que ele anda à solta!

CAPÍTULO XV

A VIDA! A VIDA! A VIDA!

A pedra também sonha: a vila é Lourdes, feira e hospital onde corre o ouro às pazadas. A multidão converge de toda a terra para um só ponto da terra: — A vida! A vida! A vida! Todas as agonias em marcha dos quatro cantos do globo. Clamores, ânsias, gritos. Ao mesmo tempo insolência, ao mesmo tempo orgulho. Imponentes criados de farda amparam velhos arquimilionários; velhas com os dentes obturados a ouro, sorriem para um e para o outro lado, como bonecas, pintadas, repintadas, horríveis. Acarretam em padiolas homens de grandes ventres gordurosos, fartos de moer e remoer. Seguem mulheres pálidas, de olhos de sofreguidão e de espanto, embrulhadas em peliças raras, e, sob as peliças, a mão ferra-se-lhes no cancro que as rói. E homens de génio indiferentes, alheados, sepultados, que nenhum espetáculo arranca ao torpor, usados pela mentira e pelas frases.

— A vida! A vida! A vida!

Vem o rei, o roque, a rainha e as velhas meretrizes, a Lavradeira e o visconde da Flor da Murta, os cónegos que herdaram das beatas e as beatas que herdaram dos cónegos. Vem as velhas cantoras sem voz, os príncipes destronados, os banqueiros, a finança, a política, a diplomacia, a vasta intriga que rói o mundo, e os que anteveem numa sofreguidão outra vida para gozar, e que rebuscam no fundo dos baús, velhos papéis de crédito e moedas fora de usa. E os bichos que tomam a sério as suas frases, as suas fardas, a sua vaidade; a vida artificial, as princesas desdentadas e cheias de espírito, com velhas cortes bolorentas e os seus lacaios e as suas múmias; os morfinomaníacos; o bispo untuoso e cínico, de grandes barbas louras cuidadas, apegado a um báculo dourado e um capachinho na cabeça, com uma corte de mulheres, entre uma nuvem de pó-de-arroz; o velho general, o velho diplomata, e uma figura com um resto de colar que lhe ficou de todo o seu império, uma mulher magra com rendas do passado, embrulhada num véu que lhe esconde a velhice, de luvas brancas para que lhe não vejam o

pergaminho das mãos, e um grito furioso em que mostra as gengivas brancas:

— A vida! A vida! A vida!

Só se não descortina um pobre. Como conseguiu aquela mulher, com o filho embrulhado no xaile, meter-se no cortejo que caminha à pressa para o Palácio da Saúde?

— A vida! A vida! A vida!

O ilustre doutor Arrobas, o ilustre doutor Coutinho, o ilustre doutor Pimenta, apoderaram-se do soro, e pelo embirrento Palácio, reluzente de metais, branco e cínico, onde se recebe o ouro num cofre como um saguão, desfila gente, mais gente ansiosa, mais gente que se atropela. — Ao Gabiru restam-lhe três árvores no quintal e o sonho que para os outros se converteu em realidade... Os ajudantes de avental branco todo o dia circulam e atendem a fila de paralíticos, de agónicos, de tabéticos, os milionários, os príncipes gastos e vesânicos, as mulheres de luxo, com embrulhos de notas, que se puseram a caminho dos quatro cantos do globo. Os comboios não cessam de despejar aventureiros e mulheres de cabelos tingidos e bocas

pintadas — A vida! A vida! A vida! — e um cheiro a morte que tresanda; mais gente que rapou o fundo dos cofres e corre num desesperado arranco; tropéis, coortes, multidões, que apertam o ouro de encontro ao peito ou que o premem nas algibeiras, com as mãos de encontro à pele, entranhado na pele, entranhado na alma. — A vida! A vida! A vida! Velhas cocotes de Paris, maníacos, Wagners, com música, lagos, cisnes, castelos e luar, e algumas múmias do tempo do império, com escarros do tempo do império e joias do tempo do império, reluzentes como ídolos. E com elas a infâmia, tão bela e tão polida, e aquele além, que tira o chapéu num gesto mecânico, quando o criado lho ordena, e que é o rei do cobre ou o rei do petróleo ou o rei do estanho. E por fim, num burburinho confuso, o cortejo de padiolas, com restos que se não têm em pé, embebidos em perfumes e atufados em rendas, antigas dançarinas da Ópera, antigos imperadores fora de uso, paralíticos-gerais — e cadeirinhas, seges, padiolas, correndo, despejando todas as velhices, todas as impotências, todas as inutilidades, no mesmo grito ansioso, furioso, clamoroso:

— A vida! A vida! A vida!

Sua majestade imperial, que vivia num mundo de impassibilidade, e a D. Perpétua de Meireles, perdem ambos a linha. Ouvem o grito os moribundos nos sumptuosos leitos de parada, já ungidos e tingidos, já com a última camisa preparada, já com os últimos sapatos de baile preparados e o mestre escama preparado para a última escanhoadela nos queixos cor de cera; ouvem o grito nas mansardas as agonias de todas as horas, e os moribundos põem-se de pé num rápido assomo; retêm-se no último arranco as resignações que tanto jeito e cuspo custaram, suspendem-se no mesmo instante e convertem-se em desespero e esperança, em fúria e clamor, em berros e tropel, arrastando consigo farrapos de lençol e muletas de paralisia. — A vida! A vida! A vida! — Estremecem os extintos, retesos nas eças negro e ouro, nos pomposos catafalcos alumiados por filas de círios; cuido que o ouvem ainda os cadáveres selados e chumbados na última estância, cuido que se abalam os jazigos ao mesmo grito que trespassa o mundo:

— A vida! A vida! A vida!

A vida é o murmúrio de água que me ficou nos ouvidos, e esta tinta, que se me pegou nas mãos e me escorre das mãos, é esta ténue consciência do universo, que dura um segundo e me mergulha atónito no nada. É sonho e desespero — e não tem importância nenhuma. É uma volúpia, com todas as tintas, até as do enxurro. Sabe a tudo — e não vale nada. É inútil — e todas as bocas, à uma, a reclamam:

— A vida! A vida! A vida!

Cada vez o grito sobe mais alto, o clamor é mais intenso, o uivo mais desesperado. De cada vez ele ascende de profundidades maiores e tem retumbâncias mais largas.

Esqueceu-se tudo: os velhos dogmas, as velhas Imitações de Cristo, e a voz que nos diz: — Espera — quando a outra sustenta — É inevitável — Esqueceram-se as velhas elucubrações, as velhas teorias que nos preparam para a morte, e as palavras que os padres pronunciam ao ouvido, e que os próprios padres esqueceram, as resignações cediças, os pensamentos subtis, as fórmulas profundas que nos ajudam à sujeição e à mércia. Esqueceu-se o que dizem os velhos livros, que enchem velhas bibliotecas, e os

grandes símbolos de prestígio, a pragmática e a regra. De alto a baixo desabaram os grandes sistemas e as análises filosóficas, que só servem para quem não tem dentes, e, sem olhar para o lado, vociferando o mesmo grito, largaram no mesmo arranco. Esqueceram-se os adeuses célebres — para piano — as promessas de outro mundo melhor e de outra vida futura, as cerimónias emolientes, a piedade, a renúncia, a morte e o terror da morte. E todo o cortejo deixou o tom compassado, que demanda orquestra, todas as seges, com dourados e emblemas, o ritmo, e largaram a galope para o mesmo destino. Cabido, tropa, comédia, drama, e até tu, até tu farsante — ah?... — puseste o ouvido à escuta num curto estremeção, suspendeste a discussão interminável contigo mesmo, deixaste em meio a palavra que começaras a pronunciar, e soltaste o mesmo grito ansioso. Estava a roda de figuras de aparato, repetindo as suas cortesias; estava o padre ao meio do missal, e a velha Frutuoso no começo da agonia (que tinha de ser celebrada nos jornais), o testamenteiro e os herdeiros, com o lenço preparado para as lágrimas, e no mesmo baque, com o mesmo desespero, correram para o mesmo fim. Eu já tinha chorado sobre mim e sobre ti; já tinha gravado na pedra do

jazigo a frase lapidar; já tinha feito as últimas despedidas, e, com a mão trémula agarrada à tua mão, acabava de murmurar enfim as últimas palavras para a história: «-Mais luz! Que farsa! A vida é sonho! Lá te espero!», etc. — quando tudo foi revolvido e inutilizado, e ajuntei o meu galope ao teu galope, a minha voz às outras vozes: — A vida! A vida! — O procurador firmava, com a saliva da lei, e o selo da lei o documento da lei — lamentávamos os desmandos da mocidade, com o olho na mocidade — a velha remexia as cinzas frias do passado — o janota inteiriçava a perna, com reumático e o antegosto do frio sepulcral — e todo o cenário era cenário, toda a regra, todas as cerimónias que nos ensinam, se conservavam ainda de pé, quando o mesmo furacão revolveu, arrastou tudo e levou tudo adiante de si. Tudo se varreu ao mesmo instante, todos largámos a cena no mesmo instante esquecendo o papel, todos sentimos o mesmo baque e abalamos na mesma vertigem. Suspenderam-se os negócios, o amor, o vício e a cólera, e atrás de novos vícios, de novas infâmias, de nova mocidade e de piores erros e maiores volúpias, rugimos a mesma palavra: — A vida! A vida! A vida!

O grito foi acordar toda a peste, sobressaltar toda a peste, todo o ferro velho, toda a mania resignada à força, comprimida à força, levada à força para a velhice e para a morte. Todas as velhas se ergueram, impelidas pela mesma mola. Todos os janotas, que caminham para o nada com uma flor na botoeira e um sorriso na boca murcha, perderam o aprumo no mesmo instante. Todas as rainhas sepultadas nos fundos dos paços, maníacas, e guardadas por médicos maníacos, por cortes maníacas, por alabardeiros maníacos, tomaram à pressa o primeiro comboio, esquecendo para sempre o cerimonial. Todos, com velha baba a escorrer, com velhos tumores abertos, com velhas dentaduras postiças, se puseram logo a caminho. Todo o mistifório, toda a obscuridade, reclamou a mesma vida nos mesmos gritos. Vêm os filósofos e os poetas, a ópera maquinada, com os seus personagens principais e os seus figurantes secundários. Vem o pó inútil que largaste pelo caminho até chegar à velhice, a vida consciente e o vaga-lume, a velha Eulália, cuja vida é um subterrâneo, a velha Eulália, que mal sabe falar, alma em embrião, e o génio egoísta, calcando tudo para chegar mais depressa.

Todas as velhas santas já quase canonizadas, todas as velhas católicas, apostólicas romanas, preparadas para a inércia e para o verme, largaram a correr com o mesmo destino e para o mesmo assalto. Todo o velho lixo, os velhos restos fedorentos, as velhas bocas amargas, as velhas reminiscências, os velhos suspiros abafados cada noite e cada dia, se remiraram em novas bocas frescas, em nova carne e ansiosa de amor, em nova vida frenética de luxúria. Na velha burandanga, nas velhas, que passaram os últimos dias da vida moídas de saudade, e que já não têm mais nada que pintar; na carne podre que não aguenta verniz; na carne que exige terra, o mesmo alvoroço, o mesmo grito, o mesmo ímpeto... Galvanizaram-se cadáveres e mais outros restos ainda. Todo o pó morto acorda e sonha. Tudo que deixámos pela vida fora, toda a série de figuras que ficou para trás, toda a série de gestos, de esboços, toda a poeira impalpável, tudo que foi ânsia, realidade ou irrealidade, desejo, vaga-lume ou dúvida — tudo se arrasta e revolve no mesmo turbilhão magnético. Tudo o que parecia morto e sepultado, desejos e rancores, inutilidades e grandezas de que é feita a vida, tudo tornou à superfície. Velhas invejas enferrujadas e a sombra da sombra, tudo reapareceu vivo

como na primeira hora. Vem uma golfada de fel e de despeito que reclama a vida — e que é a vida. Vem uma golfada de ternura, que nunca pode encarar sem espanto e sem terror, que nunca quis olhar de frente, inventando mil e um pretextos para a rodear — e que é a vida. Vem o temor, vêm as figuras cómicas — e não há cómico sem sonho, a exigir a vida; as figuras trágicas a reclamar a mesma vida inútil, a mesma vida frenética. Vêm agora as velhas que nunca esqueceram as velhas luxúrias, os velhos pecados moídos e remoídos com desespero e saudade, as velhas tranquibérnias, levadas pelo mesmo impulso, sobressaltadas pelo mesmo cheiro que turva as feras nas camas de folhas apodrecidas. Cheira-lhes a vida, e esqueceram tudo, as controvérsias, as explicações, as transcendências. Tudo, toda a aspiração, todo o pó histórico, toda a desgraça, todo o pó sem nome, todo o frémito, toda a lama exige a vida. O grito irrompe das profundas, vem do pó, vem da vida e da morte. Vem das bocas dispersas e dos gorgomilos que já não existem. E vem de mais fundo ainda...

— A vida! A vida! A vida!

São as velhas sórdidas agora. É a vez da D. Hermínia, da D. Penarícia, da D. Eulália. É a inveja sobre a inveja, a paciência sobre a paciência, o ridículo sobre o ridículo. É a langonha requentada. São os anos atrás de anos de inutilidade, os antigos cabelos postiços, os antigos dentes postiços, as antigas aflições cediças. É a dor minúscula de que toda a gente se ri, é o grotesco que custa tantas lágrimas como as grandes paixões, é a verde melancolia, as horas inermes e monstruosas — é a vida que de alto a baixo exige a vida. E por trás ainda mais multidões se preparam, mais tinta se move na tinta, mais negrume revolve o negrume. É o velho pó esquecido, o pó subterrâneo, o pó de que não resta memória. São os mortos que se põem de pé. Não só estes mortos — todos os outros mortos. Os vivos e os mortos. Todos. A poeira da poeira que implora no mesmo grito:

— A vida! A vida! A vida!

A cidade é odiosa. Por toda a parte hotéis, palácios, entulho, chalés, casernas, avenidas novas. Por toda a parte tine o ouro, jorra a luz dos refletores e declamam charlatães como palhaços de feira. Nota curiosa: no outro

dia foram encontradas num banco do jardim duas velhas de setenta anos, que declararam ser filhas de príncipes na miséria, e que ninguém quis reconhecer, ninguém quis atender... Por toda a parte teatros, palácios monumentais, avenidas de cartão e pasta, monumentos de cimento e ripas, cenário, lixo e afronta. Um edifício esmaga e domina toda a casaria, o casino insolente, com a obscena cúpula de vidro. Todo o dia, toda a noite, as orquestras tocam, e os remoçados apressam-se a gozar, as mulheres a destingir amarelo, as opulentas criaturas soberbas de luxo, outra vez moças e sôfregas de vida. Entre as pazadas de ouro, ressoam as marteladas das construções, que se erguem no espaço de uma semana, novos hotéis, novas avenidas, teatros novos. E duas intermináveis filas, a dos doentes e exaustos, a dos remoçados, não descontinuam de gritar: — A vida! A vida! A vida! — O gozo! O gozo! O gozo!. Uma entra no Palácio, a outra sai do Palácio; eles de negro vestidos, elas adornadas para um baile, de branco como noivas. Remoçados e uma secura de inferno, outra vez novos e na boca um sabor a pó. Que estranho cortejo, brilhante de pedrarias, com as úlceras transformadas em sorriso! Eles sorriem, elas sorriem. Incide sobre a bicha o

jorro dos refletores. E nesta alegria, uma solidão de Jazigo. Alguma coisa morreu. Nem todos os fachos elétricos, nem todos os risos, espancam as sombras que os envolvem — nem todos os perfumes o cheiro a cova — nem todas as joias as chagas, a luxúria, as almas de aço. Cada homem de negro, cada mulher de branco, leva consigo um cadáver.

* * *

30 de Junho

Noite luxuriosa e infame. Misto que se não exprime de absurdo, de irreal e de vida furiosa. O mesmo grito de dor — o mesmo grito de prazer: — A vida! A vida! A vida! — O gozo! O gozo! O gozo! — A tempestade elétrica acumula no espaço grossas nuvens violáceas, borrões sobre borrões, que o relâmpago funde, destingindo fosforescências sobre a cidade. Outro trovão, outra faísca, e todo o cenário espectral irrompe do negrume, tragado logo pelo negrume, que vomita sem cessar mais multidões, mais coortes, que juntam o seu desespero aos outros desesperos, os seus

clamores aos outros clamores. As orquestras não cessam de tocar no casino iluminado, e as multidões de crescer, convergindo de todos os pontos da terra para o mesmo ponto da terra. Oh que prazer recomeçar uma existência nova, poder dirigi-la à vontade, regressar aos vinte anos sem escrúpulos! As orquestras redobram de fúria — e a tempestade redobra de fúria — revoluteiam os pares, eles de negro, elas de branco, os remoçados, as velhas outra vez de cabelos loiros, com outro seio e outra pele doirada, e os tabéticos furiosos da vida, os milionários, as cocotes cobertas de joias sobre o mármore novo de carne, só mocidade, volúpia e experiência da vida, moças por fora e velhas por dentro; os príncipes secos como pedras — mandar e gozar! mandar e gozar! — outra vez cem anos para mandar e gozar; os banqueiros — oiro mais oiro para edificar e corromper — para dominar o mundo. E o trovão ecoa, o relâmpago ilumina podridões fundas da cidade construída dum dia para o outro, trevas acasteladas, esqueletos hirtos de construções, avenidas de légua, por onde avança o mesmo povo humano para o jogo, para o oiro, para o prazer. No fundo as casernas redobram de tamanho e de negrume; no fundo adivinham-se torres

babilónicas, que os olhos não sabem distinguir se pertencem à realidade, se à noite, aos carvões do temporal ou às escorrências do relâmpago; no fundo braços de guindastes, num trabalho metódico, parecem apanhar farrapos da multidão, colhê-los em silêncio, cumprir sem ruído uma ordem misteriosa... Retine o ouro, redobra o vacarme das orquestras, enlaçam-se os pares, elas esplêndidas de luxúria, eles ação, força e ímpeto. A tempestade aproxima-se. Num redemoinho sorve as grossas nuvens negras e esgarça-as pelo céu...

A esplanada do casino debruça-se sobre a cidade tumultuária, onde a vida noturna intensificada atinge o auge. Crescem os clamores e os redemoinhos desordenados, avançando sempre para o mesmo fim. Quatro avenidas abertas em leque partem da rotunda monumental; ali se erguem, dum lado o Palácio da Saúde, do outro o casino insolente, que concentra a vida de luxo, gozo e de prazer. Os rasgões iluminados das avenidas prolongam-se até ao infinito negrume, que gera sempre as mesmas multidões sôfregas, atraídas pelos teatros, iluminados com uma luz mais clara que a do sol, pelas

casas de jogo, cujos refletores incidem sobre a bicha interminável, pelas casas de prazer escancaradas.

Nas salas branco e oiro do casino joga-se sempre. Incide o jorro elétrico e ilumina e deforma as fisionomias: mostra-as sob aspetos caricaturais e ásperos — dolorosos — de bichos quiméricos. Só dureza agora — só ventres obscenos — só infâmia. As mãos transformaram-se em garras, as mulheres gordas, nutridas a vício no fundo das alcovas, com joias claras sobre a pele coberta de suor frio, parecem deformadas; aos velhos diplomatas caiu-lhes o verniz, e, secos, lê-se-lhes nos olhos secura até ao âmago. Entre as manchas de veludo e o oiro que retine, as risadas sobem mais alto, nas bocas ásperas e nos focinhos trágicos. Basta olhar para eles para saber que não há a esperar piedade. Até nos risos das mulheres mais belas se adivinha uma certeza feroz.

Todos assentaram a pata. A boca desta criatura loura, com urna carnação de mármore (era aquela velha arqui duquesa caquética...) ressuma uma sensualidade de fera. As mãos deste homem, de dedos afiados, fazem tremer e cismar: são mãos que esganam no silêncio com requintes de vagar e

crueldade — com medo também... Todos os que se dobram sobre o pano verde têm não sei que de bichos monstruosos, criados ou por criar, com focinhos de paca, carapaças de clamidóforos, pêlos de otária, beiços salientes de dugong. Há faces que pertencem a dois bichos, há faces impassíveis, que, apesar da regularidade, são de animais estranhos, impiedosos e gelados. No olhar azul desta mulher soberana, perpassa o olhar de um animal já perdido nos tempos — e neste ser glabro, encostado à ombreira de uma porta, o mistério do sapo e a obscenidade do gorila. Os risos têm outro som; os dentes novos, que uma saliva nova faz rebrilhar de saúde, substituíram os dentes podres. Este ser astral e louro, fino e louro, que se torce como uma cobra, misturando sempre candura ao sorriso infame, foi a D. Teles das Reles, engelhada e seca, somítica e áspera. Reparem no pudor da D. Eulália que consegue ainda — é a sua especialidade — chamar à face onde há tintas inimitáveis e verdadeiras, um rubor de virgem assustada e submissa, perante as repetidas infâmias galantes que lhe diz ao ouvido, apertando-a docemente nos braços, este diplomata com focinho de cão, que ainda a semana passada

gozava numa cadeira de rodas as delícias da idiotia, e agora rodopia frenético a sua décima valsa.

Estão aqui outras vidas, outros sonhos, outra ferocidade. E está aqui também presente a floresta apodrecida… As árvores não se veem, mas estão também aqui… Está aqui a floresta apodrecida, e com ela as formas de sonho e as formas de dor mutilada que vagueiam na profundidade das profundidades, os contactos viscosos, as mãos geladas ainda em esboço, os seres cegos e com gritos, porque não sabem ainda viver, as formas hesitantes do pesadelo…

Nas salas de jogo todos remexem no ouro com um prazer que se adivinha, fazem correr o ouro entre os dedos e tilintar o ouro sobre o pano da mesa. E um homem, correto e de negro, rapa o ouro, espalha o ouro, distribui o ouro, enquanto nos salões, elas de branco e langorosas, eles, de novo românticos e por dentro secura e lascívia — velhos remoçados, velhas remoçadas — se preparam para novas valsas que não conseguem fatiga-las, fingindo novos ais, novos pudores, novos arrebatamentos, outra expressão, outra luz que nenhum dinheiro paga, outros sorrisos postiços que valem mortes e impérios. Arfam globos

brancos e elásticos, cheios de promessas, que se fingem esconder num farrapo de renda — onde só existiam seios murchos — rebrilham carnações esplêndidas, que substituíram a pele repugnante, pressentem-se e sonham-se noites de amor — com um bocado de lua — em vez de fístulas, amargores, suspiros e reumático. O jeito rítmico em que se abana a D. Possidónia, vale todos os poemas de amor e noites infinitas de gritos na floresta apodrecida... Tudo, nelas e neles, é sedução e secura, promessas ingénuas e lascívia de bichos em recantos ignorados do deserto, denguices executadas com mestria e arrebatamentos ingénuos com setenta anos de exercício. Há ali velhos do tempo passado, com a espinha fundida de novo e a prática de universo; velhas múmias remoçadas, que gastaram os últimos anos a arrepender-se e a suspirar, a arrepender-se e a desejar, a afastar a luxúria e a pensar no inferno, a cismar nas torturas do inferno e a sonhar em novas luxúrias. Há ali decotes em que o seio suspira pelo passado e pelo futuro, e donas sentimentais, cujo olho de miosótis possui todo o magnetismo da mocidade e cem anos de repetidas experiências.

Pelas avenidas sem fim convergem ainda mais multidões e no céu tempestuoso fuzilam mais relâmpagos... O clarão ilumina a cidade tétrica, que logo a noite absorve — e logo os dois braços monstruosos começam a cumprir a sua tarefa metódica. A tempestade aproxima-se. É o momento em que a descarga mais próxima desaba sobre o casino e espedaça o lustre monumental, como se estilhaçasse ao mesmo tempo todos os vidros da cidade; é o momento em que os pares, sob o prazer e sob o choque, com medo à morte, se agarram como ventosas, mordendo-se na boca, elas outra vez moças, com gritos em que o terror se mistura à volúpia, eles como conquistadores que violam e saqueiam uma cidade. Parou a orquestra; nem uma luz na escuridão: só ao grito de terror e de bestialidade se mistura outro, sempre mais alto, sempre mais intenso, das multidões sôfregas, que avançam e exigem no mesmo rugido, no mesmo uivo, no mesmo clamor:

— A vida! A vida! A vida!

CAPÍTULO XVI

A ÁRVORE

Preciso aqui de uma árvore…

É filha de cavadores e neta de pedreiros: obstina-se e por fim afaz-se.

A dor afeiçoa-a. Aceita tudo: a vida e a morte com a mesma resignação. E depois desta vida aceita ainda outra com o purgatório e o inferno.

Pouco e pouco a ternura torna à supuração. A filha fugiu-lhe. Sabe que a D. Hermengarda, pobre e caquética, pára num hospício, e vai lá buscá-la. Caso extraordinário: vê mais naturalmente a desgraça da filha do que a pobreza da D. Hermengarda. É a sua senhora. Limpa-lhe a baba e cata-lhe o piolho; besunta-a de pomada, e nos seus olhos de cão há uma inexprimível serenidade. A D. Hermengarda ainda tem exigências. Manda e a Joana obedece. Melhor: trabalha para lhe dar de comer. Está afeita. De dia carrega baús —

seis vinténs.., doze vinténs... — à noite o quadro é este: a venerável D. Hermengarda numa cadeira de rodas, com um resto de quico na cabeça, e a Joana extática a satisfazer-lhe as impertinências.

Não ouve, creio mesmo que não pensa. Os seus gestos são conduzidos por outras mãos, atrás dela há outras figuras até a raiz da vida, que embalaram berços, choraram sobre a desgraça e tomaram para si o quinhão mais pesado. Até já nem é Joana que fala, mesmo para contar a sua história. Ou só, ou quando encontra alguém, a Joana divaga:

— E vai eu disse-lhe... Fui ter com a filha e vai eu disse-lhe: — Deita-me aí pão quente numa malga com meio quartilho de vinho. — E vai ela disse-me: — Tenho aí pão velho, não enxerto o outro. — E vai eu disse-lhe: — As bagadas que tenho chorado caiam sobre ti.

Não sabe mais que dizer. Aquela fastidiosa perlenga ouviu-a a outras velhas e vem do princípio do mundo: aplica-a para exprimir a sua dor.

O trabalho da vida é persistente e oculto. Gasta, desgasta, como uma pedra sobre outra pedra. Não é só por fora que

criamos rugas: por dentro a usura é imensa. Só a Joana conserva a ternura intacta. O que havia a dizer era como se formou esta alma e eu não sei dizê-lo. Por fora farrapos, por dentro vida. O tojo mais bravio deita mais flor. Um fio de água que reluz prende-me horas e transforma as pedras. A ternura da Joana modifica-lhe a fealdade, pega-se-lhe às mãos e aos trapos que a vestem. O que eu não dou é a expressão, o que eu não dou é a luz. Afundo-a, amolgo-a. E no entanto a figura impõe-se-me pela expressão máxima da dor. A Joana debruça-se sobre uma grandeza com que não posso arcar. Resiste, luta e atreve-se. Aumenta. E também só ela ao mundo não se importa de morrer.

Talvez a morte seja para ela a vida.

Esta luzinha viaja há muitos milhares de anos. É como a faúlha de uma estrela, perdida na imensidão, que lhe custa a chegar à terra. E caminha sempre, humilde e obstinada, através do infinito — sempre. Por isso ela teimava: — O menino está vivo!... — Por vezes parece que se apaga. Reaparece através da obscuridade espessa acumulada há séculos. Talvez toda a grandeza desta mulher esteja nisto: é

que ela é conduzida por uma mão enorme. A sua ternura é instintiva, a sua humildade é instintiva…

Pare. Pare a desgraça. Cria. É a velha que tira a côdea à boca para a dar aos netos. É a velha que encontraste há bocado no caminho, de olhos aguados. Cada vez é maior. Traz este carreto à cabeça desde o princípio do mundo e ainda o não pode pousar. Embala os berços. Pega nas crianças ao colo. Desde o princípio do mundo que estas mãos ásperas amparam as crianças. Não é uma figura — é uma série de figuras…

* * *

16 de Setembro

O desabar da chuva lá fora di-lo-íeis não exterior, mas ligado ao teu próprio ser: são lágrimas que tenho ainda para chorar. Da escuridão opaca ressurgem e rodeiam-me os mortos: o montante que rachou a alvenaria e os cavadores que lavraram a mesma terra e curtiram a mesma dor. Este cheiro a pobre, estes traços corroídos pelas

lágrimas, estes tipos amolgados pela desgraça, povoam-me a noite toda e dizem bem com o desabar ininterrupto de lágrimas lá fora. Outra coisa exprimem as figuras denegridas que vão aparecendo por trás da figura da Joana...

Some-se a mulher da esfrega e primeiro vem um velho que mói e remói obstinado uma côdea de pão. O pai de Joana tinha oitenta anos quando morreu. Deram com ele caído sobre o lar, levaram-no em braços para a enxerga. Quatro paredes, duas caixas de castanho, e junto ao catre, junto ao peito, a pedra seca, o granito. Uma mulher desata aos gritos debruçada sobre o catre:

— Vossemecê conhece-me? Vossemecê conhece-me?

Os olhos não se lhe despegam da arca. Ao fim da vida tem de seu o alvião, a enxada e a manta no fio. A cabeça branca mirrou, a pele é como a crosta que calcamos.

Tem não sei quê de raiz, tem não sei quê de tronco, afora os cabelos brancos que o tornam humano, e o tempo revestiu-o da mesma cor dos montes. Desabituou-se de falar, e pela grandeza e pelo silêncio só o comparo à pedra. Tudo isto foi

pedra. Ele e os seus, a poder de anos, moeram-na. Criou-a. Sua vida está ligada à vida da terra. À terra só falta comê-lo.

Terra, terra negra e ingrata, terra de detritos de rocha e mortos, poeira de árvores, suor de pobres, terra que tudo gastas e consomes, há muito que o fizeste teu igual. Nem sei distinguir-vos, mãos como pedras, pele como a tua pele.

A terra come .e desgasta. A terra apega-se e encarde. Deforma-o. De revolver a terra criou cascão e um olhar profundo. Só o comparo a Cristo, a um Cristo que tivesse vindo até à velhice, de desilusão em desilusão e de desamparo em desamparo.

Na noite negra desfilam outras figuras. Um chega e diz: — O corpo pede-me terra. — A pobre, com um saco de estopa às costas, espera a esmola e reza.

Agora este... Este ressequiu como os morros de pedra, como a laje compacta. A pedra pega pedra. As mãos têm terra nas rugas desde que lidaram com terra. Curtiu anos de fome e de terra entranhada na pele, entranhada na alma.

O casebre é de pedra, é de pedra o lar, e arrima-se de um lado ao coração do monte. Por teto uma trave e colmo, por chão terra batida. A casa também entra aqui.

Pedras, ternura, aflição, tudo no mundo deita as mesmas raízes. Uma casa não é só alvenaria: é dor, vida e morte. A árvore também aqui entra: a árvore é uma construção viva.

A mãe ficou prenhe. Eram tão pobres que, para o que havia de nascer, só amanharam um paninho, duas camisas e um lenço. Vieram as dores e nasceram dois gémeos. Repartiu as camisas, rasgou o lenço e o pano ao meio, e, no casebre perdido, entre a natureza bruta, a mulher pôs-se a chorar dando um seio a cada um.

Mais outras figuras se destacam ainda da noite. São de terra e pedra, são figuras desumanas. Remoem o pão devagar e o fumo sobe pela parede e enegrece-a, camada atrás de camada. Aquecem-se ao lar. A pedra é um calhau arrumado à parede, uma lasca negra e ressequida. E agora, noite funda, todos os mortos estão ali presentes e atendem... A pedra tosca do lar, a pedra salitrosa à volta da qual se juntam, é muito mais que um calhau. A pedra é sagrada.

Estão ali o avô, os avós, os jornaleiros. A um, tão entranhado de terra, mal o descortino. E atrás destes, ainda outros, mudos e disformes — outros como terra — outros como árvores decepadas — outros como fome e que mal sabem exprimir-se — outros a quem só se veem as mãos nodosas — e a série sumida de mulheres, bronco e dor, que a vida consumiu, e que procuram debruçar-se para ouvir...

Está ali o montante que acometeu a pedra do monte dura como aço, e dias após dias curvou-se sobre a praga e meteu-lhe o ferro até à raiz.

Um deles cavou e escavou o sobrado e dorme com a cabeça encostada ao granito. A terra desgasta-o, a terra imprime-lhe relevo e carácter. Cerra-se-lhe a boca, greta-se-lhe a pele. Ele e o monte suportam a mesma dor, que não sabem exprimir.

A cor é a cor da fome, o frio o da pobreza. Gasta-os e desgasta-os o uso da vida e terra entranhada.

É o cavador... Tudo que era exterior puiu-o no cavador a terra, na mulher as lágrimas. Ficou só a expressão

descarnada, como nos montes, como na própria casa onde as coisas são simples e eternas. Pariu-lhe ali a mulher, entrou-lhe lá dentro a morte. E as palavras reduziram-se também a esqueleto e têm o mesmo emprego sóbrio: nem o cavador nem a fêmea têm que dizer um ao outro. Só o morro consegue deitar um fio de água, que lima alguns palmos de erva. Concentrou-se em muda aflição para produzir essas gotas geladas e um lameiro verde.

O escuro gera uma série infinita de mulheres... Há em todas um momento de ternura antes da terra se lhes entranhar. Aos trinta anos a fêmea encardida está velha. Está velha de fome. Está velha de trabalho. Ela carrega. Ela levanta-se de noite para coser a fornada ou para ir à vila. Ela quando tem um dia de folga vai ganhar seis vinténs de jornal. Ela pesa o pão e reparte-o, ficando com o quinhão mais pequeno. Com isto gasta-se. Nasceu com a pobreza, dormiu com a desgraça, e com os anos uma figura se foi sobrepondo a outra figura. Apagam-se linhas, salientam-se traços, e a mesma cor humilde reveste a mulher e a alvenaria. Ela e a pobreza, ela e o dia de hoje, o dia de ontem e o dia de amanhã; ela e os filhos para criar, os

carretos para fazer; ela e a vida, todos os dias se vão amalgamando, lutando, empurrando com desespero, até se criar esta figura e se apagar a outra, gasta pelo uso da dor e pelo uso das lágrimas.

Sozinhas lutam, sorriem, amparam. Velhas e exaustas espalham ainda ternura. Curvam-se sobre o berços, vão pedir pelos homens. E sobre isto ignoram-se.

— Mãe — pergunta a filha mais moça — mãe que coisa é casar?

E ela responde como sua mãe lhe respondera:

— Filha, é fiar, parir e chorar.

A vida é uma coisa séria e por isso emudecem. Guardam para si o bocado mais amargo, a tarefa pior de fazer. Se choram, choram baixinho para que as não ouçam chorar, ali nas quatro paredes de alvenaria, ali onde as trouxeram pela mão, entre as coisas familiares, o forno, o lar, os potes, a enxerga... Na enxerga onde morreu a mãe, nasceram também os filhos.

Há séculos que a mesma série de figuras repete os mesmos gestos. Há séculos que a mesma mulher esfarrapada pare e

o mesmo cavador revolve a terra. Há séculos que comem o mesmo pão e a mesma usura os leva até à cova. Há séculos que se choram as mesmas lágrimas e o monte deita a mesma água. As mulheres trazem os pequenos ao colo e falam-lhes como lhes falaram a elas. O que se gasta, o que a dor e a vida consomem, é a parte externa: as lágrimas renovam-se sempre. As leiras dão sempre o mesmo pão escasso, no monte não se estanca o fio de água, que, como o fio de ternura reproduz a vida, remoça sempre quatro palmos de erva. A mulher, esta ou outra, chora debruçada sobre a masseira, pare com dor no mesmo catre, morre com dor na mesma enxerga.

E no fim de todas, apagada e sumida, surge outra, a serva. Do escuro saem gemidos. A casa desapareceu: só correm lágrimas. Sinto uma mão que procura a minha mão, e uma voz que me diz ao ouvido:

— Escuta! Escuta!

É a criada que serve o cavador desde pequena, a pobre que só tem de seu a saia que traz vestida, que mistura lágrimas às minhas lágrimas.

— Escuta! Escuta!

E aquece-me as mãos com bafo.

E se remexo o braseiro — vejo outras figuras, outras ainda, até ao início da vida. Tão longe! Tão longe!... Mal descortino já a luz tão pequenina e humilde, mal distingo a vida na treva condensada — uma luzinha de candeia, que há séculos vem de mão de mulher em mão de mulher... Tudo volta à cinza. Diante de mim está sozinha a Joana, que me mostra as mãos roídas, as mãos enormes, as mãos só dor...

O mundo é feito de dor — a vida é feita de ternura.

* * *

28 de Setembro

Diante do universo é menos que um caco, é um pobre coração usado pela dor. O último gesto que a Joana faz, é o seu primeiro gesto, mas esboçado apenas, como quem segue um fio já muito ténue de sonho, que não tem força

para levar até ao fim, o de aconchegar uma criança ao peito — gesto que vem de séculos em séculos, desde o inicio do mundo, repetido pelas sucessivas imagens de mulheres já desfeitas em pó, repetido no futuro por milhares de seres incriados.

Não soube nada na vida, não foi nada na vida, não percebeu nada da vida. Oh vida denegrida, monótona e sem sabor, de loiça para lavar, de carretos para fazer, afundaste-a, esfarrapaste-a, amarfanhaste-a, engrandeceste-a!

Preciso aqui de uma árvore. Uma árvore que dê sombra e ternura — uma velha árvore carcomida. Nunca pude passar sem essa sombra inocente. Meio morto de cansaço e de mentira deito-me ao pé dela e renasço. Todos a aproveitam — para o lume — para traves — para o caixão.

CAPÍTULO XVII

PAPÉIS DO GABIRU

Chove um dia, outro dia, sempre. Amanhece um dia nublado, outro dia alvorece áspero e negro. O vento abala a pedra sobre que é construído o casebre. O inverno tem a sua voz própria, a sua cor, o seu vestido em farrapos com que agasalha os montes deixando-lhe os ossos de fora. Mas o inverno é sonho. Só agora o compreendo. É sonho concentrado: sob esta casca ressequida está uma primavera intacta. Esta voz clamorosa é a voz dos mortos. Uma pausa, a prostração da tempestade, e depois redobra o clamor... Andam aqui as suas lágrimas... Na sufocação reconheço esta voz que me chama. E depois a tempestade, novos gritos, a escuridão profunda...

Lá andaremos todos não tarda! Lá andaremos todos não tarda!

«Que frio o outro mundo! Que impassibilidade a do outro mundo!

Saudade, saudade de tudo, até do fel, saudade de te não sentir ao pé de mim. Tenho saudade da vida. Só poder aquecer-me ao lume, só sentir o lume neste inverno sem limites, neste frio de morte — sem outra primavera! O que a vulgaridade sabe bem! O que a matéria sabe bem!

Não vejo. Ceguei.

Disperso-me, e por mais esforços que faça, sinto-me desagregar: perco pouco e pouco a consciência de mim mesma. Sou ainda ternura e pouco mais. Já não tenho lágrimas.

Quem me dera a desgraça!

E unia pena da vida! Uma saudade da vida! Uma tristeza de não poder misturar-me à vida! A vida — e um cantinho do lume, a vida banal, a vida comezinha... Tenho saudades do muro a que costumava queixar-me.

Vive devagarinho. Aquece-te à réstia do sol como quem nunca mais tornará a aquecer-se; perde todas as horas a trespassar-te da vida.

Deixa que sobre ti caia o pó de ouro. Vive-a.

Tu és a nuvem, tu és a árvore. Enche a consciência de todas estas coisas, porque não tardarás a perdê-la.

Vive-não tornas a viver. Põe de acordo a tua alma com a pedra, extrai encanto do céu e da miséria. Pudesse eu gritar! Pudesse eu ter fome!

Só agora dou pelo sabor das lágrimas.

Sorri, esquece, dorme, sonha...»

Não me compreendo nem compreendo os outros. Não sei quem sou e vou morrer. Tudo me parece inútil e agarro-me com desespero a um fio de vida, como um náufrago a um pedaço de tábua.

Nem Sei o que é a vida. Chamo vida ao espanto. Chamo vida a esta saudade, a esta dor; chamo vida e morte a este cataclismo. É a imensidade e um nada que me absorve; é uma queda imensa e infinita, onde disponho de um único momento.

Talvez o mundo não exista, talvez tudo no mundo sejam expressões da minha própria alma. Faço parte de uma coisa

dolorosa, que totalmente desconheço, e que tem nervos ligados aos meus nervos, dor ligada à minha dor, consciência ligada à minha consciência.

Estou até convencido que nenhum destes seres existe. Este fel é o meu fel, este sonho grotesco o meu sonho. Estou convencido que tudo isto são apenas expressões de dor — e mais nada.

Nós não vemos a vida — vemos um instante da vida. Atrás de nós a vida é infinita, adiante de nós a vida é infinita. A primavera está aqui, mas atrás deste ramo em flor houve camadas de primaveras de ouro, imensas primaveras extasiadas, e flores desmedidas por trás desta flor minúscula. O tempo não existe. O que eu chamo a vida é um elo, e o que aí vem um tropel, um sonho desmedido que há de realizar-se. E nenhum grito é inútil, para que o sonho vivo ande pelo seu pé. A alma que vai desesperada à procura de Deus, que erra no universo, ensanguentada e dorida, a cada grito se aproxima de Deus. Lá vamos todos a Deus, os vivos e os mortos.

O mundo é um grito. Onde encontrar a harmonia e a calma neste turbilhão infinito e perpétuo, neste movimento atroz?

O mundo é um sonho sem um segundo de paz. A dor gera dor num desespero sem limites.

Eu não sou nada. Sou o minuto e a eternidade. Sou os mortos. Não me desligo disto — nem do crime, nem da pedra, nem da voragem. Sou o espanto aos gritos.

O sonho completo é o universo realizado.

Cada vez fujo mais de olhar para dentro de mim mesmo. Sinto-me nas mãos de uma coisa desconforme. Sinto-me nas mãos de uma coisa imensa e cega — de uma tempestade viva.

Não só a sensibilidade é universal — a inteligência é exterior e universal.

O universo é uma vibração. A vida é uma vibração na vibração.

Toda a teoria mecânica do universo é absurda. Daqui a alguns anos todos os sistemas serão ridículos — até o sistema planetário.

* * *

23 de Novembro

Há dias em que me sinto envolvido pela morte e nas mãos da morte. Há dias em que não distingo a vida da morte, e agarro-me como um náufrago a este sonho...

.Cheguei ao ponto, Morte. Cheguei onde queria. Tu és o meu sonho frenético. Não há outro maior. Cheguei ao ponto em que te não distingo da vida. Tu és a vida maior. Por vezes vejo o grande mar, onde a lua deixa o seu rasto, caminhar direito a mim. Vagueia a floresta adormecida e avança desenraizada para mim... Cheguei ao ponto, Morte, em que não me metes medo. Aceito-te. De ti me vem a vida. Absorve-me. Só tu agora me prendes os olhos e de ti não posso arrancá-los. És o único mistério que me interessa. Confio em ti. Cheguei ao ponto, Morte, eu que só de ti espero. Só tu resolves e explicas. Só tu acalmas. Aceito-te mas intimo-te. Toma a forma que quiseres, mais negra, mais trágica, mais torpe — bem funda é a noite e está cheia de luzeiros: — recebo-te, mas como um passo a mais para outra iniciação, para outro assombro, e até para outra dor

se quiseres, porque da dor extraio mais beleza, mais vida e mais sonho.

.E contudo esta resignação é fictícia... Não, nunca acordei sem espanto nem me deitei sem terror. Ainda bem que o digo!

Siga a vida seu curso esplêndido. Sabe a sonho e a ferro. E ternura, desgraça e desespero. Leva-nos, arrasta-nos, impele-nos, enche-nos de ilusão, dispersa-nos pelos quatro cantos do globo. Amolga-nos. Levanta-nos. Aturde-nos. Ampara-nos. Encharca-nos no mesmo turbilhão do lodo. Mata-nos. Mas um momento só que seja obriga-nos a olhar para o alto e até ao fim ficamos com os olhos estonteados. Eu creio em Deus.

CAPÍTULO XVIII

A OUTRA COISA

Há no mundo uma falha. Os poentes são labaredas roxas: resquícios de escarlate, dois, três grandes jatos violetas que se estendem pelo céu — uma maravilha quimérica. A primavera prolonga-se: superabundância de flores nas árvores, espiritualidade na matéria, como se as árvores fossem morrer. Mais flores, mais poentes onde o ouro e o roxo predominam, mais gritos no mundo, mais vulcões de cores, que pressagiam catástrofes, e um ruído apagado, esquisito, insuportável dentro de nós próprios, que só comparo ao som de uma borboleta esvoaçando contra as paredes de um vaso.

É a morte que faz falta à vida.

Paira sobre o mundo uma alma monstruosa, um fluido magnético, onde se mesclam todas as cóleras, todos os interesses e todas as paixões, e essa alma envolve, penetra

e reclama dor. Formam-se tempestades e terrores elétricos. Anda ávida, desencadeia catástrofes, desaba desgrenhada, com uivos noturnos de desespero. Cala-se — é pior: ninguém lhe suporta o peso. Produz jatos de ouro, auroras boreais, grandes incêndios no céu como se o globo ardesse. Despenha-se em montanhas de cor, em abismos roxos, paira em campos etéreos de uma serenidade elísia. São talvez os mortos que reclamam mortos. É talvez a vida universal perturbada. São outras gerações esquecidas, camadas informes de que ninguém suspeita o nome, legiões sobre legiões incógnitas — é a vida embrionária que reclama a sua entrada na vida.

E, no fundo, sob este subterrâneo, há outro subterrâneo: ouço passos e as vozes de mais outros ainda que sobem para a superfície. Todos os mortos se misturam aos vivos. Arrombaram de vez os sepulcros. Tu que não viveste queres agora por força viver; tu que não mataste queres agora por força matar. Mais mortos desde o início — maior mixórdia. Todo o esforço era para virem à supuração. Atrás de uma camada havia outra camada. Há séculos que carregamos nas tampas dos sepulcros para os não

deixarmos sair. Na realidade nunca se jogou o gamão nem se disseram palavras vulgares. Atrás dessa aparência estava intacta uma coisa desconforme, e às vezes por uma fresta irrompia a claridade do inferno... Agora a terra desfaz-se em mortos, como uma acha se desfaz em fumo.

O que era vida irreal, é agora realidade, o que era vergonha, ninharia e ridículo, é a vida agora. O que toma pé são os sonhos, o que se agita são as paixões desregradas. Não há limites nem peias. Vêem-nos como eu te vejo a ti. Tenho diante de mim este espetáculo, como se fosse possível aos homens desdobrarem-se e tomarem corpo, ideias e paixões. Eles são aquilo que ocultamente desejavam ser, são o que não se atreviam a ser. Sob um mundo de verdade há outro mundo de verdade. É esse mundo invisível e profundo que passa a ser o mundo visível. É esse. Todo o homem é uma série de fantasmas e passa a vida a arredá-los. Chegou a vez dos fantasmas. As nossas ideias e paixões é que formam as figuras que atuam na vida.

Segunda noite de luar. O perfume estonteia. Segunda noite de luar branco, indiferente, coalhado, segunda noite de

espanto. Redemoinhos de figuras e de ação até aos confins dos séculos. Outrora, numa vida monótona e incerta, só se realizavam duas ou três horas de exaltação. A vida agora é uma exaltação perpétua.

Tudo mudou: a árvore não existe como a pedra não existe. O único mundo real é o mundo irreal. Todos nós andamos a criar um mundo que é o único verdadeiro — os vivos e os mortos. Todos trabalhamos com o mesmo afã para o mesmo fim. Já a matéria se adelgaçava... O mundo ideal é o mundo da dor, do sonho, é o universo reconstruído. A vida quotidiana é o maior dos dramas — com a vida oculta ao lado — e cada dia tem o peso de um século.

Ri-te agora. se podes da D. Leocádia, que rumina como Lady Macbeth as piores ruínas. Esta vida é feita de todos os nossos esforços e dos esforços do fundo. Somos apenas um reflexo dos mortos, e agora que tu queres falar com a tua voz, é que as ordens são mais categóricas e o conflito monstruoso. Segunda noite de luar, branco, estranho, inefável. Toda a noite o rouxinol cantou. Duas, três horas, e canta ainda apaixonado e frenético... Debalde quero

libertar-me dos fantasmas, debalde quero viver da minha própria vida!...

É que a vida não és tu nem eu, a vida é uma massa confusa e heterogénea, um pesadelo, uma nuvem negra ou uma nuvem de ouro, uma tempestade elétrica, com bocas abertas para risos e bocas abertas para gritos. Não é um detalhe — é um panorama. É um imenso farrapo dorido. Anda aqui a alma de Joana e a secura das velhas mesquinhas. É tão necessária a este fluido a dor muda do cavador como o sonho desconexo do Gabiru. Anda aqui a primavera, as lágrimas que tenho chorado e as que tenho ainda para chorar. Anda aqui a tragédia, a pedra, a árvore, a tua inocência e a minha desventura. Tudo isto se congrega, e esta alma não vive sem a tua alma, este grotesco sem o teu génio, esta vida sem a tua morte. Andam aqui os mortos e os vivos, a árvore que há de ser árvore e o tronco que se desfez em luz. É um ser imenso a que não vejo senão partes. Anda aqui a luz e a sombra, e a luz não se distingue da sombra nem a vida da morte. A vida está tão feita adiante de nós como atrás de nós. Está tão feita no passado como no futuro. Se o futuro ainda não

existe, o passado já não existe. E tudo isto se congrega. A vida absorve-me e ponho-a em ação. Impregna-me e faço-a caminhar. Pertence-me e pertenço-lhe. É o passado e o futuro — Jesus Cristo vivo, Jesus Cristo morto, e Jesus Cristo ressuscitado.

* * *

26 de Novembro

Estamos à superfície desse oceano embravecido, e o impulso vem das camadas mais profundas, das camadas informes. São todos. São até os que nunca tiveram olhos para ver, os seres esboçados, com mãos rudimentares, aparências de árvores e de figuras mutiladas. É a terra viva.

É só sonho, é sonho estreme e dor estreme. Cada um assiste à projeção da sua própria figura monstruosa no passado e no futuro, cada figura tem enfim as dimensões de dor, que as palavras, as regras e os hábitos lhe não deixavam ter. Cada alma é desmedida e trágica e vem

desde os confins da vida até ao infinito da vida. Cada um na floresta entontecida representa o máximo de sonho e o máximo de ternura. Cada ser é enfim um ser completo e dourado, atinge a beleza e Deus.

As florestas já mortas, a luz das estrelas desaparecidas no caos — tudo aqui está presente. O esforço dos mortos, o sonho dos mortos, o desespero dos mortos sobre mortos, o reflexo de ternura, a mão que amparou, a boca que sorriu, levadas pelo vento que soprou há dez mil anos, aqui estão vivos. Aqui está vivo o sonho que sonhamos todos, o primitivo sonho humilde e o sonho repercutido de século em século, assim como a tua voz compadecida. O sonho sepultado nas profundidades da terra, o primeiro resquício, o nada e o sonho frenético, tudo aqui está na floresta embravecida. E, com ou sem boca, com ou sem consciência, nunca mais deixarei de andar nisto, disperso, amalgamado, confundido, de fazer parte deste drama, queira ou não queira, proteste ou não proteste. Tudo é inútil, todo o esforço inútil, todas as palavras inúteis. Reconheço-o. Mas não me canso de pregar, não posso deixar de pregar, até cair vencido e exausto dominado e deslumbrado. Na

floresta embravecida, em que todos participam do mesmo ser, até a mulher da esfrega encontra enfim Jesus:

— Será vossemecê o José do Telhado que o tira aos pobres para o dar aos ricos?

— Sou um pobre de pedir.

— Será vossemecê Nosso Senhor Jesus Cristo que veio ao mundo para nos salvar?

* * *

30 de Novembro

Chega o momento em que me perco, em que tenho medo de mim mesmo, em que me atemoriza o som da minha própria voz. Quem sou eu? Os outros? Sou os outros? São eles que falam, que ordenam, que me impelem? Eu sou os mortos! Eu sou os mortos! Eu sou uma série de fantasmas, que se açulam entre mim e mim. Reconheço-os. O gesto esboçado há milhares de anos, e perdido, consumido, consegue hoje realizar-se, o gesto que a morte calou numa boca ignorada,

faz eco no mundo. Todos os sonhos são realidades, os mais altos, os mais humildes, os mais belos e os mais grotescos. Só os sonhos são realidade nesta noite quieta e caiada, com uma mancha vermelha de polo a polo.

Aqui está agora isto a que se chama noite de luar, branca, inerte, passiva, com a lua espargindo luz sobre o dourado. Aqui está a árvore, e era a isto que se chamava a árvore! Aqui está a pedra e era a isto que se chamava a pedra! Aqui está o céu e era a isto que se chamava o céu! Reconheço-vos.

A morte encontra-se só — cortaram a árvore pelo meio. Anda pelo céu como um cometa que desatasse aos tombos e aos gritos — de desvario em desvario. A cada grito empalidece, esbraseia, muda de cor, abre a cauda de ouro, de trambolhão em trambolhão...

A morte faz estremecer o mundo até à raiz. A morte já não tem a mesma significação. A morte é agora inútil e anda à solta no infinito, desgrenhada, dorida e dourada. Desespera-se. Tenho medo de lhe tocar. O drama que se passa em cima é maior que o que se passa em baixo. É pior este tumulto de inferno, este clamor de que me não chegam

as vozes, esta força incoerente de pé — todas as forças de pé — posta a caminho para o desconhecido. É pior. E a cada grito em baixo corresponde um grito em cima.

Reconheço o grito que sai da noite. São os vivos e os mortos... Mas então que significação tem isto no universo, a dizer palavras inúteis no meio desta balbúrdia, desta escuridão cerrada, deste dourado feroz, deste redemoinho sem nome? Para que é que eu existo e tu existes? Para que é que eu grito e tu gritas? Isto não és tu! Isto não sou eu! Isto é a vida temerosa, de que não representas senão uma insignificante partícula. Tu não és nada, a vida é tudo. O combate é incessante entre os vivos e os mortos, entre os mortos e os vivos. Todos gritam ao mesmo tempo, todos caminham ao mesmo tempo para o mesmo fim esplêndido. — Oh eu quero crer! — Por que é que gritas? — Fecha os olhos! Fecha os olhos! — Agora sou eu quem falo! Agora são eles que falam!

Oh minha alma pois eras tu! Agora te reconheço! Capaz de tudo, capaz de baixezas e capaz de sacrifícios. Tão pequena! Tão transida! Não vales nada e pudeste tanto! Oh minha alma, pois eras tu, eras tu! Pudeste arcar com o

universo, olhar Deus, construir Deus. Devo-te tudo: a ilusão, a tinta do céu, o sonho errático das vastas florestas. Eras tu! Eras tu!... Tem-me custado a dar contigo, tão mesquinha e capaz de povoares o céu de estrelas e o mundo de sonho. Atreves-te a tudo. Afirmaste. Negaste. Eras tu, sempre dorida, sempre ansiosa, nunca satisfeita, e coubeste dentro de quatro paredes. Tornaste-me a vida amarga. Encheste-me de ridículo. Atiraste-me aos encontrões contra a massa cega e compacta, levaste-me como restos de folhas nesta procela de sonho. Foste a melhor e a pior parte do meu ser.

Eras tu! E pude com esta enxurrada de cores, de tintas, de impulsos, a instigar-me e a deslumbrar-me! E pude ao mesmo tempo com a dor! Fiz parte da dor. A desgraça viveu comigo e o sonho viveu comigo. E pude com a vida! Atravessei este mar monstruoso, servindo-me de meia dúzia de palavras. Que importa ser ridículo? Que importa ser a D. Idalina ou a D. Engrácia? Suportei a vida — suportei tudo. Que importa a tua mentira, se atravessaste a labareda e ainda conservas o xaile tisnado?

Para onde vamos aos gritos? Para onde vamos aos gritos?

O peso da vida e o peso dos mortos sente-se cada vez mais. Todos clamam ao mesmo tempo de pé para essa coisa imensa e dourada, num deslumbramento. Os mortos que nos pareciam mortos, camada sobre camada, estão aqui de pé ao nosso lado.

E o peso é cada vez maior. Até agora vivíamos com eles, respirávamos com eles, mas não sentíamos o peso dessa poeira viva que é a sombra e a luz. Agora não podemos com eles...

E o lamento, o uivo sobe cada vez mais alto. Debalde tapamos os ouvidos: o uivo penetra nas almas. E a um grito em baixo corresponde logo um grito em cima.

E as mulheres das vielas põem-se a chorar, os ladrões das estradas desatam a chorar...

O uivo não cessa. Irrita. Enche o mundo todo. Quem grita? Nós próprios? O homem que range por não poder suportar a vida? O grito domina tudo, trespassa o globo e ecoa no mundo.

E outra coisa monstruosa tomou o lugar da morte, outra sombra se entranhou de salto na vida, outro turbilhão

arrasta os homens. Modificaram-se as estrelas com os sentimentos. Cada ser aumenta como se encerrasse em si a vida até aos confins dos séculos. O passado não existe, o futuro redobra de proporções. Perdeu-se a noção da desgraça e a noção do tempo, e a Via Láctea, onde se concentra toda a sensibilidade do mundo, alastra entre os astros, de lés a lés, numa enorme mancha de sangue.

Ouves o grito? Ouve-lo?... — É preciso matar segunda vez os mortos.

CAPÍTULO XIX

VÊM AÍ OS DESGRAÇADOS.

Veneza tornou ao pântano, Florença e os seus offici ardem: outro Savanarola queima em plena praça os quadros, as tapeçarias e as barbas postiças. Roma é uma ruína a juntar a outra ruína. Do Vaticano nem os ossos ficam: só o insaciável Coliseu continua de boca aberta a reclamar mais vítimas. Alguma cinza resta das bibliotecas de Londres, de Paris e de Berlim. Pêsames ao caruncho. Acabaram as literaturas, e os génios, reduzidos à imbecilidade, ruminam como o grande Chateaubriand, com um fio de baba:

Les petits cochons mangent de...

Et nons mangeons les petits cochons.

Destacam-se para a fronteira dois corpos de exército. Já a plebe, segundo a Havas, se deitou a caminho dos confins do universo, em massas que a humanidade se desabituara a ver desde as primeiras cruzadas. A vida oscila, pára, e

quem põe o ouvido à escuta sente o rumor da marcha iniciada... As crianças e os pássaros emudeceram, o que produz na terra um silêncio atroz. Os olhos encheram-se-lhes de uma tristeza irrefletida, inocência e extrato de vida, sentimentos que se não coadunam. Tenho vontade de fugir, de me meter num buraco onde não ouça rumor... Avança direita a mim a marcha de pesadelo. Mais perto! mais perto! O círculo estreita-se, o negrume povoa-se de olhos aguados. Redobra, arfa, estende-se. São os pobres. É preciso matá-los. Não cabemos todos — não se cabe na terra. É necessário convencê-los de que a morte liberta e iguala... Até aqui a desigualdade terminava diante da morte. Agora o rico corrompe-a com um punhado de ouro. E há pobres de mais. Ser pobre é a pior das desgraças; é agora ser duas vezes pobre.

Debalde tapo os ouvidos: o rumor sobe cada vez mais alto. Ouço um grito como se eu próprio gritasse. Do escuro avançam multidões confusas, que se despegam da penumbra como se o negrume as criasse, para arrancarem, leva atrás de leva, na mesma direção e no mesmo ímpeto. Morrem de fome, dizimam-nas à bala. Já a sombra vomita

outras multidões desesperadas. Não há quem as detenha. Marcham sempre. E ao fundo agitam-se novas forças empurradas pela mesma força...

Na França, na Itália, na Rússia, o exército bandeia-se com a plebe. Na barafunda da Europa ardem aqui e ali cidades inteiras. Um brasido e gritos... E os últimos telegramas denunciam coortes sobre coortes de povos afastados marchando também no mesmo sentido. Mais gente, multidões de sonho. Redobram as passadas monstruosas... Paris arde, em Londres não fica pedra sobre pedra. A massa converge e dirige-se, como nas cruzadas, para o mesmo ponto magnético da terra. E já nos confins da Ásia, na China e na Índia, se podem seguir no mapa idênticos redemoinhos e se aprestam caravanas para o mesmo destino. Os pobres não querem morrer. Caminham, e por vezes tomam uma cidade de assalto, e detêm-se minutos ou dias violando mulheres, arrasando bancos e arrastando na lama farrapos inúteis ou coroas de reis. A soldadesca acaba-os à baioneta como rebanhos amedrontados, mas outra massa inesperada ressurge, outra multidão mais espessa com gritos e cóleras. Em Berlim saqueado, o

exército cerca a cidade e extermina-os até à última, mas Berlim é uma mescla de restos e de muros enfumados onde comanda um general. Em Paris, o povo, depois de arrastar pelos boulevards mulheres nuas, princesas, cantoras ou meretrizes, encharca de petróleo os museus e deita-lhes o fogo. Viena arde. Por último cessa toda a comunicação telegráfica, e só mais tarde se sabe que, por acordo realizado entre as potências, um governo central resolveu defender alguns pontos estratégicos, os Pirenéus, os Alpes, os maciços centrais, como última tentativa de resistência. Quem pode, porém, contar com a fidelidade da tropa? A loucura pega-se, e na noite os soldados ouvem gritos dentro de si próprios e atiram fora as armas, bandeando-se com a plebe.

Outras bases de vida! Outras bases de vida! Desaba o cenário de pano e ripas. Não se sabe de que antros irrompe esta casta, que ninguém viu até hoje e que destrói tudo. Depois dos pobres, vêm outros mais pobres ainda; depois dos desgraçados, vêm outros mais desgraçados ainda, e arrasam as ruínas que os primeiros deixaram de pé. Debalde contra a força desabalada manobram os pequenos

exércitos coligados — vários milhões de homens. Atrás da massa impenetrável, resiste outra massa impenetrável. Ceifada a horda, outra horda se apronta para a morte. De que vale ser rei, senhor de aquém e de além mar, de tesouros e povos? Tomara eu ser mendigo! Bem dizia o outro: «Experimentamos o amor — experimentemos agora o ódio». Os últimos telegramas dão a situação como desesperada. Surde uma gente de que se não sabe a língua e que talvez não saiba falar. Liberdade, igualdade, fraternidade, parlamento, questão social, tudo é varrido como lixo. Tudo o que mantinha o pobre na pobreza e o rico no gozo, desapareceu de vez. Escacou-se a vidraça por trás da qual a plebe observava a vida, sem se atrever a parti-la.

— Defendam-se! Defendam-se! Não há a esperar piedade!

— De onde saem agora estes homens seminus?... A Inglaterra caiu nas mãos dos mineiros, e nem resquícios existem dos jardins verdes e imóveis, simulacros da natureza, onde nem o vento se atrevia a perpassar, nem da hipocrisia, nem da flor branco e ouro do patriciado. Resta a populaça cheia de álcool, aquecendo-se ao lume de Westeminster. Reduziram a cacos as máquinas, e os bancos escorrem ouro como os vivos escorrem sangue. Os homens

amarelos, de chapéu de coco e rabicho, pegaram fogo a Pequim. Crepita a majestosa avenida, que conduz ao Palácio Imperial, por entre monumentos seculares e balaustradas de mármore. Paris é uma fogueira, mas em Montmartre ainda se canta: não há dor que cale aquela voz esganiçada. Um velho ator coroa-se imperador da Gália, logo varrido com a sua corte de opereta. — Eu sou deus! Eu sou deus! — clama outro. E outro prega: — Eu sou o profeta Elias! — Histriões conseguem arrastar bandos fanatizados. Reclamam o dízimo e agregam alguns hipocondríacos com realejos e discursos. — Eu sou deus! Eu sou deus! — Mas o mundo já não suporta facécias... Resta a fome, o egoísmo, a dor — o homem em frente do homem. Anda o horror à solta e na obscuridade só se ouvem gritos. De todos os buracos do globo surgem mais seres estranhos dirigidos por hordas quiméricas. Contra eles manobra a cavalaria cujo galope abala a terra. É quando se extingue de todo a piedade e se realizam as palavras da Escritura: «Entre os humanos não há fé nem lei... »

O primeiro bando que corre as ruas da capital é facilmente disperso, mas à noite a esquadra sublevada bombardeia o arsenal e novos grupos armados assaltam os quartéis. A rainha mãe exige que o filho carregue à frente das tropas, mas o moço príncipe abandona o palácio e encerra-se na cidadela com alguns batalhões fiéis e meia dúzia de oficiais chamuscados. Na rua comanda o povo um homem colérico, com dragonas de museu e a espada tinta de sangue na mão crispada.

Arrombam as repartições e os cofres. Atiram para a rua bagatelas, móveis, e um político de barriga balofa, lunetas caídas e olhos esbugalhados de terror. Ao lado espetam um letreiro: — Basta de discursos! — E o cadáver, ao fim de uma vida de crápula, retórica e charutos, adquire não sei quê de fictício, de palhaço irreal, que à custa de abjeção se fez trapo e cabe bem no enxurro. — Mata! Mata! — Alguns refugiam-se debaixo das camas. Lá os rebuscam mãos coléricas. Quebram tudo, que não compreendem e os irrita: móveis, estátuas, quadros. Num arranco, que vem da inconsciência, despedaçam os homens imponentes, as mulheres decorativas e os palácios inúteis: — Deitem tudo

abaixo! Deitem tudo abaixo! Neste mundo os mais honrados são os que estão na cadeia. Queimem tudo! Queimem tudo! Queimem os papéis, queimem os jornais, queimem todas as ninharias, todas as mentiras e todo o grotesco contemporâneo. Ai de ti se és pobre! A pobreza é a única chaga e a única infâmia. Ai de ti se és pobre que és escarnecido e ludibriado. Deitem tudo abaixo, os albergues e os asilos. Deitem os hospitais abaixo! Peguem fogo a tudo!

O ribombo da artilharia mistura-se ao uivo da besta luxuriosa, aos gritos de terror e de loucura, ao rugido da infâmia e ao vómito dos bêbados. Ao longe não cessa o crepitar das metralhadoras. Às esquinas estacam bandos com olhos atónitos de quem vê pela primeira vez realizado os seus sonhos. Aqui e ali a cidade deita as tripas à rua — um velho canapé servido, um canapé suspeito, com nódoas e a crina de fora ao lado de farrapos e restos. Um homem, dois homens esburacam um muro, indiferentes aos gritos da populaça, absortos na sua obra: a parede de um banco, ou uma vingança a satisfazer. Num recanto rodeiam um cadáver seminu algumas raparigas com uma curiosidade

perversa. Mais bandos de fantasia e sonho, bandos de crime, guarda-roupa de teatro, guarda-roupa de palácios, guarda-roupa da realeza. Os soldados atiram à bala rasa sobre os insurretos. Meia cidade arde. Erguem-se novas barricadas. Vagueiam nas avenidas, sem chefes e sem norte, regimentos despedaçados, e os cavalos abalam num galope de dor com as tripas a rasto. O grande general, refugiado no quartel, arvora a toda a pressa, perante a plebe ameaçadora, a fralda da amante na ponta duma espada. Alguns destroços conseguem retirar em ordem para a cidadela, onde a rainha mãe, com um chapéu de plumas e um chicote na mão, remoçada e loira, aponta os canhões e dispara-os, à duquesa de Montpensier.

Nessa noite a loucura atinge o auge: sai tudo para a rua, velhos e doentes fugidos ao hospital, trapos como nunca se viram trapos, figuras como nunca se sonharam figuras. Um com uma arma inútil, outro com um calhau. Riem de desespero porque vão matar. Vem tudo: vem o pobre, os empregados a quem a submissão curvou, com um ódio entranhado aos papéis, aos cadastros, às bibliotecas e aos arquivos que tresandam a bafio, as mulheres e os doidos.

Destroem tudo: os museus de arte que a multidão não compreende, e o mundo de artifício que só foi possível à custa da sua dor. Ardem os asilos, os hospitais e os quartéis, as casas de luxúria, as convenções, o bem e o belo, arde tudo, tudo regado a excelente petróleo flameja e crepita por essa Europa fora. É o secreto instinto da besta que não quer sofrer mais, que não quer pensar mais, e que se traduz por este grito supremo: — Regressemos ao Paraíso, regressemos à animalidade. Só o homem morre, porque sabe que morre. — Por toda a parte desesperos, lágrimas inúteis, urros de besta saciada, por toda a parte sangue, álcool, clarões de incêndio. O homem regressa à caverna e aniquila a inteligência, a dor e a dúvida... — Nunca a noite me pareceu mais bela nem o ar mais puro. O coração bate-me com um largo ritmo diante deste espetáculo, e aspiro violentamente o cheiro amargo a eucalipto e a sangue como quem aspira um perfume...

Entre as alas da multidão que se comprime começa o desfile dos prisioneiros de guerra. Vêm primeiro os ministros, depois as prostitutas, depois atrizes representando as últimas revistas, depois diplomatas

representando os últimos papéis, depois a finança e os bancos, depois músicas. Segue a Igreja e os seus grandes prelados, e o génio que não serviu senão a sua vaidade e o seu egoísmo; a arte e os seus grandes ouropéis; os juízes, a magistratura, a complicação para ganhar dinheiro e um catafalco monstruoso, um catafalco complicado e inútil. Toda a gente assiste sem um grito, sem uma exclamação, sem uma palavra. Seguem o préstito meninas com asas e mantos azuis, meninas com legendas, músicas esbaforidas, e um homem convencido, que solta pombas brancas sobre a multidão. Acompanham-no outros com dísticos de papelão dizendo: Felicidade universal — Paz, unido 'e progresso — Moralidade — Fraternidade! Fraternidade! A passo avançam servos com algumas cabeças degoladas em pratos de cobre, alguns reis a dançar como o profeta David, o corpo de baile do teatro da Ópera, dor, mistifório, absurdo e chufas. Gente às gargalhadas e uma mulher pálida, com olhos de espanto e as mãos torcidas de desespero. Alguns cadáveres arrastados pela lama, algumas meretrizes nuas, alguns homens notáveis de grandes barbas postiças. Damas vaporosas, a mulher de cabelos pintados, bela como um animal, adorada como nunca o foi pela bestialidade e pelo

instinto, e com ela himalaias de farrapos, de chapéus, de rendas reduzidas a cisco, que se enredam nas pernas, voam ao vento, e se amontoam nas ruas. Segue o respeitável corpo médico, e depois as gerações superiores que tiram da vida o máximo rendimento que a vida pode dar, sabendo manejar os homens e fazendo à noite o cálculo do seu dia, e atrás a mudança trágica de uma velha casa sem serventia, com coisas imprevistas de grotesco, trapos, velhos retratos de comendadores, móveis suspeitos, lixo, e a D. Idalina num coche atirando beijos à multidão... E com isto dor. Um intervalo e começam a desfilar figuras conhecidas — o cónego Firmino de óculos de ouro, que escrevia sonetos à Virgem, falava de liberdade, ordem e Igreja e preparava-se para bispo, e, perdido no tumulto do cortejo, o grande Teles Militão, chefe de partido, com a mão no peito, repetindo mecanicamente as grandes frases dos seus grandes discursos, o Melo, o Sampaio, o intrujão político, o janota, o pelotiqueiro, o que faz recados ao último conselheiro, e outras figuras insignificantes e burlescas, tudo confundido e disperso na mesma lama, atrás do andor do Senhor dos Passos da Graça. A corte, bambinelas, um estandarte, homens desvairados, desfechando as clavinas, um coro de

revista, cartazes de teatro anunciando as últimas representações, um redemoinho, uma pausa, um grito de terror, um alucinado que se desespera por falar e não consegue falar, mais restos, um quadro de papelão inexplicável e confuso, acarretado por homens solenes, um longo intervalo, máscaras em silêncio atroz, e depois Jesus arrastando uma cruz imensa, no esforço de quem carrega o mundo. É um Jesus com séculos de existência. Cai, ergue-se, e quando se ergue e nos encara, vê-se-lhe a face ignóbil (S. Cirilo) onde se estampam todas as nossas dúvidas e todos os nossos crimes. Um hiato, outro redemoinho, e apercebem-se ao fundo, entre a confusão, o terror e o espanto, prisioneiros com as mãos decepadas. Vem aí a dor, a mixórdia, e uma procissão com uma série de andores complicados, seguidos por homens que tomam a sério o seu papel. Acompanha-os um doido, que, de vez em quando, bate com a cabeça no chão e exclama: — Fui eu que os criei! Fui eu que os criei! — Um rugido de gente desvairada: — Não queremos sofrer mais! Não queremos sofrer mais! — E, lá para a obscuridade, não sei que engrenagem se arrasta, que avantesma se desloca a custo, no silêncio cada vez mais profundo, entre o terror, a

crueldade e o remorso, e mais sombras temerosas que se agitam na sombra, mais multidões confusas, mais risadas e súplicas — e o soluço de quem não quer morrer, de quem lhe custa a morrer. Por último o caos. Por último a sombra opaca.

Ao quarto dia a situação modifica-se. A tropa fiel concentra-se em volta da cidadela e a rainha passa-lhe revista a cavalo, sob o fogo da populaça. O telégrafo volta às mãos do governo. Meia dúzia de oficiais novos, substituem os políticos espavoridos. Na Europa a situação também melhora, e alguns emissários do estrangeiro estão reunidos em Palácio...

Salão enorme com o teto arrombado pelas granadas: no alto um pedaço de céu cor de fogo. Atirados para um canto dois cadáveres de soldados, como dois manequins. Grande mesa, cadeiras empertigadas, com coroas a ouro no alto dos espaldares, que só se encontram nos guarda-roupas dos teatros ou nas salas dos conselhos de estado. Pesados reposteiros caídos e rotos, espelhos, mesas com lacinhos dourados e festões, estilo disto, estilo daquilo, pompas, farrapos que não tornam a servir, e que parecem mais

grotescos com a revolta ao fundo. À roda da mesa, com tinteiros de metal amarelo e papéis alinhados, alguns homens dispersos ou reunidos em grupos, três oficiais, um banqueiro, um cardeal e um padre, pálidos e glabros dois tipos vulgares vestidos de preto — o conselho de estado. Um homem preside a esses homens com séculos de vida diante de si, figurinha insignificante, míope, de barba rala, animal de sangue frio, impenetrável e correto.

— De hoje em diante a humanidade separar-se-á em duas castas — os super-homens e os outros. Era fatal.

— Mas o progresso...

— Como em todas as grandes épocas históricas voltaremos a ditadura. Organizemo-nos. Não há tempo a perder.

Vem de fora o rugido da multidão, estampidos longínquos, o tiroteio da fuzilaria — depois o silêncio — depois um bramido de cólera. O clarão do incêndio projeta-se nas vidraças. O céu arde.

— A vida pertencerá à casta, ao resto da humanidade é necessário encurralá-la na escravidão.

— E quem os há de conter?

Um oficial glorioso e chamuscado entra na sala para receber ordens. E o homem duas vezes lhe repete:

— Acima de tudo a ordem.

As ideias de demência em que alguns insistem vão-se transformando, à medida que o ruído do canhão se afasta, em violência e dureza.

— Fuzilam-se?

— Fuzile, fuzile.

Aumenta o tiroteio, domina-o o estrondo do canhão, e a luz do incêndio ilumina a sala como um dia de Agosto. Ele explica, sem se alterar, com laivos de espuma ao canto da boca:

— Massacram-se. É necessário massacrá-los, massacram-se. A sociedade tem de se reconstituir noutras bases, a humanidade de se vazar noutros moldes. Continuemos... Mudou tudo no mundo, o mundo transformou-se. A história do dinheiro é a história da nossa vida. É preciso extorqui-lo ao cobre, ao chumbo, à

desgraça. As grandes questões não são hoje as questões morais — são as questões económicas. As questões máximas a resolver são as questões de tarifas, as dificuldades de transporte, as questões metalúrgicas. Rasga-se a África, exploram-se os minérios de Orenza. Unem-se os Creuzot, os de Chatillon Commentry, os de Marine Homécourt. Organizam sindicatos os Krupp, os Tryssen, os Gesen Kirckener. Os Carnegie, os Rockefeler, os Morgan, fazem à sua vontade a fome e a fartura. O globo enche-se de altos fornos, de fios telegráficos, de vias férreas. O mundo mudou. Já tinha mudado! Já tinha mudado! Em cada homem o homem interior era outro. Já havia duas castas, a casta superior e o rebanho. Agora o super-homem não tem escrúpulos. Melhor: já não tropeça com a morte, assenta sobre bases indestrutíveis. Aos outros é preciso contê-los na desgraça, reduzi-los à desgraça — se queremos viver. Reparem: cada vez há mais gente que cruza os braços e espera, que emudece e espera. A inveja e o ódio alastraram como corrosivos. Temos de os conter ou estamos perdidos...

De novo o oficial ergue o pesado reposteiro vermelho, e troca com ele palavras apressadas e breves.

— Sim, sim, cumpra as ordens e não me interrompa outra vez.

— Todos.

E rapidamente:

— Mulheres e crianças?

— Todos.

Uma descarga lá fora — um clamor de desespero no espaço — estilhaços prolongados — um silêncio atroz.

E no mesmo tom embirrento, inalterável e monótono, ele continua:

— Vejamos a situação cara a cara. É preciso.

— Mas como explicar depois nas câmaras?...

— As câmaras acabaram. Tudo que era perigoso e inútil desapareceu para sempre.

— Quem manda então agora?

— Nós, os super-homens. Não me interrompam... Nesse momento acaba de ser varrida a multidão. Dei ordens para que o massacre continuasse. É preciso incutir-lhes terror. Continuará por muitos dias com excesso.

Abre as janelas de par em par. No céu rubro não corre aragem. O rumor do combate afasta-se...

— E a imprensa?

— Temos de manter a ignorância e de suprimir a imprensa. De hoje em diante só são permitidos em todos os países os Diários Oficiais, com a publicação de leis e decretos. A imprensa é uma força que só pode existir nas mãos do estado. Custou a compreendê-lo. É restabelecida para os livros a Real Mesa Censória, suprimindo o júri e a liberdade de reunião.

Uma voz avançou:

— Vamos com método.

— Já se não ouve rumor. Vamos com método... É evidente que estabelecida uma casta, cuja vida se prolongará até duzentos, trezentos anos, suprimida a

velhice, arredada a morte para confins ilimitados, esses homens adquirirão a omnipotência.

— E por que não todos os homens?

— É cruel dizê-lo, mas nós estamos aqui para discutir realidades... Se todos os homens pudessem viver tanto tempo, todos adquiririam a riqueza e o poder. Em meio século de vida normal, só por exceção ou por acaso o homem saído das classes pobres chegava às honras e à plenitude da força. E quando chegava — génio, persistência ou astúcia — chegava velho e exausto. Agora não. E com uma existência duas, três vezes secular, quem se resignará à miséria, à fome, ao trabalho? Revolta, exaspero, o saque... Os senhores querem conservar as suas riquezas, o seu prestígio, e transmiti-lo aos seus filhos? Eis a questão... Se sim, as fantasias dos filósofos, as palavras de piedade, de liberdade, de igualdade, de justiça, têm de desaparecer de vez. Para sempre. O mundo é nosso.

— É cruel! — exclamou um homem de negro.

— É assim. Não há, nunca houve outro processo de governar, senão a corrupção e a força. Sempre foi assim.

Até aqui a casta dominante tinha de recrutar e corromper os que saiam da multidão anónima. Agora não.

— E como contê-los?

— Pela ignorância. O soro é reservado apenas para alguns génios, para os imperadores e príncipes e para a gente que dominará o mundo pela riqueza e pela inteligência. Faremos caminhar o rebanho no caminho do dever, na ignorância e na dor. Para nós a vida consciente... A revolução está dominada em toda a terra. — E mostrou o maço de telegramas acumulado sobre a mesa. — E com atrocidades para que o pavor domine por muito tempo no coração dos fracos. Resta-nos este trabalho colossal: assentar noutras bases as sociedades humanas. Os países da. Europa com os da América confederam-se em estados unidos. Reis, imperadores, a casta, ditarão as leis necessárias. Pertencem-nos os grandes generais, os grandes banqueiros, todos os poderosos da terra. O poder oculto, decisivo e rápido, deve emanar de uma cidadela rodeada pela força. O resto da humanidade está destinada a servir-nos.

Outra vez o oficial, roto e chamuscado, surgiu entre o farrapo do reposteiro:

— Dispersos, dominados, mortos, mas ninguém contém a soldadesca.

— Nem é necessário. Deixe os soldados na sua obra de destruição.

— De acordo, de acordo — assentiram todas as vozes.

E um homem seco, que se ergue do extremo da mesa, vai ao fundo de todas as consciências:

— É preciso contê-los. A questão é de dinheiro, a questão é de interesses. Queremos defendê-lo, queremos transmiti-lo aos nossos filhos. Ou eles ou nós!

— Essa é que é a questão! — exclamou o banqueiro imponente. — Eis a ferida! No fundo de todas as revoluções só havia uma ideia: tirar-nos o dinheiro. Era na verdade a única revolução que tinha razão de ser. Custou-lhes a resolver-se, mas lá chegaram enfim, à grande, à lógica revolução — à do saque. Era isto que metia medo quando se falava de revolução, era isto que no fundo alvoroçava as massas. Lá chegamos, já chegamos, porque o resto não

passava de engodo. Veio o dia em que o pobre se quis vingar de ser pobre, e o rico teve medo de ser rico. É claro que isto já não cabia dentro disto, este mundo novo dentro do mundo antigo. É preciso contê-los! É preciso contê-los! Criemos agora um mundo que nos pertença. Vencemos — vençamos de vez e para muitos séculos. O ouro é nosso e o mundo é nosso.

— Mas como conservar o povo na dor, na resignação e no dever? — perguntou, teimou, a mesma figura mesquinha, rei de qualquer parte ou de qualquer coisa.

— Cegamo-los. Arrancam-se-lhes os olhos e levamo-los para onde quisermos. Acabaram as revoluções. Nunca mais perderão tempo em lutas estéreis. E calculam, se podem, a que prodígios levaremos essa multidão anónima, sempre pronta a obedecer, passiva e cega, as maravilhas que poderemos arrancar da massa bruta e fiel, dirigida por homens de ciência, cujo saber se acumulará durante séculos. Que prodígios!

— De que não gozarão...

— E quando o gozaram? As coisas belas da terra pertenceram sempre aos poderosos.

— É certo.

— Dominá-los-emos pela ignorância. — E logo com um sorriso (era a primeira vez que sorria) — E para isso contamos com a Igreja.

— A Igreja está na verdade connosco, afirmou logo essa figura colérica, o Santo.

Do lado, um desses seres de perfil de judeu, mãos curtas como patas, e unhas roídas até ao sabugo, riu com um riso interior, um glu-glu irónico, mal reprimido. Mas logo o Santo, de pé, respondeu:

— Não se ria, senhor, não se ria, nem atribua as minhas palavras a intuitos mesquinhos. Se há inferno, se há outra vida, a todos nós está reservado um futuro de desespero. Mas eu sacrifico-me, a Igreja entende que deve sacrificar-se pela Igreja e pelos pobres. Se a vida humana se prolonga para todos até aos quinhentos anos, como será possível desviar os homens do gozo e levá-los para a dor? Que ao menos o reinado da matéria pertença ao número ínfimo,

para que a Igreja se conserve de pé e adquira em grandeza. Maior será o número de desgraçados, de ignorantes e de cegos, mais inabalável será a Igreja, pequena para os conter, nos seus fundamentos. Que querem dizer essas palavras de igualdade e liberdade — de liberdade da qual alguém afirmou: «A liberdade só tem significações absurdas em moral, sinistras ou estúpidas em política. »Restabelecido o Santo Ofício...

— A infame Inquisição outra vez?!

— Cale-se senhor! A Inquisição era idealista. — E continuou serenamente: — Sim, metam o pobre dentro de dois muros para que possa atravessar a vida; de um lado e de outro ergamos uma muralha (quanto mais alta melhor!) para que possa ir desde o berço à cova, na miséria e na desgraça. Não o deixemos levantar os olhos para não se transviar do rebanho. Os grandes prelados, o Papa, pertencerão à casta, dão a sua adesão com sacrifício. É assim... E depois Deus disse:

«Bem-aventurados os que sofrem porque serão consolados»;

«Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus».

Sacrificamo-nos pela salvação da humanidade. Ceguemo-los.

— É assim — disse o homem. Suprimida a instrução, mantidos no dever e na ignorância pela Igreja e pela força, restam-nos ainda dias gloriosos e tranquilos. Seremos o Cérebro. Os sábios, os diplomatas, os reis, os homens de estado pensarão por eles. Outra época se vai abrir na história da humanidade.

— Ceguem-nos! Ceguem-nos!

Apagou-se o reflexo do incêndio: a primeira claridade do dia ilumina agora o salão enorme, a mesa coberta de papéis em desordem, os dois soldados mortos a um canto, e os homens lívidos, resolutos e transfigurados.

— Isto reduz-se, afinal, a quê? A que até agora iludiam-se os pobres com palavras e fórmulas. Agora não — Cegamo-los. Que lhes resta?

— Resta-lhes a religião. Voltarão de novo ao seio da Igreja.

* * *

25 de Dezembro

Nas avenidas de légua erram alguns cães famintos, e os vastos coliseus, os hotéis para estrangeiros, desfazem-se em cisco. Os quatro mil habitantes da pequena vila, perdem-se entre o cenário, a lona, as pastas que esfarelam, o estuque que desaba, o cimento que esboroa. Por uma parede arrombada, vê-se o papel da sala de visitas de Adélia, as cadeiras de palhinha, dois castiçais de prata, uma mesa derrubada a que falta a base, e, entre dois tabiques, a prima Angélica curvada sobre o mesmo pé de meia, que já tem três léguas de comprido. Da catedral, de velho granito, existe a porta, e da muralha antiga um único pano se conserva intacto, sem ameias, como uma fera a que tivessem partido os dentes... Mas a vida persiste, a vida insiste. Já os hábitos tornaram à supuração. Na botica deserta dois homens recomeçaram uma partida de gamão. Abriu hoje a repartição de fazenda — e da mesa de jogo,

com o candeeiro em cima, de novo se aproximam, pé ante pé, estas velhas figuras puídas, embrulhadas nos xailes sem pêlo...

Estamos aqui todos à espera da morte! Estamos aqui todos à espera da morte!

Foz do Douro — 1916.